

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Ana Luzia Caixeiro

**FRATERNIDADE CÓSMICA UNIVERSAL: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA
DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO.**

Juiz de Fora

2013

Ana Luzia Caixeiro

Fraternidade Cósmica Universal: um estudo sobre a dinâmica do diálogo inter-religioso.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2013

Ana Luzia Caixeiro

Fraternidade Cósmica Universal: um estudo sobre a dinâmica do diálogo inter-religioso.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração: Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 29 de abril de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Émerson José Sena da Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. José Maria da Silva
Universidade Estácio de Sá

DEDICATÓRIA

*À minha mãe, Ivaita César do Nascimento
Caixeiro, por todos os motivos que nem todas
as palavras conseguiriam explicar.*

AGRADECIMENTOS

Aos membros do grupo Fraternidade Cósmica Universal pela generosidade com que me acolheram, permitindo que esta pesquisa fosse realizada.

Ao Prof. Dr. Volney Berkenbrock por acreditar na execução deste projeto e aceitar orientá-lo, mostrando-se sempre disponível nos momentos de dúvida ou apreensão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora pela seriedade e competência demonstradas na organização do Curso de Mestrado.

Ao Colégio Militar de Juiz de Fora pelo apoio recebido durante o período de realização deste trabalho.

À Elisangela Alves pela colaboração com os títulos e à Mayra Caixeiro pela ajuda na seleção das fotos.

Ao Jales Fonseca pela colaboração na elaboração do abstract.

Ao Thiago Peron pela colaboração com a formatação do texto.

À Rejane Granato pela companhia e ajuda durante o trabalho de campo.

E por fim, mas não por último, um agradecimento especial à minha família pela inestimável colaboração. Ao Clinger pelo incentivo, pelo apoio e pela infinita paciência; e às minhas filhas Leana e Diana pelo estímulo, compreensão, carinho e ajuda em todos os momentos, sem essa parceria o trabalho teria se tornado muito árduo.

RESUMO

Este trabalho tem como foco o estudo da Fraternidade Cósmica Universal, um grupo sediado na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. O grupo realiza encontros entre segmentos religiosos e não religiosos, promovendo o conhecimento, a interação e o diálogo entre as diversas tradições. O objetivo desta pesquisa foi compreender essa dinâmica. Para sua execução foram realizadas visitas ao grupo, observações, participações em suas atividades e entrevistas com seus membros efetivos e visitantes. O resultado encontra-se organizado em três capítulos. No primeiro capítulo serão abordados o diálogo inter-religioso no atual contexto do pluralismo, a questão da identidade, da busca pelo sentido e as novas configurações religiosas. No segundo capítulo serão apresentados a criação e o histórico do grupo, as atividades desenvolvidas pela casa, a dinâmica dos encontros e os espaços físicos onde ocorrem. O terceiro capítulo apresentará os personagens envolvidos nesse processo, suas trajetórias até o grupo e as funções que desempenham na construção de um espaço para o exercício do diálogo inter-religioso e na formação de uma identidade para o grupo. A análise final apresentará os elementos desta dinâmica do diálogo inter-religioso que ocorre na Fraternidade Cósmica Universal.

Palavras-chave: pluralismo, diversidade religiosa, diálogo inter-religioso, identidade religiosa, trajetórias religiosas.

ABSTRACT

This research focuses on the study of the Fraternidade Cósmica Universal, a group headquartered in the city of Petropolis, Rio de Janeiro, Brazil. The group set up meetings between religious and non-religious segments, promoting knowledge, interaction and dialogue between different traditions. The purpose of this work was to understand this dynamics. For its implementation, visits were done to the group, observations, participation in activities and interviews with its members and visitors. The result of this research is organized into three chapters. In the first chapter will be addressed interfaith dialogue in the current context of pluralism, the question of identity, the search for meaning and new religious settings. In the second chapter will be presented the creation and history of the group, the activities of the home, the dynamics of the meetings and the physical spaces in which they occur. The third chapter introduces the characters involved in this process, their trajectories to the group and the roles they play in the construction of a space for the exercise of interfaith dialogue and the formation of an identity for the group. The final analysis will present the elements of the dynamics of interfaith dialogue that occurs in Fraternidade Cósmica Universal.

Keywords: pluralism, religious diversity, interfaith dialogue, religious identity, religious paths.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: imagem do portão da Fraternidade Cósmica Universal (arquivo pessoal). | 34 |
| Figura 2: imagem do templo situado no segundo andar da sede (site)..... | 40 |
| Figura 3: imagem do altar do templo (site). | 40 |
| Figura 4: portão de entrada da sede da Fraternidade Cósmica Universal (site). | 59 |
| Figura 5: portão de entrada da sede da Fraternidade Cósmica Universal à noite (site). | 59 |
| Figura 6: imagem de uma das rampas de acesso ao salão principal (arquivo pessoal). | 60 |
| Figura 7: imagem do salão principal da Fraternidade Cósmica Universal (site). | 61 |
| Figura 8: imagem da cruz de São Damião (site). | 62 |
| Figura 9: imagem do salão principal da Fraternidade Cósmica Universal durante a realização de uma palestra diurna (A. P. Ligeiro)..... | 64 |
| Figura 10: imagem do salão principal da Fraternidade Cósmica Universal durante a realização de uma palestra noturna (site)..... | 64 |
| Figura 11:imagem do convite para o jantar árabe (A. P. Ligeiro)..... | 66 |
| Figura 12: imagem tenda árabe (A. P. Ligeiro)..... | 67 |
| Figura 13: imagem do salão antes do jantar (A. P. Ligeiro)..... | 67 |
| Figura 14: imagem do salão durante o jantar (A. P. Ligeiro)..... | 68 |
| Figura 15: imagem do convite para o festival da tainha (A. P. Ligeiro). | 70 |
| Figura 16:imagem do altar ornamentado para o festival de tainhas (A. P. Ligeiro). | 70 |
| Figura 17:imagem do salão antes do festival de tainhas (arquivo pessoal)..... | 71 |
| Figura 18: imagem do salão durante o festival de tainhas (arquivo pessoal). | 71 |
| Figura 19: imagem dos membros da Fraternidade Cósmica Universal na comemoração pela passagem do nono aniversário do grupo (A. P. Ligeiro). | 74 |
| Figura 20: imagem do convite para o jantar chinês (A. P. Ligeiro). | 75 |
| Figura 21: imagem do salão antes do jantar chinês (A.P. Ligeiro). | 76 |
| Figura 22:imagem do altar ornamentado para o jantar chinês (arquivo pessoal)..... | 76 |
| Figura 23: imagem do salão durante o jantar chinês (A. P. Ligeiro)..... | 76 |
| Figura 24:imagem do altar ornamentado para a festa das crianças (A. P. Ligeiro)..... | 78 |

| | |
|---|-----|
| Figura 25: imagem da festa das crianças no jardim da casa (A. P. Ligeiro). | 78 |
| Figura 26; imagem do templo budista construído no Vale do Amor (arquivo pessoal)..... | 79 |
| Figura 27: imagem do templo budista construído no Vale do Amor (site). | 79 |
| Figura 28: imagem do espaço umbandista no Vale do Amor (arquivo pessoal)..... | 80 |
| Figura 29: imagem do espaço umbandista no Vale do Amor (arquivo pessoal)..... | 80 |
| Figura 30: imagem do nicho de Lourdes e Bernadete no Vale do Amor (site). | 81 |
| Figura 31: banco em frente ao nicho de Lourdes e Bernadete (arquivo pessoal)..... | 81 |
| Figura 32: imagem da maquete do hospital exposta no salão principal da sede da Fraternidade Cósmica Universal (arquivo pessoal)..... | 82 |
| Figura 33:imagem do gramado com o símbolo Tei-Gi no Vale do Amor (arquivo pessoal)..... | 82 |
| Figura 34: imagem do gramado com o símbolo Tei-Gi no Vale do Amor visto do alto (arquivo pessoal)..... | 83 |
| Figura 35: imagem da igreja de Francisco e Clara no alto da montanha no Vale do Amor (arquivo pessoal)..... | 84 |
| Figura 36: imagem do altar da igreja de Francisco e Clara no Vale do Amor (arquivo pessoal). | 84 |
| Figura 37: imagem da inauguração da igreja de Francisco e Clara no Vale do Amor (site)..... | 103 |
| Figura 38: imagem da celebração universalista no Vale do Amor (site). | 103 |
| Figura 39: imagem do momento da palestra proferida por Frei Volney Berkenbrock (A. P. Ligeiro). | 104 |
| Figura 40: imagem do momento da palestra proferida por Frei Volney Berkenbrock (A. P. Ligeiro). | 104 |
| Figura 41: imagem do momento da palestra proferida por Giovane Quadrelli (A. P. Ligeiro) | 107 |
| Figura 42: imagem do momento da palestra proferida por Giovane Quadrelli (A. P. Ligeiro) | 107 |
| Figura 43:imagem do momento da palestra proferida por Kirit Dave (arquivo pessoal)..... | 108 |
| Figura 44: imagem do momento da palestra proferida por Kirit Dave (arquivo pessoal)..... | 108 |
| Figura 45: imagem da celebração universalista realizada no Vale do Amor (site). | 115 |
| Figura 46: imagem da celebração universalista realizada no Vale do Amor (site). | 115 |
| Figura 47: imagem de cerimônia indígena realizada na sede da Fraternidade Cósmica Universal (site). | 120 |
| Figura 48: imagem de um dos encontros religiosos realizado no Vale do Amor (site). | 121 |

| | |
|---|-----|
| Figura 49: imagem de cerimônia hare krishna realizada no jardim da sede da Fraternidade Cósmica Universal (site)..... | 122 |
| Figura 50: imagem de minha caminhada com o idealizador do projeto pelo Vale do Amor (arquivo pessoal)..... | 124 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 – O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO CONTEXTO DO PLURALISMO. | 6 |
| 1.1 O fenômeno do pluralismo religioso na atualidade. | 6 |
| 1.2 A questão da identidade religiosa e a busca pelo sentido. | 17 |
| 1.3 O diálogo religioso e as novas configurações religiosas. | 26 |
| CAPÍTULO 2 - FRATERNIDADE CÓSMICA UNIVERSAL E O DESAFIO DA ABERTURA PARA A ALTERIDADE. | 33 |
| 2.1 A criação do grupo: busca por um espaço de hospitalidade e de respeito ao outro..... | 33 |
| 2.2 Atividades desenvolvidas pelo grupo na construção do diálogo e reflexões sobre a diversidade religiosa. | 44 |
| 2.3 Dinâmica dos encontros: um convite ao diálogo e ao exercício da fraternidade entre os segmentos religiosos diversos..... | 58 |
| 2.4 Vale do Amor: espaço destinado ao encontro e integração das diversas tradições religiosas. | 78 |
| CAPÍTULO 3 – A FRATERNIDADE CÓSMICA UNIVERSAL E OS VÁRIOS DIALOGANTES QUE A CONSTROEM..... | 88 |
| 3.1 Pilares da Fraternidade Cósmica Universal: coordenadores e colaboradores. | 88 |
| 3.2 Palestrantes e visitantes: atores do diálogo inter-religioso. | 100 |
| 3.3 A Fraternidade Cósmica Universal e a busca por uma identidade. | 110 |
| CONCLUSÃO..... | 119 |
| BIBLIOGRAFIA | 125 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de dissertação tem como foco de estudo um grupo denominado Fraternidade Cósmica Universal, sediado na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Este grupo caracteriza-se por promover encontros, denominados palestras, entre diversos segmentos religiosos e não religiosos, a partir da criação de um espaço de abertura ao diálogo, além de desenvolver outras atividades, tais como tratamento espiritual e assistência social.

Meu interesse pelo tema diálogo inter-religioso foi despertado através de minha experiência como professora de biologia nas redes pública e particular de ensino, onde tive a oportunidade de trabalhar com alunos oriundos de famílias pertencentes a várias tradições religiosas. Durante os últimos vinte anos, pude observar, também, como a religiosidade dos alunos interfere em sua relação com disciplinas que apresentem conteúdos em dissonância com suas concepções religiosas, tais como evolução, genética e biotecnologia.

Considerando-se que as escolas são espaços onde as diferentes religiões se encontram e interagem, é comum observar nessa interação, situações de animosidade e intolerância, entre representantes de grupos religiosos, mesmo entre os alunos muito jovens. Na maioria das vezes, esse comportamento é pautado na falta de informação, ou informação distorcida, sobre as diferentes formas de manifestação da fé. O desrespeito ao outro e aos seus valores, identificados na escola, poderia ser visto como um reflexo, ou até mesmo um agente causador de conflitos sociais em maior escala.

Motivada pelo interesse em estudar as possibilidades e práticas do exercício do diálogo entre as diversas tradições religiosas – bem como o resultado do estabelecimento de rígidas fronteiras no campo das religiões – procurei cursar algumas disciplinas do Mestrado em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tomei conhecimento da existência do grupo Fraternidade Cósmica Universal durante as aulas de estudo comparado das religiões, ministradas pelo professor Volney Berkenbrock. Depois de me informar sobre as datas de reuniões do grupo, realizei algumas visitas à sua sede com a finalidade de assistir às palestras e conhecer o trabalho desenvolvido pela casa.

Após a realização de algumas visitas ao grupo, quando pude conhecer as instalações da Fraternidade e os projetos ali desenvolvidos, solicitei o agendamento de uma conversa com o idealizador, criador e atual diretor da casa, Sérgio José Fecher. Durante esse primeiro encontro – no qual fui recebida com muita simpatia e atenção – apresentei-me e relatei a intenção de realizar um trabalho de pesquisa sobre a dinâmica do diálogo inter-religioso proporcionado pelos encontros promovidos pelo grupo. Minha solicitação foi prontamente atendida e comunicada aos demais membros que se mostraram bastante acolhedores e dispostos a conversar sobre suas atividades.

O projeto elaborado para a realização da pesquisa – que teve como objeto de estudo a Fraternidade Cósmica Universal – foi aprovado no processo seletivo para a turma de mestrado em Ciência da Religião de 2011. Apresentei como objetivo geral, no contexto de uma pesquisa qualitativa, compreender a dinâmica do diálogo inter-religioso a partir da experiência do grupo na busca pela interação com diversos segmentos religiosos. Desse projeto constavam, ainda, os seguintes objetivos específicos:

- Investigar o desenvolvimento histórico e finalidade do grupo “Fraternidade Cósmica Universal” bem como seu ideal.
- Enumerar as atividades desenvolvidas pelo grupo “Fraternidade Cósmica Universal”.
- Entender a maneira como se dá o trabalho de exposição de ideias, aparentemente diferentes, realizado durante as palestras.
- Compreender a prática do diálogo inter-religioso e relatar a experiência do grupo.
- Relatar a forma como os membros da casa e os visitantes vêem essa abertura para o diálogo.
- Identificar as razões que levam um tão grande número de pessoas a frequentar as atividades da casa.
- Identificar e analisar os diversos elementos que compõem a dinâmica do diálogo inter-religioso que ocorre na Fraternidade Cósmica Universal.

Na primeira etapa do trabalho, com duração de dez meses, foram cursadas as disciplinas previstas pelo regulamento do curso de mestrado e realizada a revisão bibliográfica relacionada ao tema de estudo.

Na segunda etapa, também com duração de dez meses, foi realizada a pesquisa de campo, através de visitas à sede do grupo, entrevistas com seu diretor, membros e

colaboradores, além da observação e participação em suas atividades, tais como reuniões públicas e internas, jantares e outros eventos beneficentes. Logo no início do trabalho, recebi do diretor da casa, autorização para participar e assistir a todas as atividades ali realizadas, inclusive as destinadas ao tratamento e cura espiritual, às quais compareci algumas vezes. No grupo também ocorrem atividades de assistência social, mas estas atividades não foram objeto desta pesquisa. Como o objeto de minha pesquisa era a dinâmica do diálogo inter-religioso procurei concentrar-me nas palestras, em conversas informais e entrevistas aprofundadas, com os palestrantes, membros e colaboradores da casa. Devo ainda destacar a forma generosa como fui acolhida e auxiliada por essas pessoas durante a realização deste trabalho, desde o momento em que fui apresentada, formalmente, ao grupo.

Antes de iniciar o trabalho de coleta de dados, realizei oito visitas à sede da Fraternidade, nos anos de 2010 e 2011, ocasiões em que procurei conhecer as pessoas que faziam parte do grupo, as funções que desempenhavam e assistir a algumas palestras e reuniões. Neste período mantive apenas conversas informais com os membros da casa e seus frequentadores.

Durante os dez primeiros meses de 2012, estive presente a um maior número de atividades, entre elas dez palestras, sendo oito nas noites de terças-feiras e duas aos domingos; três jantares beneficentes; três reuniões de estudo, realizadas nas noites de quinta-feira para os membros efetivos da casa e à festa para as crianças, no mês de outubro.

Nos dias em que realizei minhas visitas, procurei chegar com antecedência de pelo menos uma hora à sede da Fraternidade, permanecendo na área da cantina, ou no jardim, observando como a casa era preparada para a ocasião, quem eram as pessoas responsáveis pelas atividades e como se comportavam os frequentadores que vinham para o encontro.

Nestas ocasiões tive a oportunidade de conhecer e conversar com muitos membros e colaboradores da Fraternidade. Também nesses momentos foi possível conversar com o diretor, ainda que por alguns minutos, pois os palestrantes normalmente são recebidos por ele para uma rápida conversa antes do início da apresentação.

Em algumas de minhas visitas pude acompanhar o trabalho de tratamento espiritual realizado nas salas reservadas, noutras participei do trabalho de organização da sede para os eventos e durante sua execução. Por ocasião de uma das palestras fui convidada a fazer parte da mesa e, na última visita, solicitada a falar sobre meu tema de estudo.

As entrevistas aprofundadas com os membros e palestrantes – que se disponibilizaram em responder às perguntas, principalmente, sobre suas trajetórias, experiências religiosas, seu primeiro contato e atual relação com a Fraternidade – ocorreram

antes ou após as palestras, durante o intervalo de 30 minutos feito nas reuniões de quinta-feira ou em seus respectivos locais de trabalho, quando previamente agendadas, no horário de almoço e/ou após o encerramento do expediente.

Das quatro entrevistas realizadas com o idealizador, criador e atual diretor da Fraternidade Cósmica Universal, três ocorreram na sede do grupo, duas delas gravadas em áudio e uma, durante visita ao ashram Vale do Amor, em abril de 2012, registrada em fotografias. Nesta oportunidade pude conhecer as edificações e espaços já destinados à realização de cultos de alguns segmentos religiosos, além dos projetos para futuras construções.

Durante essa visita, que teve duração de, aproximadamente, quatro horas, Sérgio falou sobre sua inspiração para a construção daquele espaço de interação das diversas tradições religiosas e também sobre suas dúvidas e questionamentos dirigidos à espiritualidade, nas fases iniciais do projeto.

Noutra entrevista, realizada na sede da Fraternidade, quando voltamos a abordar o tema criação do grupo, Sérgio relatou que durante uma reunião realizada em sua casa, na qual foram discutidos assuntos relacionados à inauguração do espaço, após ter recebido uma psicografia que recomendava o início da execução do projeto, indagou à espiritualidade qual nome deveriam usar. Para esta pergunta, a resposta recebida orientava-o a aguardar, por um período de sete dias, pois no momento certo ele seria inspirado a esse respeito. Fato que, segundo suas palavras, teria ocorrido – no prazo estipulado – durante a realização de uma viagem, enquanto dirigia e refletia sobre o assunto, e pode ouvir nitidamente o nome Fraternidade Cósmica Universal. Na reunião seguinte o nome foi apresentado ao grupo que decidiu, então, adotá-lo, por se entenderem como integrantes de uma Grande Fraternidade. Dessa maneira, iniciaram suas atividades em 2003.

A terceira etapa deste trabalho de pesquisa, com duração aproximada de seis meses, foi destinada à redação do texto final, organizado em três capítulos conforme a estrutura que será apresentada a seguir.

O primeiro capítulo trará uma abordagem sobre o diálogo inter-religioso no contexto do pluralismo e foi elaborado a partir da revisão bibliográfica dos autores Peter Berger, Thomas Luckmann, Stuart Hall, Danièle Hervieu-Léger, Leila Amaral, José Bittencourt Filho, Volney J. Berkenbrock, Edward Said, Faustino Teixeira, Mohandas Karamchand Gandhi e Wagner Gonçalves da Silva. As ideias dos referidos autores foram utilizadas, nos três subitens que compõem o capítulo, para apresentação e esclarecimentos sobre o fenômeno do

pluralismo religioso na atualidade, a questão da identidade religiosa, a busca pelo sentido, o diálogo religioso e as novas configurações religiosas.

O segundo capítulo, intitulado Fraternidade Cósmica Universal e o desafio da abertura para a alteridade, foi desenvolvido a partir das informações obtidas durante a realização do trabalho de campo, quando foram realizadas as observações, entrevistas e participações nas atividades do grupo. Este capítulo está organizado em quatro subitens que apresentarão a narrativa da criação e o histórico do grupo, a descrição das atividades desenvolvidas pela casa, a dinâmica dos encontros, bem como os espaços físicos destinados a receber os diversos segmentos religiosos.

O terceiro capítulo, subdividido em três tópicos, apresentará os personagens que participam das atividades desenvolvidas pela Fraternidade Cósmica Universal – diretor, coordenadores, colaboradores, palestrantes e visitantes – suas trajetórias e as funções que desempenham na construção do diálogo inter-religioso e na busca pela formação de uma identidade para o grupo.

Para a análise final, das informações obtidas durante a realização deste trabalho de pesquisa, serão considerados os conceitos apresentados pelos autores referenciados no primeiro capítulo que irão possibilitar a identificação de buscas diversas, e de convicções comuns, nas trajetórias relatadas pelos participantes, além de alguns fatores envolvidos na dinâmica do diálogo.

Neste trabalho de pesquisa não se está considerando o diálogo inter-religioso como uma atividade acadêmica, mas muito mais uma dinâmica que ocorre através das diversas atividades do grupo, onde o diálogo inter-religioso é um dos objetivos do próprio grupo. A criação de espaços experienciais e de busca religiosa, através da realização das palestras, mostra outros aspectos da dinâmica do diálogo inter-religioso no contexto da pluralidade religiosa.

CAPÍTULO 1: O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO CONTEXTO DO PLURALISMO.

Este capítulo inicial pretende realizar uma abordagem sobre o diálogo inter-religioso no contexto atual de pluralismo religioso, sobre a questão religiosa, sobre a busca de sentido e a formação de novas configurações religiosas. Para a elaboração dessa abordagem serão utilizados os apontamentos de alguns conhecidos autores sobre o tema.

1.1 O fenômeno do pluralismo religioso na atualidade.

Antes de se iniciar uma análise sobre o pluralismo religioso, talvez se devesse, para melhor compreensão do fenômeno, considerar um conceito para o pluralismo. Para esta abordagem, a conceituação a ser adotada se fundamentará nas reflexões e na definição de Peter Berger e Thomas Luckmann para esse fenômeno. Segundo estes autores (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.36-37), o pluralismo seria uma situação em que há pessoas levando uma vida diferente na mesma sociedade, não sendo, portanto, possível, designar este fenômeno como algo moderno ou recente. Um olhar sobre a história e poderiam ser encontrados vários exemplos de grupos e povos diferentes, interagindo, em diversos momentos – com ou sem referência a uma ordem comum de valores – além de situações envolvendo a coexistência entre diferentes ordens de valores, e de fragmentos de ordem de valores, numa mesma sociedade. Considerando-se ainda, que a interação dos diferentes grupos, não ocorre em um território livre da interferência das reservas de sentido de cada um dos grupos envolvidos, ela pode levar a conflitos entre ordens de sentido coexistentes e concorrentes. Neste caso, a tolerância poderia ser eleita como a maneira virtuosa de convivência entre os indivíduos e as sociedades que possuam diferentes concepções de mundo.

Para Peter Berger, o pluralismo não seria um fenômeno que se devesse designar como moderno, mas sim como algo que encontrou maior expressão nas sociedades modernas. Ele entende que

Modernidade significa um aumento quantitativo e qualitativo da pluralização. São conhecidas as causas estruturais desse fato: crescimento populacional e migração e, com isso, um aumento das cidades – pluralização no sentido físico e demográfico; economia de mercado e industrialização que misturam pessoas dos mais diferentes tipos e que as forçam a chegar a um entendimento mais ou menos pacífico (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.49).

Assim sendo, sob a ótica do referido autor, o que se pode observar é que a modernidade facilitou e acelerou a interação dos múltiplos modos de pensar e viver, relativizando os sistemas de valores e interpretações. Seguindo esta mesma linha de pensamento, o pluralismo poderia, também, ser considerado como causador e difusor de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido.

Essas crises, que, supostamente, surgiriam a partir da relação de perda ou criação de sentido, seu enfraquecimento ou fortalecimento, estariam presentes, também e de maneira significativa, no campo religioso, constantemente afetado por divisões e tentativas de reunião em todos os tempos. A unidade entre o homem, a sociedade e os deuses, e, conseqüentemente, a religião como determinante de um sistema supra-ordenado de sentido, “forma mais significativa de um padrão abrangente, rico em conteúdo e sistematicamente estruturado de experiências e valores” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.40-41), sofreu o impacto de fatos ocorridos em épocas anteriores ao que se denomina como tempos modernos. Dessa maneira, portanto, os processos de modernização não deveriam ser considerados como determinantes do enfraquecimento dessa união, mas sim, como fatores contribuintes.

O fenômeno intitulado pluralismo religioso, refere-se, de maneira ampla, à expressividade crescente, ou talvez, a maior visibilidade alcançada pelos diversos segmentos religiosos, nos dias atuais, em todo o mundo. Dizer que esse pluralismo é um fenômeno da atualidade talvez não se caracterize como uma verdade absoluta, pois a religiosidade e, conseqüentemente, a diversidade religiosa parece ter sido uma presença constante na história da humanidade.

Para Peter Berger, a modernização, acompanhada do avanço da tecnologia, trouxe para os indivíduos uma aparentemente interminável pluralidade em todos os seus campos de

atuação, e não apenas – mas também – na sua relação com o campo religioso. Ao ser colocado frente a uma expansão de possibilidades, o homem é levado a uma situação na qual deverá escolher uma entre as múltiplas possibilidades que lhe são apresentadas. Antes, as fases de sua vida e o seu mundo interior, seguiam padrões predeterminados – e seus deuses estavam presentes em todas elas – havia um “conhecimento auto-evidente” do mundo e do comportamento que deveria ser adotado em sua relação com esse mundo. As instituições, por sua vez, aliviavam o indivíduo da necessidade de “reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.54). Agora, sua vida é submetida a múltiplas interpretações, e esta variada gama de possibilidades, tanto pode ser sentida como libertação, como pode também, tornar-se um peso, ao exigir do indivíduo que abra sempre mais espaço para o desconhecido. Aos indivíduos capazes de conviverem, de maneira segura dentro deste contexto, Berger chamou “virtuosos do pluralismo” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.54).

Ainda segundo Berger, poder-se-ia citar como um dos aspectos marcantes do pluralismo, a perda da auto-evidência, entendida como um fenômeno global que trouxe como consequência, a possibilidade, e a necessidade do homem, de ser capaz de selecionar e escolher. Atitudes consideradas, atualmente, como direitos fundamentais do homem. A partir dessas possibilidades, o indivíduo poderá rever, reconsiderar e mudar suas opiniões e escolhas. No âmbito das religiões percebe-se, também, que a pertença a um segmento religioso será o resultado de uma escolha consciente e não mais a perpetuação de uma tradição. Tal situação pode ser observada inclusive na terminologia usada pelos indivíduos para declarar sua pertença religiosa. Para este autor, o uso do termo “confissão”, estaria relacionado a um testemunho e disponibilidade de sacrifício em favor de sua religião, enquanto a utilização do termo “preferência” denotaria uma não obrigatoriedade, o que poderia, inclusive, possibilitar uma mudança dessa preferência no futuro.

Peter Berger, em seu livro *O Dossel Sagrado*, ressalta que

As manifestações históricas do sagrado variam muito, embora transversalmente se observem uniformidades na cultura (pouco importando, aqui, que essas uniformidades se devam interpretar como resultantes da difusão cultural ou de uma lógica interna da imaginação religiosa do homem). O sagrado é apreendido como algo que “salta para fora” das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas (BERGER, 1985, p. 39).

A religião, portanto, ao transcender e incluir, em seu cosmos, o homem, dotaria sua vida de significado. A ausência do caráter sagrado, como por exemplo, nas atividades rotineiras do cotidiano, corresponderia ao profano e estaria associada à secularização. Considerando-se assim, a secularização como mais um dos fatores que surgem no contexto do pluralismo. Berger, no entanto, aponta para o cuidado que se deve ter ao associar modernidade e secularização, por entender que as mudanças ocorridas nas diferentes sociedades também são o resultado de processos diversos. Dessa forma, a teoria convencional da secularização não se aplicaria de maneira uniforme a todas as sociedades.

Segundo Berger, esse termo secularização começou a ser utilizado para indicar a perda de controle de territórios sob domínio das autoridades eclesiásticas, durante as guerras de religião, sendo atualmente empregado como conceito ideológico, ora por anticlericais como a “libertação” do homem da religião, ora pelos círculos religiosos como “paganização”. No entanto, o autor ressalta que desejável seria a análise da secularização de maneira não valorativa, ou seja, de uma forma descritiva e isenta de conotações positivas ou negativas a cerca do fenômeno.

A secularização (BERGER, 1985, p.119) pode ser vista como a separação da Igreja e do Estado, emancipação da educação do poder eclesiástico, declínio dos conteúdos religiosos nas artes, filosofia e literatura e na ascensão da ciência. Além disso, deve-se considerar também, a secularização da consciência e o fato de que, apesar de se tratar de um fenômeno global, ela não se distribui de maneira uniforme entre as sociedades modernas, bem como não produz efeitos homogêneos sobre os diferentes grupos de indivíduos que formam essas sociedades. Assim sendo, é razoável que se considere a possibilidade tanto de haver secularização da consciência dentro das instituições religiosas, quanto de ocorrerem traços de consciência religiosa fora das instituições.

Berger e Luckmann (2004, p.48-49) chamam atenção, também, para o fato de que não se deve confundir a “desigrejização” com a perda da religiosidade. Pois, segundo este autor, há, atualmente, múltiplos exemplos de sociedades modernas em que a religião não só permaneceu viva, como até mesmo passou por um processo de reavivamento e entusiasmo religioso. Inclusive encontrando adeptos entre as pessoas com maior acesso à formação intelectual.

Ainda sob esse aspecto, vale lembrar que existem e existiram muitas pessoas que vivem, ou viveram, sem convicções religiosas, conceituadas aqui, essas convicções de maneira generalizada, como fé em Deus ou num mundo sobrenatural, não sendo, portanto,

possível, esta condição ser considerada como uma situação nova. O fato de não se apresentarem como pessoas religiosas ou seguidoras de um determinado credo, ou ainda declararem-se desvinculadas de qualquer forma de religião, não as torna, necessariamente, indivíduos desorientados e atormentados. De alguma maneira, elas conseguem seguir adiante.

Atualmente, o que se observa é o fato de que as manifestações religiosas de diferentes vertentes e também a ausência de convicções religiosas tem encontrado espaço e se mostrado mais claramente ao mundo. Nesse momento os processos de modernização ocorrem com rapidez e abrangência cada vez maiores. Caracterizando, dessa forma, um contexto plural nos modos de pensar e agir.

O desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação encurtou as distâncias, aproximou os povos e permitiu que culturas distantes se tornassem acessíveis, e assim, passassem de ignoradas, a objetos de atenção. Este encolhimento do mundo propiciou a descoberta das mais variadas formas de expressão da cultura e da religiosidade, além de uma convivência acentuada, causando impacto nos múltiplos lados dessa nova relação. A possibilidade de conhecer, ou mesmo ampliar o conhecimento, de forma mais rápida e intensa das distantes culturas, permitiu a descoberta de variadas modalidades de percepção, manifestação e culto do que se considera sagrado. E, conseqüentemente, das religiões que surgiram a partir de experiências entre as dimensões sagrada e profana.

O fenômeno da globalização - definido por Stuart Hall (2006, p.67) como um complexo de processos e forças de mudança que, por conveniência foi sintetizado sob esse termo - ao proporcionar a aproximação entre os povos, levou também ao surgimento ou acirramento de conflitos ideológicos, políticos e sociais. O contato entre pessoas de diferentes culturas nem sempre ocorre de forma amigável, pacífica ou ordeira. Esse fato pode ser facilmente comprovado a partir do estudo da conquista, perda, reconquista e expansão de territórios ao longo da história, repleta de exemplos de como a interação conduz ao desaparecimento, surgimento ou modificação dos elementos que compõem as expressões culturais próprias de cada sociedade.

Para Stuart Hall, “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (HALL, 2006, p.50). Dessa forma, o autor considera a cultura nacional como um discurso, uma fonte de significados que busca construir uma identidade e unificar os membros que dela fazem parte, ressaltando que devem ser consideradas, também, suas divisões e diferenças internas, e principalmente, as contradições que foram costuradas na construção de uma identidade única (HALL, 2006, p.65).

Voltando ao fenômeno da integração global, Hall afirma que seus processos, ao acelerarem os fluxos e laços entre as nações, ao atravessarem fronteiras nacionais, integrarem e conectarem comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo exercem efeito sobre as identidades culturais anteriormente ordenadas. E, lembra ainda, que nesse processo encontram-se presentes tendências consideradas contraditórias, tais como a manutenção da autonomia nacional e a globalização.

Os aspectos, tratados até aqui, tais como secularização, avanço da tecnologia, globalização e a conseqüente interação das diversas culturas e suas identidades múltiplas, devem ser considerados como constituintes do fenômeno designado como pluralismo.

O pluralismo é, portanto, uma realidade, e a diversidade um de seus múltiplos aspectos. Não há como fugir ou ignorá-los. A possibilidade de contato com outras formas de pensar e agir faz com que as fronteiras firmemente pré-estabelecidas deixem de existir como estruturas rígidas. Os limites entre os povos, demarcados e mantidos através do tempo, passam por transformações, ganhando maior elasticidade e abrangência.

Ao se tocarem, grupos entendidos como distintos, a partir de suas características particulares, trocam vivências que vão sendo experimentadas, avaliadas e incorporadas ao seu cotidiano. Essa incorporação pode, inclusive, ocorrer de maneira lenta e gradual, quase que imperceptível para quem a vivencia. Nos dias atuais, no entanto, o que se percebe é que essa troca tem ocorrido em um ritmo mais acelerado, levando a mudanças muito rápidas, que alteram as dimensões, antes claramente percebidas e definidas, de lugar e espaço.

Segundo alguns autores, essas alterações poderiam, inclusive, levar ao enfraquecimento das identidades culturais.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2006, p.74).

Mas, Stuart Hall, chama atenção para uma tendência paralela, desenvolvida através do fascínio pela diferença e pela alteridade que, ao invés de destruir as identidades nacionais produziria outras, novas, a nível local e global. Para ele, o intenso e imediato confronto entre

as culturas põe em questão a continuidade e historicidade das identidades proporcionando um alargamento e a proliferação de novas “posições de identidade” (HALL, 2006, p.84).

Segundo este autor, deve-se levar em conta também o fato de que o fenômeno globalização é distribuído de forma desigual não apenas em âmbito global, como também entre os vários estratos da população nas diferentes regiões que o compõem.

A partir de tais reflexões, Stuart Hall tende a concordar com a ideia de que

a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução” (HALL, 2006, p.87).

Em seu entendimento, o autor assinala que o fenômeno globalizante ao dissolver fronteiras e romper continuidades, propiciou o surgimento de identidades suspensas, “em transição entre diferentes posições.” Identidades essas, que seriam produzidas a partir de cruzamentos entre diferentes tradições culturais. Outra opção seria a formação de identidades por indivíduos que ao migrarem, empreendem um processo de negociação com a nova cultura, sem, no entanto, abandonar suas tradições e histórias.

Dessa maneira, seriam produzidas as culturas híbridas, formadas por indivíduos traduzidos, ou seja, aqueles pertencentes simultaneamente a dois mundos.

O hibridismo ou sincretismo – também elementos componentes do fenômeno pluralismo – definidos como a fusão entre tradições culturais, suscitam opiniões divergentes: enquanto para alguns são considerados produtores de novas formas de cultura, para outros representam perigo. Um exemplo dessa segunda vertente de pensamentos poderia ser encontrado nas tentativas de reconstrução ou restauração de identidades homogêneas, fechadas à diversidade, como nos movimentos fundamentalistas, onde o nacionalismo estaria associado às ideias de absolutismo étnico e religioso.

Dentro da perspectiva de globalismo, poder-se-ia dizer que o encontro entre as diversas religiões também proporciona experiências que ocorrem dentro de um processo semelhante. A proximidade entre as diversas religiões e suas formas de culto ao sagrado, causam impacto e suscitam reações positivas ou negativas que irão se refletir no comportamento dos indivíduos que partilham essas experiências.

Considerando-se que a religião desempenhe um importante papel na construção de um mundo de sentido, as múltiplas experiências religiosas e a migração entre mundos religiosos, talvez possam ser entendidas como resultado da busca pela segurança, que confere a pertença a uma coletividade, desde que ela possua estruturas capazes de manter sua credibilidade.

As ideias de Danièle Hervieu-Léger (2008, p.81) contribuem, de forma significativa para a análise do fenômeno designado como pluralismo religioso e entendido como acentuado pelos processos de globalização. Essa análise se desenvolve a partir de suas considerações em torno da dificuldade encontrada para se traçar um perfil do religioso moderno, devido à dispersão de crenças, mobilidade de pertenças, fluidez das identificações e instabilidade dos agrupamentos – em face de um contexto de pluralismo religioso. A autora sugere, como bastante apropriada para representante dessa modernidade religiosa, a figura do peregrino, tomado aqui como referência, da mesma forma que o fora, anteriormente a figura do “praticante regular” em relação a grupos socialmente identificados e definidos pela existência de identidades religiosas fortemente constituídas, através de um ritual e de práticas particulares onde se inseriam crença e pertença.

Essa figura do peregrino, apesar de presente nas tradições religiosas, surge a partir do percurso espiritual individual e da associação temporária, ou seja, da fluidez dos conteúdos de crença e da incerteza das pertenças comunitárias.

Outra figura importante na identificação dos processos de formação das identidades religiosas no contexto de mobilidade seria o convertido, ”aquele que muda de religião, abraça voluntariamente uma religião ou (re) descobre sua religião de origem”, entendido por Danièle Hervieu-Léger, como “o fio condutor para uma descrição da paisagem móvel de nossa modernidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.108).

Para esta autora, o desenvolvimento das relações inter-religiosas, constitui uma das mais interessantes dinâmicas da atualidade. Ressalta, porém que essa dinâmica se faz acompanhar de certo temor quanto à possibilidade de que o diálogo inter-religioso “abra caminho ao sincretismo e às diversas formas do relativismo característico da cultura moderna”, o que poderia resultar em sínteses inconsistentes.

Em sua visão, Danièle Hervieu-Léger, sinaliza que o foco do debate, no entanto, estaria na questão do *status* da verdade e da pretensão de uma revelação particular, suscitando interrogações – “que são a substância própria do diálogo inter-religioso” – tais como:

O que significa para um crente de uma determinada confissão, a desabsolutização da verdade que se abre com o confronto de diferentes tradições? Que sentido pode ser dado, nesse contexto, ao enraizamento pessoal e comunitário em uma determinada linhagem de fé? Que concepção da autoridade própria de cada tradição decorre disso? (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.227).

A autora afirma, todavia, que o estudo das práticas inter-religiosas, tem mostrado que, ao invés de favorecer fenômenos de dispersão individualista da crença, essa experiência de “atestar e valorizar a pluralidade das revelações apresentadas pelas tradições dos outros”, tornaria os fiéis “ainda mais inclinados a reconhecer a especificidade do aporte de sua própria tradição”.

O que se poderia observar, portanto, é que o indivíduo permanece fiel às suas convicções e crenças enquanto elas são capazes de manter seu mundo de sentido plausível, ou seja, enquanto existir conversação entre ele e interlocutores significativos seu conhecimento auto-evidente, seu saber inquestionável, está assegurado. Para Peter Berger, “o pluralismo moderno minou o monopólio das instituições religiosas”, este autor, afirma, ainda, que “a pertença a esta ou àquela Igreja já não é auto-evidente, mas resultado de uma escolha consciente” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.61) . Dessa maneira, em um mundo globalizado, as religiões encontram desafios e obstáculos na busca e manutenção de seus adeptos ou seguidores. A pertença a uma religião, em tempos modernos, deixa de ser uma herança, uma tradição familiar e passa a ser uma escolha individual baseada em experiências religiosas que podem ser múltiplas e diversificadas.

Leila Amaral, em seu livro intitulado *Carnaval da Alma*, ao abordar as relações entre religião e circunstâncias globais, afirma que

No mundo contemporâneo, a religião, ao deixar de apresentar-se como o eixo organizador da vida social, mostrando maior afinidade com uma ‘lógica cósmica’ do que com uma ‘lógica social’, vem perdendo seus estreitos laços com identidades sociais, nacionais ou estatais. Mas não vem, por isso, constituindo-se apenas como opção individual e privada. Paradoxalmente, as religiões vêm sendo acionadas, também, como parte do patrimônio cultural global. À medida que o

reconhecimento ou a representação da essência do divino (do sagrado ou da unidade de vida) vem se deslocando de grupos e transformando as identidades religiosas em identidades mais flexíveis, multifacéticas, porosas, transitivas e multilocais, as religiões tendem a se universalizar (AMARAL, 2000, p.200).

Para esta autora, o que se poderia dizer sobre os movimentos religiosos no contexto atual, é que ao lado dessa tendência a universalização, da convivência do múltiplo e da abertura ao diálogo inter-religioso, abrindo espaço, inclusive para o surgimento de questões éticas, espirituais e religiosas sobre a natureza da humanidade, outra postura se contrapõe. Em face da possibilidade de fragmentação de identidades, ocorrem também movimentos que tendem ao fechamento, “numa reação defensiva e fundamentalista de reafirmação e absolutização de identidades locais, nacionais e religiosas” (AMARAL, 2000, p.202).

Outro aspecto que deve ser considerado, também, é que a proximidade entre as diferentes formas de expressão religiosa permitem, além da multiplicidade, ou pluralidade de opções de crença no campo religioso moderno, o surgimento de um trânsito religioso de rituais, termos e símbolos que tem seu valor espiritual reconhecido. E ainda que na criação desse trânsito religioso possa ocorrer a utilização da simbologia e terminologia próprias de um segmento religioso por outro com a intenção de desqualificá-los ou desacreditá-los, o que se pode perceber é que houve uma aproximação entre os diferentes credos, podendo resultar, inclusive, em sincretismo. Outra observação possível, dentro dessa realidade plural que se desenhou a partir do fenômeno globalizante, diz respeito ao fato de que ao ser apresentado às mais diversas manifestações religiosas, o homem encontra variadas possibilidades de expressão para sua religiosidade.

Ao se pretender compreender o crescente pluralismo religioso e o comportamento das pessoas em relação a essa oferta de possibilidades de práticas religiosas, no Brasil, particularmente, deve-se considerar a história de formação do campo religioso brasileiro com suas características peculiares e sua singularidade. Segundo José Bittencourt Filho, escrevendo sobre a gênese da matriz religiosa brasileira, “o indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade privada com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórios.” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.32). Nesse sentido, o estudo do processo de sincretismo religioso no Brasil, também fornece elementos que contribuem para esclarecer a procura por uma religiosidade para além dos limites das religiões tradicionais. Para este autor

O sincretismo possui como característica a mescla, a fusão e a simbiose de elementos culturais. Tal simbiose acontece como resultado de uma nova fisionomia cultural, na qual se combinam e se somam, em maior ou menor intensidade, as marcas de culturas originárias. Por intermédio de fusões e interpenetrações, os indivíduos e os grupos assimilam atitudes, sentimentos e tradições de outros indivíduos e outros grupos e, de alguma maneira, partilhando suas respectivas experiências e histórias, terminam como que incorporados numa mesma vivência cultural (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.63).

Considerando-se o sincretismo como um processo que nasce da busca por minimizar ou resolver conflitos culturais, e da história da formação da matriz religiosa brasileira, poder-se-ia entender que no Brasil, o acervo religioso atual, seria resultado, principalmente, da relação entre as religiosidades indígena, africana e portuguesa. Relação essa que esteve marcada pela desigualdade: de um lado a imposição política, cultural e religiosa (econômica) do dominador, enquanto do outro, a resistência velada ou declarada dos dominados que tentavam manter sua identidade.

Bittencourt Filho, analisando o processo de sincretismo religioso no Brasil, concorda com a opinião de Volney J. Berkenbrock, ao afirmar que o sincretismo não ocorreu uniformemente em todos os lugares, mas que teria passado por fases distintas.

Os africanos trazidos para o Brasil percebiam separadamente as tradições religiosas de origem e as cristãs. A tendência inicial foi simplesmente justapor os elementos dessas religiões, sem vínculo de conteúdo entre eles. Já os descendentes dos escravos nascidos no Brasil, não conheceram essa situação de mundividências religiosas diferenciadas; assim, o sincretismo serviu como um mecanismo para se preencherem lacunas. No caso do sincretismo afro-brasileiro, a lógica imperante não foi a da separação dos elementos, mas sim a que une esses elementos. Pode-se dizer, pois, que não foi a pergunta pela origem (de onde vem?), mas sim a pergunta pelo objetivo (para que serve?) que mais influenciou o processo do sincretismo (BERKENBROCK, 1997, p.135).

Desse encontro, entre diferentes formas de práticas religiosas, teria surgido a autêntica religiosidade brasileira. Onde é possível, inclusive, ocorrer “a coexistência numa só pessoa de concepções religiosas, filosóficas e doutrinárias por vezes opostas e mesmo racionalmente inconciliáveis” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.68). Situação que superaria o processo sincrético.

Segundo Bittencourt, ainda,

nos últimos tempos, o que se tem multiplicado de maneira notória no campo religioso nacional, tem sido a procura intensa por experiências religiosas; sendo que essa procura mostra-se muito mais forte do que a necessidade de pertença formal a qualquer religião ou confissão religiosa (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.73).

O reconhecimento dessa matriz religiosa como singular e formada a partir da relação de simbiose que se estabeleceu entre diferentes grupos, requer uma análise, no contexto de cada grupo, do que ali é considerado sagrado, dos símbolos comuns utilizados em rituais de segmentos religiosos diversos, além do significado que possuem e sua relação com as experiências religiosas individuais ou coletivas.

A partir da compreensão dos elementos abordados acima, tais como o avanço das ciências e tecnologia, a secularização, a globalização, a diversidade, a possibilidade de escolhas dentro de um contexto de múltiplas opções, que fazem parte dos processos de construção das identidades culturais e religiosas – a partir de sincretismos e hibridismos, proporcionados pela interação de diferentes grupos sociais – torna-se possível entender, ainda que parcialmente, a dinâmica do fenômeno pluralismo religioso.

1.2 A questão da identidade religiosa e a busca pelo sentido.

Atualmente, a formação da identidade religiosa dos indivíduos tem se apresentado como uma questão bastante frequente para o entendimento do seu comportamento individual e nos grupos sociais. Face aos processos de globalização e à crescente pluralidade de opções de expressão religiosa, observa-se que a constituição de tal identidade também ocorre sob a influência das contínuas transformações de ordem geral na sociedade. A compreensão dos mecanismos de formação da identidade pessoal dos indivíduos ao longo dos tempos pode oferecer explicações para a construção de sua identidade religiosa.

A composição da identidade pessoal ocorre, basicamente, através da constituição de sentido, tomada de “consciência, individualidade, corporalidade específica, sociabilidade e formação histórico-social” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.14) do homem. A partir de

processos sociais, ele compreende e desenvolve o seu agir e sua responsabilidade sobre suas ações. Para Berger, o processo dialético fundamental da sociedade se daria a partir de três momentos: exteriorizar, interiorizar e objetivar. O autor ressalta, ainda, que para melhor compreensão do processo, tais etapas deveriam ser analisadas em conjunto. Estas etapas são descritas pelo autor como

Exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, tanto na atividade física quanto na mental. Interiorização: é a reapropriação desta realidade por parte das pessoas, transformando-a novamente de estrutura de mundo objetivo em estruturas subjetivas e objetivação: é quando a sociedade se torna uma sociedade *sui generis* (BERGER, 1985, p. 16).

Nesse processo de construção de uma sociedade, resultante das relações dos homens e de sua atividade, são elaborados instrumentos, símbolos, linguagem e valores que se destinam a dotar de sentido e plausibilidade o mundo onde vivem. Manter o equilíbrio e o funcionamento desse mundo construído requer uma contínua atividade coletiva que resulta numa realidade objetiva, que será reconhecida e compartilhada. Ainda que apoiada por estruturas que se caracterizam pela instabilidade, a realidade objetiva permite ao homem identificar-se com o mundo que habita. Na visão de Berger, essa identidade advém do reconhecimento de seu lugar nesse mundo habitado. Segundo Stuart Hall, pode-se estabelecer, de maneira simplificada, três diferentes concepções de identidades para o sujeito.

Numa primeira concepção, atribuída ao sujeito do Iluminismo, estaria o indivíduo “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p.10), cujo centro essencial do eu seria sua própria identidade, que o acompanharia, sem sofrer grandes modificações, durante toda sua existência.

Uma segunda concepção corresponderia ao sujeito sociológico, no qual, o núcleo interior seria formado a partir da mediação e do diálogo de valores, sentidos e símbolos com outras pessoas importantes e mundos culturais exteriores. Esses processos de interação, que incluíam a projeção e internalização de significados, promovem a unificação e estabilização entre os sujeitos e os mundos culturais. Também a biologia darwiniana – “a razão tinha uma base na natureza e a mente um fundamento no desenvolvimento físico do cérebro humano”(HALL, 2006, p.30) e o surgimento das novas ciências sociais, são considerados eventos partícipes na formação desse novo indivíduo. Essa nova identidade, porém, formada a

partir da interação do interior e exterior, não permanece estável e imune aos movimentos do modernismo. Surge, assim, a figura do indivíduo exilado em meio à multidão.

A terceira concepção estaria associada ao sujeito pós-moderno, que não apresenta uma identidade fixa, essencial ou permanente. Essa nova identidade seria resultado de uma fragmentação da identidade unificada e estável que teria passado por mudanças estruturais e institucionais. Para Hall, a nova identidade do sujeito pós-moderno é formada e transformada continuamente.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

Este autor reconhece como determinantes no processo de descentramento do indivíduo, cinco mudanças conceituais, a saber:

a) A redescoberta e reinterpretação do pensamento Marxista, que atribui ao homem o papel de autor da história dentro, porém, dos limites impostos pelas condições e recursos fornecidos pelas gerações anteriores.

b) A teoria de Freud de que as identidades se formariam através de processos psíquicos e simbólicos do inconsciente.

c) As ideias de Ferdinand de Saussure, que afirmava ser o homem capaz de utilizar a língua na produção de significados apenas quando posicionado no interior de regras e sistemas da cultura.

d) O “poder disciplinador”, identificado por Michel de Foucault, como instrumento de controle da vida do indivíduo em todos os aspectos.

e) E o surgimento do feminismo que questionou e enfatizou não apenas a posição social das mulheres, como também abriu à contestação os processos de formação das identidades.

De acordo com tais afirmações, poder-se-ia entender que a articulação parcial, entre tantas, diferentes e variáveis identidades – abertas, inacabadas e contraditórias – dentro de um contexto de descontinuidade, fragmentação e ruptura, é o fator que evita a desintegração das sociedades modernas e a formação de identidades culturais.

Partindo-se da afirmação de que “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo” e de que “a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (BERGER, 1985, p.15), pode-se tentar entender de que maneira a construção de uma identidade religiosa se encontra profundamente interligada com a necessidade do homem em sentir-se protegido contra os perigos representados pela ausência de sentido ou de significância para vida humana.

Relembrando as considerações de Berger: “a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado” (BERGER, 1985, p.38) e o “sagrado é apreendido como algo que ‘salta para fora’ das rotinas normais do dia a dia” (BERGER, 1985, p.39). Poder-se-ia entender, nesse sentido, que a ausência do caráter sagrado seria o profano e estaria associada à secularização e a perda de significados que resultariam na exclusão do homem da esfera sagrada. Uma situação que o deixaria, portanto, fora do escudo que o protege contra a anomia, ou seja, contra o caos, o abandono e a perda da conexão com os sistemas hierárquicos de valor que dotam a vida de significado. A esse escudo corresponderia a ideia da religião como um dossel sagrado.

Rubem Alves, ao escrever sobre a relação de proteção conferida ao homem pela religião, afirma que

A religião nasce com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se perduram. Esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, de discurso, uma rede de símbolos. Com esses símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem seu mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos (ALVES, 2008, p.25-26).

Para este autor, mesmo após os processos de secularização e dessacralização, uma observação atenta do mundo moderno, pode levar a constatação de que nos símbolos secularizados persiste a função religiosa. Os deuses, os profetas, as esperanças, receberam

novos rótulos, lugares e empregos, mas ainda assim continuam a fazer parte de um conjunto de atitudes que evidenciam o comportamento religioso.

Uma vez que se considere a religião como parte importante no processo de construção do mundo, e a procura incessante do homem por legitimar e dar sentido ao mundo, ela poderia ser vista como “a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER, 1985, p.41).

Partindo dessas afirmações, poder-se-ia entender que o cosmo sagrado se colocaria em oposição ao caos e encontrando-se o homem numa correta relação com o sagrado, a ele seria permitido colocar-se sob o escudo que o protegeria contra o risco de perder os laços que o ligam à realidade de uma vida ordenada e significativa. A ruptura de tais laços pode comprometer o reconhecimento de sua própria identidade.

Segundo Berger, o homem elabora um reservatório social de sentido, constrói um mundo de sentido, a partir de suas múltiplas experiências, individuais ou coletivas. Essas experiências ao se conectarem e interagirem, são processadas, conservadas e administradas, pelo homem, moldando seu modo de agir e reagir. Assim sendo, ele se livra da necessidade de reinventar soluções para situações que se repetem.

Para esse autor, a realidade é construída socialmente, e entre as múltiplas realidades experimentadas, a realidade da vida cotidiana organizada pelo “aqui e agora”, predomina sobre as demais, compreendê-la como normal e evidente seria, portanto, uma atitude natural. Porém, essa vida diária envolve outros fenômenos em diferentes graus de aproximação e distância espacial e temporal. Devendo-se considerar, também, que a construção da realidade se faz a partir da interação e comunicação com outros modos de compreensão da realidade, gerando, o que se poderia chamar de conhecimento do senso comum, que prevalece enquanto não surjam fatores que interrompam sua continuidade exigindo, assim, que sejam tomadas medidas que os integrem à rotina.

Os campos finitos de significação das múltiplas realidades, embora delimitados, estão em constante interação com a realidade da vida contemporânea, produzindo transições e comutações entre suas realidades e, inclusive, podendo “transportar o homem de um mundo a outro”, como por exemplo, nas experiências estética e religiosa.

Quando alguma situação coloca em dúvida a realidade da vida cotidiana – individualmente, como por exemplo, em casos de doença, desequilíbrio emocional ou confronto com a morte, ou coletivamente através de catástrofes naturais ou guerras – as legitimações da realidade do mundo social, particularmente as religiosas, tendem a ser

decisivas para a manutenção do sentido. Assim, o indivíduo é capaz de vivenciar tais situações e entendê-las como parte de um universo de sentido.

Dessa forma, o mundo socialmente legitimado torna-se “evidente por si mesmo” e a cultura, produto do homem, confere-lhe certa estabilidade e objetividade que o capacitam a reconhecer-se parte desse mundo. Muito embora, não o isente de enfrentar mudanças, devido à precariedade das estruturas criadas. Para Berger, “a dificuldade de manter de pé um mundo se expressa psicologicamente na dificuldade de manter esse mundo subjetivamente plausível” (BERGER, 1985, p.29).

A criação e manutenção social do mundo requerem uma estrutura que confira a ele plausibilidade, ou seja, que assegure e legitime sua realidade. Caso contrário, essa realidade deixa de se apresentar como algo evidente.

Enquanto as estruturas de plausibilidade são preservadas - o que ocorre, principalmente, a partir de atividades individuais ou coletivas desenvolvidas de acordo com as regulamentações do grupo - a realidade é capaz de se apresentar, tanto objetiva, como subjetivamente como óbvia. De maneira inversa, a perda da plausibilidade e o surgimento da dúvida, quanto ao que se identificava como auto-evidente, tornam-se uma ameaça, podendo levar a uma crise de sentido e à procura por outros processos complexos de legitimação que sejam capazes de restaurar ou reinventar a ordem do mundo socialmente construído.

Ao se admitir que a religião também é produzida pela atividade humana, pressupõem-se que ela assume um importante papel na manutenção da realidade dos mundos religiosamente legitimados.

Peter Berger, afirma que

Para o indivíduo, existir num mundo religioso significa existir no contexto social particular no seio do qual aquele mundo pode manter a sua plausibilidade. Onde o nomos da vida individual é mais ou menos coextensivo àquele mundo religioso, separar-se deste último implica em ameaça de anomia (BERGER, 1985, p.63).

Assim sendo, compreende-se que o indivíduo tenha necessidade de se identificar como parte de um mundo legitimado e plausível para sentir-se seguro contra as ameaças da anomia. De igual maneira, ele irá proceder em relação à sua identificação com a religião, permanecendo fiel a um segmento religioso enquanto este for capaz de manter sua credibilidade, responder aos seus anseios e fornecer apoio nas situações cotidianas ou

extraordinárias que irá vivenciar. Quando essa relação de confiança é abalada ou, por algum acontecimento ou nova situação, se instabiliza, o indivíduo tende a procurar outras estruturas de plausibilidade, estabelecendo-se, dessa forma, a migração entre mundos religiosos.

O contexto pluralista e dinâmico da atualidade, ao multiplicar as estruturas de plausibilidade concorrentes, acaba por relativizar os conteúdos religiosos. Frente a essa nova configuração, as diferentes tradições religiosas perdem seu simbolismo abrangente e unificador e, então se vêem obrigadas a uma tomada de posição que pode variar desde a intransigência e a decisão pela manutenção e defesa de suas fronteiras até a acomodação e modificação de suas ofertas de sentido.

A identidade religiosa do indivíduo constrói-se, portanto, a partir da interação entre um passado religioso, tradicional e familiar e um presente de novas experiências particulares ou coletivas. Ao se defrontar com a diversificada gama de possibilidades, o homem tende a realizar uma apropriação e combinação de símbolos diversos, dos quais vai tomando conhecimento a partir de suas vivências, para expressão de sua religiosidade em sua busca de sentido.

Leila Amaral, em seu estudo sobre o fenômeno Nova Era, chama atenção para uma nova identidade religiosa, que não é a identidade exclusiva resultado de uma estrutura cultural, mas outra que vem se delineando na sociedade contemporânea, a partir de uma cultura religiosa descentralizada e errante. Uma nova identidade que se forma no cruzamento entre tradições religiosas e não-religiosas, sem um território demarcado. Para exemplificar esse novo comportamento, a autora cita os centros holísticos¹, que apresentam como principal objetivo, para suas atividades, o desenvolvimento integral (planos mental, corporal e espiritual) de seus frequentadores, ressaltando como fundamental o desenvolvimento espiritual, sem, no entanto, para esse fim, utilizar um sistema de dogmas institucionalizados ou uma doutrina rígida.

Segundo essa autora, a organização dos eventos nesses espaços é realizada de acordo com os moldes empresariais modernos e visam à oferta de serviços de atendimento “de natureza terapêutica, divinatória, espiritual e meditativa, além de palestras informativas sobre as atividades programadas e cursos de formação em uma área específica” (AMARAL, 2000, p.10). A variedade de alternativas oferecidas tem por objetivo, ampliar a oferta de atividades, visando atender aos desejos dos frequentadores, em sua busca pela construção de uma

¹ Centros holísticos – conjunto de espaços na cidade, ponto de encontro dos buscadores citadinos, a partir de uma extensa e variada rede de serviços, para atendimento dos diversos campos de interesse de seus frequentadores, passando pela espiritualidade, alimentação, medicina alternativa, artes, turismo e ecologia. Leila Amaral – *Carnaval da Alma – Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. 2000, p.10.

identidade religiosa. A dinâmica dos eventos realizados não apresenta uma estrutura rígida ou de continuidade. São eventos individuais, que terminam ao final de cada encontro. Permitindo, dessa forma, aos participantes, liberdade de movimentação e de escolhas, sem o estabelecimento de vínculos ou obrigatoriedade de retorno àquele lugar. Tais experiências e fatores contribuem para a construção de uma religiosidade errante dentro de um processo de sincretismo dinâmico, onde se encontram e interagem grupos heterogêneos em constante transformação.

A autora aponta dois aspectos importantes para essa nova configuração de identidade religiosa, “o campo aberto de crenças, mas sem garantias de fundamento” e a diversidade interna ou “multidimensionalidade” do fenômeno. Tais aspectos serviriam para caracterizar um novo modelo de sincretismo, que não se limitaria a hibridação de identidades, mas incluiria o deslocamento, circulação e fluxo de identidades. A proposta desse movimento não se restringe a uma unificação de discursos. Mais que a religião ou a crença, importa o trato com o sagrado, a interação de elementos e rituais, por vezes, até mesmo controversos.

Dessa forma, durante a realização de um evento, classificado dentro do conceito Nova Era, podem ser encontrados elementos culturais diversos que são reorganizados para um determinado objetivo, naquele momento.

Leila Amaral afirma ser difícil definir esse fenômeno, devido ao seu caráter particular de mobilidade, plasticidade e sincretismo que busca rearranjar elementos de tradições já existentes, segundo determinada visão.

Para a autora,

Os elementos culturais, sejam eles símbolos religiosos ou não, são extraídos das diferentes tradições orientais, indígenas, milenares ou modernas e articulados com as psicotecnologias alternativas ou a elas incorporados. Não mais circunscritos à sua comunidade de origem ou a seus grupos naturais, esses símbolos são recobertos com uma alta diversidade de significados e usados para uma variedade de propósitos. Apresentam-se, pois, mais como recursos simbólicos ou de linguagem, com grande grau de flexibilidade e imprevisibilidade, do que como uma doutrina ou como um sistema fechado de significados. Mais que um substantivo que possa definir identidades religiosas bem demarcadas, Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas, independente das definições ou inserções religiosas de seus praticantes (AMARAL, 2000, p.32).

A partir dessas observações, Amaral ressalta que esse movimento busca a “liberdade da diferença” enquanto permite, ao indivíduo, acesso a um mercado de bens simbólicos que atendam aos seus anseios, sejam estes de ordem material ou espiritual. Dessa forma, pode-se observar que embora seus praticantes tentem diferenciar magia e religião, seus rituais e eventos, se dispõem, em essência, a conferir-lhes o controle sobre as múltiplas realidades vivenciadas e proteção contra eventuais situações e forças que possam causar-lhe sofrimento, colocando-o assim sob um “escudo mágico” (AMARAL, 2000, p.41). A busca por essa proteção poderia, portanto, ser considerada uma característica marcante do sentimento de religiosidade do indivíduo.

Volney J. Berkenbrock, escrevendo sobre diálogo inter-religioso e religiosidade, no contexto religioso atual, adota este termo no sentido de fé e vivência pessoal de religião, independente de ligação com uma instituição religiosa. Afirmando que a religiosidade teria por base, a experiência religiosa pessoal que a legitima, e como seu segundo elemento constituinte, a identificação religiosa, que levaria o indivíduo a tornar sua experiência religiosa uma marca no seu modo de ser, adotando uma atitude religiosa, para si e diante dos outros. O autor assinala ainda, a importância de uma diferenciação entre identidade e identificação religiosa.

Fala-se muito em identidade religiosa, na importância de pensar, esclarecer, ter presente a identidade religiosa. As instituições religiosas têm inclusive a preocupação com a transmissão, manutenção e defesa do que entendem como sua identidade religiosa. A partir do ponto de vista da religiosidade, que tem como ponto de referência a experiência religiosa, cremos que é mais adequado falar em identificação religiosa e não em identidade religiosa. Identidade religiosa passa a impressão de algo estático, a ser conseguido e mantido. Identificação religiosa é algo dinâmico, buscado sempre novamente a partir da experiência (BERKENBROCK, 2007, p.29).

Dessa forma, o autor considera que, atualmente, os indivíduos têm tomado a experiência religiosa como determinante de sua verdade religiosa. Deslocando, assim, da instituição para o sujeito esta responsabilidade.

Após essas considerações, pode-se entender, portanto, que o indivíduo, em sua busca por sentido e plausibilidade – vivendo no atual contexto de pluralismo religioso e diversidade de opções – constrói sua identidade ou identificação religiosa através de um processo de múltiplas experiências. Ressaltando que estas, não necessariamente, devam estabelecer

vínculos com uma determinada instituição ou crença. Assim pode-se dizer que esta nova configuração de mobilidade no campo religioso brasileiro ao propiciar a experiência do contato com outras maneiras de expressão da religiosidade permite, ao indivíduo, estabelecer um diálogo religioso que irá se desenvolver a partir de sua vivência religiosa pessoal.

A partir das concepções apresentadas neste subitem, a questão da construção de uma identidade religiosa no indivíduo poderia ser entendida, no contexto pluralista e dinâmico da atualidade, como produto de um processo que envolveu fragmentações e rupturas de uma identidade antes considerada estável. Dessa maneira, a busca pelo sentido e pelo reconhecimento do indivíduo de seu lugar no mundo, possibilita-o assumir, ainda que temporariamente, uma multiplicidade de identidades resultantes da combinação e incorporação de símbolos das diversas tradições religiosas com as quais interage.

No próximo subitem serão abordadas as formas como a interação dos diversos segmentos religiosos e a prática do diálogo religioso tem influenciado o surgimento de novas configurações religiosas.

1.3 O diálogo religioso e as novas configurações religiosas.

A análise do tema diálogo inter-religioso pode parecer, à primeira vista, que este seja apenas uma busca de convivência superficial e pacífica entre os diversos segmentos religiosos, suas práticas e representações. Ou ainda, uma tentativa de resposta ao, segundo Huntington (SAID, 2000, p. 316), inevitável choque entre as civilizações, que leva a conflitos ideológicos, políticos e sociais, a partir da aproximação entre os povos. Edward Said, afirma que, limites quando rigorosamente estabelecidos, impedem o globalismo benigno, que faria surgir “o trunfo mais precioso diante de tão terrível transformação da história e da tradição, um sentimento de comunidade, compreensão, simpatia e esperança” (SAID, 2000, p.336).

Dessa forma o diálogo inter-religioso pode ser visto como um desafio, que para acontecer de fato, dependeria de uma disposição real de abertura, apoiada no respeito e atenção a todos os credos, rompendo, assim, as barreiras da intolerância firmadas, na maioria das vezes, sobre o desconhecimento e desrespeito ao diferente, ao ignorado.

A busca pela construção de um mundo de sentido e pela formação de uma identidade, particularmente de uma identidade ou identificação religiosa, nos tempos atuais – face ao contexto de pluralismo e, conseqüentemente, das múltiplas ofertas no campo religioso

– tem levado alguns segmentos religiosos ao desenvolvimento de atividades que proporcionem a interação e o diálogo com outros grupos, de concepções e credos diversos.

A prática desse diálogo, no entanto, tende a ser concebida como uma troca de experiências entre indivíduos e comunidades religiosas que estejam dispostos a uma abertura ao conhecimento e à compreensão de diferentes formas de vivência do sagrado. Entende-se que para que tal encontro seja possível, levando a um enriquecimento mútuo de seus participantes, os envolvidos nesse processo devam estar preparados para acolher e reconhecer verdades diferentes de suas próprias, sem, no entanto, ter por meta a conversão do outro ou temer o abandono de suas convicções.

O diálogo, dessa forma, não deveria ser investido de um caráter de convencimento do outro com quem se dialoga, mas sim, ter por objetivo o acolhimento do outro. Respeitando, principalmente, o que ele apresenta de diferente e novo na sua maneira de conceber e expressar seu relacionamento com o que considera pertencente à esfera do sagrado. O respeito à identidade do outro, e à sua religiosidade, deveria ser, portanto, o elemento mais importante dessa experiência com a alteridade.

Faustino Teixeira, em seu artigo sobre os fundamentos e possibilidades para um diálogo inter-religioso hoje, aponta para a necessidade de se ultrapassar fronteiras, com sensibilidade e humildade, buscando o entendimento com o mundo do outro. Para este autor, “o diálogo inter-religioso envolve uma ampliação do olhar, uma capacidade de enxergar com largueza” (TEIXEIRA, 2010, p.159). E, ressalta, ainda, como uma disposição fundamental ao diálogo, “a escuta e a prontidão de aprendizado”, chamando atenção para o fato de que “o diálogo não apaga as diferenças” (TEIXEIRA, 2010, p. 160), assim sendo, as identidades dos interlocutores, construídas a partir de experiências espirituais no interior de sua tradição religiosa, devem ser preservadas. E, conclui seus apontamentos afirmando que, frente aos desafios da atualidade, gerados pela intensa comunicação entre as diversas civilizações e culturas, as religiões que “deixam em aberto a essencial tarefa de oxigenar de sentido a humanidade perdem sua relevância” (TEIXEIRA, 2010, p.163).

A humanidade tem conhecido exemplos de indivíduos que buscaram a prática do diálogo inter-religioso, em todos os tempos. O indiano, Mohandas Karamchand Gandhi, é considerado um dos maiores buscadores do diálogo entre as religiões, por sua atuação junto aos indianos (muçulmanos, hinduístas, parses, sikhs) e os missionários cristãos, nos trabalhos realizados em benefício dos pobres e durante suas atividades pela liberdade da Índia.

A atitude de respeito, expressada por Gandhi, a todas as espécies de fé, e sua busca pela verdade contida nelas, conduzem-no a criticar a intolerância e resistir ao fanatismo. Para

Gandhi, a verdade seria maior que qualquer religião e o diálogo inter-religioso, o caminho certo para harmonia entre os povos. Ele considerava que a religião de uma pessoa era uma questão entre ela e seu Criador, “em matéria religiosa as crenças diferem, e cada uma é a suprema para quem nela crê” (GANDHI, 2009, p.378).

Sobre o cristianismo, Gandhi dizia que no início de seu contato com alguns cristãos e da observação de sua conduta, a cada vez que perguntava a si mesmo – “o cristianismo é isso?” ouvia a resposta védica – “Neti, Neti”². Essas experiências o fizeram aprofundar seus estudos sobre os diferentes credos. Durante suas inúmeras viagens teve a oportunidade de conhecer e se tornar amigo de pessoas que vivenciavam os princípios cristãos, em testemunhos silenciosos, que o encantaram.

Gandhi afirmava que a vida de Jesus, dotada de tanta significância e transcendência faz com que “ele pertença não só ao cristianismo, mas ao mundo inteiro, a todas as raças e povos, pouco importando sob que bandeira, denominação ou doutrina trabalhem, professem uma fé ou venerem um Deus herdado de seus ancestrais” (GANDHI, 1996, p.75-76).

Ao se dirigir a missionários cristãos, Gandhi os aconselhava a não terem como objetivo final de suas tarefas a conversão das pessoas ajudadas ou o enfraquecimento de sua própria fé, mas sim o exercício puro do amor ao próximo. Dessa forma, o cristianismo atrairia as pessoas de maneira irresistível, sutil e silenciosa como uma rosa atrai com seu aroma. Quanto à conversão, caso ela se desse, representaria então, o abandono do mal que existe no antigo e a adoção do bem presente no novo, evitando o mal que por ventura houvesse neste.

Em suas reuniões com cristãos, Gandhi questionava o lamentável fato de que as religiões ao invés de unir pessoas que trabalhavam juntas, levavam-nas a se separarem nos momentos de oração. Segundo seu entendimento,

A prece é a maior das forças agregadoras, contribuindo para a solidariedade e a igualdade da família humana. Se alguém consegue unir-se a Deus através da prece, olhará para todos como para si mesmo. Não haverá poderosos nem humildes, nem provincianismo estreito ou mesquinhas rivalidades linguísticas. Não haverá injustas diferenças entre tocáveis e intocáveis, hinduístas e muçulmanos, parses, cristãos ou sikhs. (GANDHI, 2001, p.20)

Ele acreditava que conhecendo verdadeiramente a religião não haveria mais barreiras entre as diferentes formas de demonstração da fé. A tolerância seria então uma consequência

² Nem este, nem aquele. Não é isto, não é aquilo.

natural do sentimento comum de amor a Deus. Ser tolerante, no entanto não seria deixar de distinguir entre o certo e o errado, mas sim abrir-se para conhecer e entender a forma como outro se mostra.

Sendo consultado sobre o significado da oração, Gandhi esclarece que ela nada mais é “do que um intenso anseio do coração. Podemos expressar-nos através dos lábios, podemos expressar-nos reservadamente ou em público; mas, para que seja genuína essa expressão deve originar-se das mais íntimas profundezas do coração” (GANDHI, 2001, p.18). Para ele, o encontro com Deus e, conseqüentemente, com a verdade, só poderia ocorrer a partir do serviço aos pobres. Através desse trabalho, buscava a “auto-relização: enxergar Deus face a face, atingir o *moksha*³”.

Quando perguntado sobre como e a quem orar, Gandhi explicava que sendo O Inominado, Ele poderia ser chamado Rama, Krishna ou Deus, e desde que a oração fosse feita com humildade e a mente livre de impurezas espirituais, ela nunca ficaria sem resposta, pois Aquele que conhece a fundo todos os sentimentos, responderia sempre segundo o merecimento de cada um.

Quando não há mais esperança, quando nenhuma ajuda resolve e nada nos ampara, percebo que, no último momento, algo sempre nos salva. Não sei de onde vem essa força, mas não creio que a súplica, a oração e a fé sejam superstições. São atos mais verdadeiros que o comer, beber, andar e sentar. Não é exagero afirmar que esses atos em si são o que há de mais verdadeiro na vida e todo o resto é falso. A devoção e a prece brotam do coração; não são superficiais ou mera retórica. Ao alcançarmos a pureza do coração, num momento em que ele está ‘vazio de tudo, exceto de amor’, ao manter os sons vibrando no tom correto em nós, a prece se torna ‘doce música que se eleva aos céus’. A prece não necessita de palavras, pois seus efeitos permanecem independentes de qualquer esforço dos sentidos. Não tenho a menor dúvida de que a prece é um método infalível de purificar o coração das paixões que nos consomem (GANDHI, 2009, p.76-77).

Ao ser questionado sobre os lugares destinados a orações coletivas e da corrupção ali existente, Gandhi responde que templos, mesquitas, sinagogas ou igrejas, não importando sobre qual denominação recebessem, deveriam ser ambientes que falassem ao coração daqueles que os frequentassem. Para ele, os vícios teriam origem no coração e na consciência das pessoas e não nos espaços reservados às orações. Pois mesmo que as reuniões de oração ocorressem “ao ar livre, tendo o céu como teto e os quatro pontos cardeais como paredes, o

³ Termo sânscrito que significa liberação espiritual, a quarta meta da vida humana.

Deus concebido por um ser humano será necessariamente limitado por uma forma, ainda que se trate apenas de uma imagem mental” (GANDHI, 2001, p.143).

Pode-se aqui, apresentar ainda, outros exemplos de buscadores do diálogo, de pessoas que viveram a experiência da abertura ao conhecimento do outro. Faustino Teixeira em seu artigo sobre Raimon Panikkar, um dos grandes precursores do diálogo inter-religioso, registra a definição do próprio Panikkar sobre o homem religioso como “buscador e peregrino que caminha com segurança por caminhos inexplorados. Alguém que está aberto e disponível para captar a novidade do cotidiano, em cada um de seus preciosos momentos, sem deixar de lado a herança que traz em sua bagagem” (TEIXEIRA, 2010, p.371). Para Teixeira, Panikkar pode ser considerado um virtuoso do pluralismo religioso⁴ devido à sua contribuição para o afrouxamento dos nós do etnocentrismo cristão e uma mudança de atitude – que deveria pautar-se na abertura, hospitalidade e acolhida – frente a outras tradições religiosas. Este autor refere-se à Panikkar como alguém que

Mostrou com vitalidade e vigor que o verdadeiro diálogo requer dos interlocutores um profundo respeito e cuidado com o enigma do outro. No diálogo caminha-se sobre um “solo sagrado”, e os interlocutores devem estar desarmados para viver a dinâmica de reciprocidade de dons que esse encontro revela e traduz. Foi um grande “virtuoso do pluralismo religioso”, um assíduo defensor da diversidade irredutível e irrevogável que marca o mundo das religiões. Pontuou igualmente a centralidade da dimensão espiritual para o exercício dialogal, enfatizando a importância da humildade, do despojamento e da pureza de coração para a afirmação de uma nova disponibilidade de encontro autêntico com o diferente. (TEIXEIRA, 2010, p.380)

Continuando a menção aos buscadores poderiam ser citados ainda, Henri le Saux, monge beneditino francês que peregrinou pelo hinduísmo, Georges Anawati, cristão egípcio em seu encontro com o mistério do islã, Louis Massignon, cristão francês que inovou as reflexões sobre o mundo muçulmano, Thich Nhat Hanh, mestre zen que buscou as semelhanças entre o budismo e o cristianismo e Christian de Chergé, prior do mosteiro de Tibhirine na Argélia, que viveu e morreu para sua vocação de experiência espiritual com os muçulmanos. Todos eles, exemplos de pessoas que se dedicaram ao exercício do diálogo inter-religioso e à disponibilidade de acolher e respeitar a alteridade. Para esses buscadores,

⁴ Peter Berger denomina como virtuosos os indivíduos que conseguem viver de maneira segura dentro de um contexto de pluralismo.

não bastava apenas o conhecimento de outra tradição religiosa, sua busca deveria ir além, para conhecer a verdade do outro, era necessário vivê-la, senti-la em sua plenitude.

No Brasil, embora a constituição do campo religioso brasileiro tenha se originado, como já mencionado anteriormente, a partir do encontro entre tradições religiosas diversas, resultando num sincretismo singular, tal fato não parece contribuir para uma ampla abertura ao diálogo entre os diferentes segmentos religiosos que o compõem. O que se pode observar, por parte de alguns grupos religiosos, é um empenho em resguardar suas fronteiras e firmar posições de hostilidade e resistência contra outras denominações religiosas.

Vagner Gonçalves da Silva, em uma publicação de 2007, refere-se ao ataque sofrido pelas religiões afro-brasileiras por parte de representantes neopentecostais. Em seu texto, o autor aponta para um processo de ressignificação de símbolos oriundos das religiões afro-brasileiras, pelo segmento neopentecostal. Segundo ele, essa atitude poderia ser interpretada como uma estratégia para atrair fiéis, através da sugestão e suposição de que as divindades cultuadas pelas religiões afro-brasileiras seriam manifestações do demônio. Tais afirmações têm gerado conflitos que vão desde ataques verbais no âmbito dos cultos, até a agressão física aos frequentadores e aos espaços de culto das religiões afro-brasileiras. Passando também, por um trabalho de desqualificação de seus símbolos e termos, através de publicações que utilizam como exemplo, situações descontextualizadas de rituais praticados por esses segmentos religiosos (SILVA, 2007, p.215).

Silva aponta ainda para o fato de que, embora em meio a uma batalha – que alcança inclusive a esfera política – há entre esses segmentos religiosos uma semelhança de comportamento quanto ao fenômeno de avivamento religioso. E que este poderia, portanto, ser considerado um ponto comum entre duas maneiras distintas e, até mesmo, opostas de afirmação de identidades e de reinterpretções das aflições da sociedade em sua busca por um mundo de sentido.

Paralelamente a essas situações de hostilidade e conflito, pode-se observar por parte de outros grupos religiosos uma postura menos rígida. Há, atualmente, no campo religioso brasileiro, segmentos que já adotam um discurso de tolerância em relação a outras tradições religiosas. Tal atitude, ainda que não possa ser considerada como uma abertura ao diálogo denota, no entanto, uma possibilidade de convivência harmoniosa, minimizando as situações de conflito.

A realização de encontros para celebrações, que contam com a presença de representantes de várias tradições religiosas, poderia ser considerada um avanço no exercício da tolerância. Compartilhar o mesmo espaço, ainda que por um intervalo de tempo

delimitado, já representaria, ao menos, uma disponibilidade de convivência com o outro. Um passo em direção ao reconhecimento de que outras formas de manifestação da religiosidade também devem ser respeitadas. Esse comportamento poderia, portanto, ser considerado como início para o estabelecimento de um diálogo.

O exercício de se conhecer outras religiões, respeitando seu “caráter único e singular”, requer “uma dinâmica de abertura ao outro”, conforme esclarece Faustino Teixeira escrevendo sobre Jacques Dupuis e acrescenta: “o diálogo inter-religioso constitui espaço singular para esta experiência de ‘complementaridade recíproca’ entre as religiões. Trata-se de um dos desafios mais importantes nesse novo milênio. Longe de significar um enfraquecimento da fé, o diálogo torna-a mais profunda convocando-a a navegar em outros espaços e a se abrir a novas e inusitadas dimensões” (TEIXEIRA, 2008, p.16).

Atualmente, esta abertura ao conhecimento e reconhecimento de outras tradições religiosas, pode ser observada de forma concreta em movimentos e grupos religiosos, que se dispõem a promover encontros, nos quais ocorre interação dos diversos segmentos religiosos. Nessas ocasiões objetiva-se desenvolver uma dinâmica que proporcione a prática do diálogo inter-religioso.

O grupo que passará a ser descrito no próximo capítulo intitula-se Fraternidade Cósmica Universal, possui sua sede na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, e foi escolhida como campo de pesquisa por apresentar como ideal, a propagação da universalidade das religiões, a interligação e interdependência entre os diversos saberes da Religião, Ciência e Filosofia, através da realização de palestras proferidas por representantes de vários segmentos religiosos, e não religiosos, que se mostrem interessados em participar das discussões promovidas durante suas reuniões e grupos de estudo.

Serão, também, abordados, o histórico deste grupo, os objetivos que levaram à sua criação, organização e continuidade do processo de diálogo e integração dos diversos segmentos religiosos. Bem como, a motivação das pessoas que para ali acorrem interessadas em ouvir as mensagens advindas das diversas tradições religiosas e como esses frequentadores participam da dinâmica desse processo de diálogo inter-religioso.

CAPÍTULO 2: FRATERNIDADE CÓSMICA UNIVERSAL E O DESAFIO DA ABERTURA PARA A ALTERIDADE.

Neste capítulo que ora se inicia, o foco será a narrativa da criação e do histórico do grupo objeto deste estudo. Será realizada também, a descrição dos encontros inter-religiosos e dos espaços destinados à realização dessas atividades.

2.1 A criação do Grupo: busca por um espaço de hospitalidade e de respeito ao outro.

As informações relatadas a seguir, foram elaboradas a partir das visitas e observações participativas em alguns dos eventos realizados pela Fraternidade Cósmica Universal – durante aproximadamente 12 meses – nos quais foram mantidas conversações informais e entrevistas com membros, visitantes e palestrantes convidados. As perguntas, formuladas durante essas conversas, buscaram abordar a relação do interlocutor com a casa, desde seu primeiro contato, passando pela função desempenhada por ele no grupo, quando se tratava de um dos membros, sua trajetória religiosa e suas impressões sobre as atividades ali desenvolvidas.

O grupo tem sua sede – em funcionamento numa casa de propriedade de Sérgio José Fecher, idealizador, criador e diretor do projeto – situada à Rua Maestro Octávio Maul 1453, no bairro Samambaia na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. O acesso ao endereço, quando em veículo próprio, pode ser feito por dois trajetos, ambos passando por ruas estreitas típicas de bairro residencial, a propriedade dista do centro da cidade oito quilômetros. Utilizando-se transporte público, pode-se contar, atualmente, com uma linha de ônibus da empresa Cidade das Hortênsias, número 314 que serve aos moradores do bairro, há uma parada de ônibus em frente ao portão da casa.



Figura 1: imagem do portão da Fraternidade Cósmica Universal (arquivo pessoal).

A origem e o histórico da Fraternidade Cósmica Universal foram narrados por seu idealizador e atual coordenador Sérgio José Fecher, em entrevistas realizadas na sede do grupo e em visita ao ashram⁵ Vale do Amor, que será descrito mais adiante neste capítulo, no quarto subitem.

Sérgio começou sua fala, abordando a história do espiritismo no Brasil e mencionando os médiuns mais conhecidos, ressaltando que os pioneiros no trabalho de tratamento espiritual, nem sempre eram pessoas que se afirmassem religiosas ou ligadas a uma tradição religiosa específica. Mas, que em algum momento de suas vidas foram tocadas pela mediunidade e, a partir de então, começaram a realizar trabalhos que tinham por objetivo a cura espiritual de doenças. Apontando também, o fato de que esse trabalho de cura espiritual está presente em várias religiões ao redor do mundo, não sendo, portanto, algo exclusivamente pertencente ao espiritismo brasileiro. Para ele, a mediunidade de cura é orgânica, ou seja, pertence ao médium e não está atrelada à escolha religiosa da pessoa,

⁵ Palavra sânscrita que significa “pena”, “esforço”. Lugar de meditação, eremitério onde uma pequena comunidade leva uma vida simples de disciplina pessoal, no estudo e na meditação. Está geralmente colocado sob a direção de um guru e recebe os viajantes. Os mais célebres “ashrams” da Índia eram os de Gandhi, de Tagore em Santiniketan, de Sri Aurobindo em Pondichery. (Alguns padres católicos, seguindo o exemplo dos Padres Montchanin e Le Saux, criaram em Shantivanan, na Índia, um ashram cristão). Modo de vida religiosa que compreende os quatro estados da vida de um brâmane piedoso. Marguerite-Marie Thiollier. *Dicionário da Religiões*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 30-31.

podendo esta, atravessar a vida passando por várias religiões e permanecendo a mediunidade naquele corpo. Para ilustrar tal afirmação, Sérgio comenta sobre os problemas enfrentados por médiuns, com o próprio espiritismo, em relação à realização de cirurgias espirituais.

Nesse momento, o entrevistado, citou o trabalho realizado pelo médium Zé Arigó⁶ que fazia questão de se declarar católico, e não espírita, e dos problemas que o levaram inclusive a ser preso, na tentativa de impedir suas atividades, sob a acusação de exercício ilegal da medicina. Tal medida, no entanto, se mostrou ineficaz, pois as pessoas iam até a cadeia procurando ser atendidas por ele, o que resultava em transtornos ainda maiores. Com

⁶ José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, nasceu em 18 de outubro de 1922 na Fazenda do Faria, localizada a 6 km de Congonhas. Teve infância semelhante à dos meninos pobres de sua geração, e os poucos recursos da família não lhe permitiram estudos além do terceiro ano primário. Aos quatorze anos empregou-se na Companhia de Mineração Ferro e Carvão, onde trabalhou durante seis anos. Além da primeira experiência profissional, José Pedro ganhou também nessa época, o apelido que depois o tornaria famoso em todo o Brasil: Zé Arigó. Por volta de 1950, Zé Arigó começou a apresentar alguns distúrbios que o perturbavam de modo peculiar. Fortíssimas dores de cabeças, insônias, transe e visões que o levaram bem perto da loucura. E uma voz que sempre o acompanhava por onde quer ele fosse. Visitou médicos e especialistas, mas durante três anos sofreu tais perturbações não havendo tratamento que melhorasse seu sofrimento. Um dia, a voz que o perseguia tomou corpo e Zé Arigó pôde ver um personagem totalmente calvo, vestido de avental branco e supervisionando uma equipe de médicos e enfermeiros em uma enorme sala de cirurgia. Este personagem lhe falava numa língua que ele não entendia, mas a mensagem enviada por ele Zé Arigó não teve dificuldade de compreender. O Dr. Fritz o escolheu, seria seu guia para realizar curas consideradas até impossíveis. Uma força que ele chamava de "estranha" fez de suas mãos rudes acostumadas a lidar com grosseiros instrumentos de trabalhos, mãos hábeis, capazes de manejar bisturis e agulhas. Em 1950, Zé Arigó aceitou esse chamado sobrenatural e começou a atender pessoas doentes que precisavam de auxílio. Em pouco tempo, Congonhas passou a receber milhares de pessoas, que procuravam Zé Arigó quando os recursos da medicina tradicional se esgotavam. Diariamente, chegavam a Congonhas inúmeras caravanas dos mais diversos Estados. Antes famosa por seu valioso patrimônio cultural e artístico, a cidade passou a ser conhecida também pelo poder de cura de Zé Arigó, poder este que, segundo ele, surgia do espírito do Dr. Fritz, e que trouxe a Congonhas inclusive pessoas vindas da Europa e Estados Unidos. Chegavam também inúmeras caravanas vindas da Bolívia, Uruguai, Paraguai, Argentina e Chile. Durante muito tempo, Congonhas esteve interligada a Buenos Aires e Santiago do Chile por uma linha de ônibus direta e regular. Nessa época, nem mesmo a cidade do Rio de Janeiro era ligada a Buenos Aires através de transporte rodoviário. Arigó enfrentou diversos problemas de ordem religiosa e legal. Numa cidade tradicionalmente católica como Congonhas, não foi fácil romper barreiras e trabalhar dentro da linha do espiritismo. A Igreja o combatia e não chegou a aceitar seu trabalho mediúnico. Entretanto, Zé Arigó não criou inimizades com o clero durante o tempo em que realizou o seu trabalho. Virgílio Rodrigues, sempre foi seu amigo a despeito das diferenças religiosas existentes. Já no plano legal as coisas sempre foram mais complicadas. Em 1956, a Associação Médica de Minas Gerais instaurou processo acusando Zé Arigó de prática de curandeirismo, foi condenado a quinze meses de prisão, teve a pena reduzida à metade e não chegou a ser preso, pois foi indultado pelo presidente Juscelino Kubitschek. Em 1962, foi novamente processado e preso durante sete meses em Conselheiro Lafaiete, por exercer medicina ilegal. Continuou sua missão dentro do presídio e voltou a Congonhas ainda mais prestigiado. Independente de qualquer controvérsia no âmbito médico ou legal é inegável as curas fantásticas que ele realizou. Durante muitos anos os "milagres" se multiplicaram e as suas curas desafiaram o mundo médico e católico. Ele era naturalmente mais que um espírita disposto a fazer caridade. Segundo muitos estudiosos, era dotado de faculdades paranormais excepcionais e foi justamente este fenômeno que lhe permitiu diagnósticos tão preciosos, que suscitaram inclusive a curiosidade de uma equipe de médicos norte-americanos. Realmente, o fenômeno Zé Arigó foi um dos casos paranormais mais extraordinários em todo o mundo, e até sua morte, em 11 de janeiro de 1971, vítima de acidente automobilístico na BR-040, ele foi citado e comentado em todas as revistas internacionais de grande projeção. Seu trabalho, reconhecido em todo o mundo, abriu uma janela a mais nos horizontes de Congonhas, que ainda hoje, 35 anos após seu desaparecimento ainda recebe turistas curiosos por conhecer a terra onde viveu, trabalhou e morreu Zé Arigó. Disponível em: <<http://www.camaracongonhas.mg.gov.br>>. Acesso em 13 mai. 2013.

esse exemplo, Sérgio volta a frisar sua opinião sobre a inexistência de uma interdependência entre a mediunidade e a escolha religiosa do indivíduo.

A partir desse momento, ao ser perguntado sobre a criação da Fraternidade Cósmica Universal, seu idealizador declara que no início, seu principal objetivo era prestar ajuda espiritual às pessoas e começa a falar sobre sua própria mediunidade, narrando suas primeiras manifestações ocorridas quando tinha seis anos de idade, numa ocasião em que passava uma temporada na casa dos avós.

Lá teriam ocorrido os primeiros fenômenos de efeito físico, denominados ectoplasma⁷, sempre no final da tarde. Nesses momentos ocorriam materializações de animais, principalmente de um gato que chegava à noite, sem ter por onde entrar ou sair e ia embora pela manhã. Segundo as declarações de Sérgio, esse animal o acompanhava desde uma encarnação anterior no Egito. Paralelamente às materializações, outros fenômenos também ocorriam na casa, tais como o barulho de louça se quebrando e, após verificação, notava-se que nenhum objeto havia se quebrado.

Depois desse período e durante o restante da infância e adolescência, não mais ocorreram manifestações de nenhuma natureza. Nessa época ele frequentava a igreja católica por tradição familiar.

Aos 28 anos, após um período passado na Suíça, sua mediunidade voltou a se manifestar de maneira ostensiva, no ano de 1988, levando-o a procurar uma casa espírita onde pudesse encontrar explicações para os fenômenos que vivenciava, nessa ocasião, uma avó ligada à umbanda, exerceu importante papel de apoio em sua busca.

Na primeira casa que frequentou, passou aproximadamente dois anos, mas por não concordar com a forma dogmática como a doutrina espírita era apresentada, e por entender que ela deveria permitir uma maior abertura ao outro, acabou por se desligar do grupo, permanecendo afastado do espiritismo pelos próximos dez anos. Passado esse tempo, sua mediunidade novamente eclodiu, e ele passou, então, a receber orientações espirituais de

⁷ Produção de ectoplasma e dos efeitos psicofísicos decorrentes de seu uso. Nome pelo qual Richet designou as materializações fantasmagóricas. Meyers empregou o termo *ectoplasia*, mas o termo ectoplasma já está incorporado ao vocabulário espírita. Segundo um dos maiores estudiosos dos fenômenos psíquicos no Brasil, Dr. Hernani Guimarães Andrade, entre os termos materialização e ectoplasma, ele prefere o segundo, pois significa forma modelada exteriormente ao organismo do agente plasmador. Em particular, a substância dócil à modelagem é o ectoplasma, quando se trata de um fenômeno paranormal. O fenômeno de *ectoplasma* pode dividir-se em três tipos: a – *psicoplastia*, quando o ectoplasma assume formas diversas devido à ação psicocinética exclusiva do médium. b – a *duplicação ectoplasmática*, em que o perispírito do médium serve de organizador do ectoplasma, produzindo uma réplica do médium. c – a produção de *agênere ectoplasmático*, na qual o médium funciona apenas como doador de ectoplasma. Sua modelagem opera-se à custa do perispírito de um segundo agente. É possível ainda que o Espírito de uma pessoa encarnada se sirva do ectoplasma de um doador e se manifeste em forma de *agênere ectoplasmático*. Palhano Júnior, L. *Diccionario de Filosofia Espírita*. Editora CELD, 4ª edição, 2009.

como deveria proceder e sobre o que a espiritualidade esperava que fizesse. A partir de tais informações, Sérgio decide criar a Fraternidade Cósmica Universal.

Segundo suas próprias palavras

enquanto eu idealizava, a espiritualidade pedia que eu fosse a vários lugares diferentes, ‘vá a um terreiro, vá a uma igreja, vá a um centro espírita’, e eu comecei a frequentar e aí começou a ser traçado o perfil universalista nosso. Se através do trabalho de cura, dessa possibilidade que é orgânica, eu posso cuidar das pessoas, eu quero cuidar de todas as pessoas necessitadas que baterem a minha porta. E não cuidar de espíritas ou de um segmento, ou outro, então eu entendi. Eu comecei aí a entender que se a casa não tivesse um rótulo, nós estaríamos abertos a todas as pessoas que tem dor, porque, infelizmente, às vezes, existe a dor, a necessidade, mas os líderes religiosos não vão lá porque aquilo é do diabo. Temos muitas histórias de pessoas que romperam com seus pastores porque a dor falou mais alto, pessoas que romperam com o padre porque a dor falou mais alto. Pessoas que romperam com seus líderes espirituais e vieram bater à porta, receberam suas bênçãos e retornaram para sua fé. Porque a gente entende assim: a gente cuida, mas o que você gosta? Qual o ritual que você gosta? Você gosta de ir à missa aos domingos? Então vá ser católico! Mas seja um católico respeitando as outras escolhas. Assim como você é respeitado por ser católico, respeite o que decidiu ser evangélico. Respeite aquele que quer ser budista. Então, assim, começou a nascer o nosso universalismo, através do respeito. Então, eu estudando os livros sagrados, os grandes mestres que vieram reforçar... porque veio o senhor Buda e vieram outras tantas almas seguidoras do budismo, trazer a beleza do senhor Buda. Veio o Cristo e deixou o cristianismo, e vieram santos maravilhosos na Igreja Católica, que vieram trazer a beleza do cristianismo. Um exemplo: São Francisco, que a gente ama muito, um dos mais fiéis à essência do cristianismo, né? E assim, várias outras religiões. E a gente começou esse diálogo com as religiões, no sentido de conhecer um pouquinho. Porque infelizmente, a humanidade julga sem conhecer. Então nessa caminhada o que a gente mais descobre é que a direção é a mesma. Estamos todos caminhando para o grande Deus, a grande força cósmica criadora. Mas cada um escolhe como caminhar. Mas o objetivo é o mesmo e o que nos faz caminhar de forma saudável, é o amor. O amor comum a todas as religiões. Então nesse diálogo, a gente vem percebendo isto: como é bom conhecer. Porque desconstrói o que nos foi imposto. Na verdade a gente teve uma herança muito negativa. Os líderes, deturpando seus mestres maiores, fizeram uma interpretação, uma tradução errônea da essência das religiões, muito em prol do ego mesmo. Então a gente pode ir descobrindo isso na caminhada, a gente acessa ali, a essência, a busca de cada caminho. Esse diálogo não tem volta, ele é extremamente saudável, uma bola de neve positiva. Porque a gente conhece, se fortalece no diálogo, conhece outro caminho, e se fortalece cada vez mais. A gente amplia a visão conhecendo novos caminhos⁸.

Prosseguindo a conversa, Sérgio continuou falando sobre suas experiências com a espiritualidade, o contato com as outras religiões e as explicações e elucidações colhidas por

⁸ Entrevista gravada na sede da Fraternidade Cósmica Universal em 10 de outubro de 2012.

meio desses contatos com outras formas de abordar vários temas religiosos e do cotidiano. Como, por exemplo, cita os Hare Krishna, que são chamados, por algumas pessoas, filhos de comedores de carne e vistos, às vezes, como um grupo hippie que resolveu cantar e dançar. Mas que, na verdade, sua dança, por exemplo, tem um significado muito mais profundo, os passos executados estão relacionados ao estímulo da glândula pineal e a uma abertura para a meditação e conexão com a mente cósmica. Para ele, a beleza estaria em conhecer a riqueza dos caminhos e reconhecer a forma própria do caminhar de cada segmento religioso.

Ao ser perguntado sobre os conflitos atuais entre os povos, sejam de natureza religiosa ou não, Sérgio responde que o recrudescimento de situações de aflição acaba por levar a uma melhora nas relações, porque não pode haver somente a escuridão. Assim como em outros tempos sombrios, atravessados pela humanidade, em que a luz se fez novamente. Ele entende que hoje o mundo parece estar ligado, não apenas pela tecnologia, mas também por uma imensa teia invisível que interliga almas universalistas que estariam nascendo agora. Haveria dessa forma, toda uma arquitetura divina permitindo que essas almas reencarnem em pontos diferentes do mundo para expandir as religiões e buscar um entendimento. Apesar do comércio de interesses que ainda existe por trás dos caminhos religiosos.

Com relação ao contato com representantes de outras religiões, o coordenador da Fraternidade Cósmica Universal menciona que em uma conversa com Kirit Dave⁹, um parceiro no projeto Vale do Amor, durante sua última visita ao grupo, este declarou estar emocionado com o trabalho que vem sendo ali desenvolvido, por muito se assemelhar ao que seu mestre sonhava realizar na Índia. Ressaltando as dificuldades encontradas para se concretizar projetos como esse em um mundo onde há sempre o outro lado, e afirmando que a Fraternidade é uma semente, semelhante a várias outras espalhadas pelo mundo, que pretendem germinar e mudar, no futuro, a situação de dualidade do mundo, mesmo que leve ainda, alguns séculos.

Segundo suas próprias palavras, durante entrevista na sede da Fraternidade, em outubro de 2012,

Infelizmente, a gente tem que ter essa consciência, quanto maior a luz...a gente vive num mundo onde tudo é dois, masculino, feminino, dia, noite, alegria, tristeza, tudo, tudo é dois, existem pessoas estagiando no bem, pessoas estagiando no mal, mas daqui a pouco vai estar todo mundo acima do bem e do mal. Esse daqui a

⁹ Discípulo do grande Mestre indiano de Yoga e meditação, Shrii Shrii Anandamurtii ji (Baba), ministra palestras, anualmente, na Fraternidade Cósmica Universal quando em visita ao Brasil.

pouco eu não sei quantos séculos, mas é daqui a pouco, entende? Então não tem jeito. Você busca a luz e a escuridão tá ali, a sombra tá ali. E quanto maior for a luz, maior o propósito, mais verdadeiro, maior será a sombra¹⁰.

Quando perguntado sobre o início das atividades do grupo, Sérgio conta que a criação se deu a partir de um culto realizado, às terças-feiras em sua própria casa, no ano de 2002 ao redor de uma mesa onde ficavam livros de várias religiões que ele já possuía. Para a realização desses cultos, alguns amigos eram convidados. Em certa ocasião, uma amiga aconselhou-o a se organizar melhor, excluindo alguns livros e permanecer apenas com a literatura espírita, ao que ele reagiu pensando que deveria fazer exatamente o contrário – trazer mais livros de outras religiões para o estudo. Assim, partindo desse culto doméstico, o grupo intensificou seus estudos sobre as diversas tradições religiosas, acrescentando, aos primeiros, outros livros que ganhava.

Em um encontro com outro amigo e falando sobre seus estudos, foi presenteado com cerca de 30 livros sobre Ramakrishna¹¹, seu grande inspirador e quem dá nome ao templo situado no segundo andar da sede da Fraternidade.

¹⁰ Entrevista gravada em outubro de 2012 na sede da Fraternidade Cósmica Universal.

¹¹ Ramakrishna (1834-1886). *Místico* e líder religioso hindu. Nasceu em Karmapukar. Seu nome era Gadadhara Chattopadhyaya. Desprovido de instrução intelectual, mas praticando com grande zelo o ascetismo, reuniu em torno de si numerosos discípulos. Aos vinte anos já era sacerdote do templo da deusa Kali, nos arredores de Calcutá. Em sua juventude sentiu-se atraído pela vida dos heróis religiosos e, segundo ele próprio relata, teve sua primeira experiência de êxtase espiritual com a idade de sete anos. Quando tinha vinte anos casou-se com a jovem que para tal lhe fora destinada aos seis anos de idade, Saradamani, que foi sua fiel discípula e que permaneceu virgem durante toda sua vida. Para ele, Kali era a Mãe Divina, e Rama, o espírito do universo; mais tarde adotou a adoração de Krishna e dedicou-se à Vaishnava, forma de amor na qual a alma humana ama a Deus como uma esposa devotada ama o marido. Entre 1866 e 1874 estudou e dedicou-se sucessivamente ao islamismo e ao cristianismo, o que, aliado às práticas anteriores, permitiu-lhe visões de Rama, Krishna, Shiva, Kali, Alá e Jesus, levando-o a afirmar: "Descobri que se trata do mesmo Deus, para o qual todos dirigem seus passos, embora por caminhos diferentes". Dedicou os últimos anos de sua vida à formação de um grupo de seguidores, sob a direção de seu discípulo predileto e sucessor, Vivekânanda. Ensinava que a melhor forma de servir a Deus é servir aos homens e que Deus, embora fosse um, podia assumir vários nomes e aspectos. Os fundamentos dessa fé sincretista estão expostos em sua obra *Praticas*. Tais ensinamentos inspiraram a organização que leva seu nome e que está representada pela "Ordem de Ramakrishna", de monges, e pela "Missão Ramakrishna", de caráter filantrópico, ambas sediadas na Índia. Morreu vítima de câncer e seu discípulo e sucessor Vivekânanda assim o definiu: "Não foram novas verdades que Ramakrishna veio pregar, embora seu advento haja trazido à luz verdades antigas". Hugo Schlesinger, Humberto Porto. *Líderes religiosos da humanidade*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986, p.1133.



Figura 2: imagem do templo situado no segundo andar da sede (site).



Figura 3: imagem do altar do templo (site).

Através da leitura desses livros, conheceu Vivekananda¹² - principal discípulo de Ramakrishna – que em 1893, no parlamento das religiões, nos Estados Unidos, representando o hinduísmo, impressionou o auditório ao se dirigir aos presentes como “irmãos e irmãs da América” e falando sobre o universalismo com grande eloquência. Seu livro *O que é*

¹² Swami Vivekananda Shami Bibekanondo – o mais célebre asceta bengali, discípulo de Ramakrishna (Calcutá 1862 - ibid. 1902). Entusiasmou-se inicialmente com Brahma Samaj, depois seguiu o ensinamento de Ramakrishna que soube ampliar. À morte do seu mestre, fez-se sãiasi no Himalaia, depois participou, em 1893, no Congresso das religiões, no qual obteve um enorme sucesso. Orador persuasivo fundou com um americano a *Vedanta Society*, em Nova York, e organizou com os seus "mestres", ou *swami*, a ordem de Ramakrishna, fundada na organização monástica cristã, bem como a *Ramakrishna Mission* na Índia, de inspiração filantrópica. A actividade destes organismos é muito grande; consiste em publicações, conferências, obras caritativas e educativas. O seu quartel general está em *Belur*, perto de Calcutá, onde Vivekananda morreu depois de ter participado no Congresso das religiões de 1900. Foi sob a sua influência que Margaret Noble (Nivedita) se converteu ao hinduísmo. Penetrado pela cultura ocidental, este swami soube dar um rosto novo ao hinduísmo propondo métodos diferentes: o yoga, a meditação, o estudo, a pura devoção e as obras de caridade pelo conhecimento da omnipresença divina numa religião universal. Marguerite-Marie Thiollier. *Dicionário da Religiões*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 363-364.

religião¹³, tornou-se objeto de estudo nas reuniões dos membros da Fraternidade. Em sua obra, Vivekananda menciona as experiências de seu mestre na busca pelo conhecimento sobre as várias religiões e sua influência na construção do pensamento de pessoas como Gandhi e Léon Tostoi.

Durante a realização de um destes cultos, Sérgio recebeu uma mensagem psicografada que aconselhava a abertura da casa, pois já haviam sido realizadas as visitas aos templos e iniciados os estudos sobre as religiões, a mensagem recomendava ainda, que convidasse uma médium vidente, sua conhecida, para uma visita, ocasião em que esta confirmou as mensagens que haviam sido recebidas pelo grupo e orientou a organização do espaço físico para a construção da sede na varanda da casa, onde seriam recebidas centenas de pessoas para ouvir palestrantes de várias partes do mundo e para serem tratadas pela espiritualidade. Tais informações causaram certa estranheza, pois não sabia como concretizar esses planos.

Nessa época, ano de 2003, segundo Sérgio, ele já havia deixado de trabalhar em sua indústria, vivia com poucos recursos e passava por problemas de saúde. Foi nesse período também, que esteve afastado da família, vivendo uma solidão considerada por ele como positiva, pois proporcionava a oportunidade de realizar sua busca por Deus. Para a realização das obras, foram necessários vários meses e contar com trabalho voluntário de amigos e pessoas de sua família.

Para a inauguração da Fraternidade Cósmica Universal, em 04 de agosto de 2003, compareceram 30 pessoas e, durante dois anos, 12 pessoas participavam das reuniões semanais. A limpeza e organização do espaço eram realizadas pelo próprio coordenador dos trabalhos que mantinha a porta aberta para que as pessoas chegassem e assim pudesse manter seu projeto. Sérgio relata que apesar de prosseguir, continuavam as dúvidas e questionamentos sobre as centenas de pessoas que viriam procurar a casa, mencionadas nas mensagens que recebera quando do início do projeto.

No ano de 2005, em uma visita ao Lar de Frei Luiz¹⁴, onde sua mediunidade havia sido identificada anos antes, Sérgio recebeu a informação de que deveria começar a receber palestrantes. Então ele convidou 12 pessoas de casas diferentes, quatro para cada um dos meses de julho, agosto e setembro de 2005. Um ano depois já eram recebidas 400 pessoas

¹³VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião?* Editora Lótus do Saber, 2ª edição, 2004.

¹⁴ O Lar de Frei Luiz é um Centro Espírita Kardecista, que promove atividades de estudo e divulgação do espiritismo, atendimento e tratamento espirituais e atividades assistenciais dirigidas aos menos favorecidos possui sua sede na Estrada da Boiúna 1367 Taquara – Jacarepaguá – Rio de Janeiro - RJ

para as palestras. Nas palestras proferidas por Frei Beto e por Leonardo Boff, o público presente foi de mais de 500 pessoas. Ao ser perguntado, por Frei Beto, sobre como conseguia levar tantas pessoas até lá, respondeu que era pela dor e pelo amor.

A partir deste período, a casa começou a receber, também, palestrantes de outros países, como Baskarananda de Seattle, nos Estados Unidos, líder de uma ordem Ramakrishna, em um dos aniversários da Fraternidade. Nessa fase, vieram outros americanos, bem como, representantes da Inglaterra, Alemanha, Malásia, Nigéria, México, Índia, dentre outros países. Muitos desses palestrantes estabelecem contato com o grupo, declarando terem tomado conhecimento das atividades desenvolvidas por eles na prática do diálogo inter-religioso e se oferecem para falar sobre sua tradição religiosa.

Atualmente, no entanto, dificuldades de ordem financeira tem se constituído em barreiras para a apresentação de pessoas que precisem de apoio para passagens ou hospedagem. Por esse motivo, as visitas de palestrantes vindos de lugares mais distantes tem sido menos frequente que em anos anteriores.

A Fraternidade passa também por algumas dificuldades de ordem judicial com relação às obras realizadas na propriedade adquirida para a construção do ashram Vale do Amor, devido a problemas com órgãos responsáveis pela preservação do meio ambiente, além da dificuldade em incorporar, através de compra, terrenos adjacentes, considerados importantes para a execução do projeto. Sérgio, durante sua fala em entrevista realizada em outubro de 2012, esclarece que, atualmente, o recurso que mantém a casa em funcionamento provém, principalmente, do pagamento de mensalidades através do “carnê-amigo”, inclusive por pessoas que nem frequentam assiduamente a Fraternidade, mas que conheceram o trabalho por intermédio de seus membros e aceitaram contribuir para a execução do projeto.

Sérgio menciona ainda, que durante um tempo hesitou em trabalhar, no atendimento espiritual, como médium curador com a entidade Doutor Fritz devido ao trabalho desenvolvido por outros médiuns, com a mesma entidade, ou utilizando seu nome, e para o qual eram cobrados preços pelas consultas, considerados por ele como abusivos, por entender que este tipo de atendimento deva ser oferecido gratuitamente. Para reafirmar sua posição a esse respeito, narrou algumas passagens, nas quais lhe ofereceram dinheiro para que realizasse atendimentos domiciliares, em pessoas que não poderiam ir até a Fraternidade. Ressaltando que as visitas foram feitas, o tratamento efetuado, mas a remuneração recusada.

Durante o restante da conversa, o criador da Fraternidade lembrou algumas visitas de representantes de segmentos religiosos diversos, durante as quais ocorreram situações inusitadas e que levaram inclusive a mudanças na programação do evento, devido à forma

como os visitantes se sentiram ao serem recebidos pela casa. Como exemplo, citou uma ocasião em que receberam representantes da Igreja Messiânica Mundial, que se emocionaram muito durante a visita e ao final do encontro, ministraram um Johrei¹⁵ coletivo, para um público de, aproximadamente, 300 pessoas que assistiram à palestra. Normalmente o Johrei é ministrado individualmente.

O criador da Fraternidade Cósmica Universal aponta esse momento como marcante na história da casa, como um “experimento espiritual riquíssimo, uma experiência religiosa”, pois um dos ministros que integravam o grupo de visitantes teria afirmado a ele, nunca ter presenciado tal fato durante os vinte e cinco anos de vivência em sua tradição religiosa.

Segundo suas palavras

A Fraternidade é isso! Venha! Hoje é o seu espaço, amanhã ele é franciscano, amanhã ele é budista, amanhã ele é da área médica e científica. E como fica lá a plateia? (apontando na direção da sala) Aqui você vai ver messiânico com budista, com umbandista, com católico, com hindu, com evangélico, todo mundo junto ali no salão – ouvindo hoje o Johrei, amanhã o budista – às vezes eles (as pessoas que vem para assistir aos encontros) chegam escondidos, tem medo de serem vistos aqui, depois vão ficando à vontade, relaxados na cadeira, ali a gente fica amigo do vizinho.¹⁶

Para Sérgio, passagens como estas servem para reafirmar o caráter universalista e desprovido de rigidez de comportamento nos encontros promovidos pela Fraternidade, o que permite aos visitantes, membros e frequentadores, não apenas assistirem a palestras sobre diversas religiões, mas vivenciarem experiências religiosas.

Após sua formação e dando continuidade ao seu objetivo de criar um espaço de hospitalidade e respeito às diversas tradições religiosas, o trabalho inicial do grupo, foi se estruturando. Dessa forma, o ideal de acolhimento às diferentes religiosidades concretizou-se a partir do planejamento e desenvolvimento de atividades que serão descritas a seguir.

¹⁵ É uma oração ou terapia feita através da imposição das mãos, vista pelos seus adeptos como a comunicação da luz divina para o aprimoramento e elevação espiritual e material do ser humano.

¹⁶ Entrevista gravada na sede da Fraternidade Cósmica Universal em 10 de outubro de 2012.

2.2 Atividades desenvolvidas pelo grupo na construção do diálogo e reflexões sobre a diversidade religiosa.

A descrição que se segue é resultado de um trabalho de pesquisa de campo, realizado a partir de visitas, observação e participação nas atividades desenvolvidas pelo grupo Fraternidade Cósmica Universal, uma entidade, sem fins lucrativos, que tem seu trabalho fundamentado principalmente na diversidade do pensamento religioso, na convergência da Ciência e da Religião, além da discussão de processos relacionados com saúde e doença, numa perspectiva de Medicina Universalista. Durante sua realização pretendeu-se buscar, principalmente, elementos que esclarecessem os objetivos e razões que levam o grupo a promover o encontro entre diversos segmentos religiosos. Além de apontar os motivos atraentes a um tão grande número de pessoas, que comparecem às suas reuniões, constituindo uma assembleia bastante heterogênea. Durante a realização do trabalho de campo, foram pesquisados o histórico deste grupo, bem como os objetivos que levaram à criação, organização e continuidade deste processo de diálogo e integração dos diversos segmentos religiosos com o objetivo de se entender a dinâmica do diálogo que ali ocorre.

A Fraternidade Cósmica Universal desenvolve múltiplas atividades e ações sociais, tais como a distribuição de cestas básicas e material escolar às famílias carentes das comunidades vizinhas, que são previamente cadastradas, e recebem também aconselhamento no cotidiano. Anualmente é realizada para essas famílias, no mês de outubro, uma festa com brincadeiras, entrega de presentes e um almoço, preparado e servido pelos membros da Fraternidade e voluntários frequentadores da casa. Também direcionada às famílias assistidas, é realizada no mês de dezembro uma festa de Natal. Para essas atividades, o grupo conta com recursos provindos de doações dos próprios membros e através de pedidos feitos a frequentadores e amigos.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo grupo, com foco no diálogo inter-religioso ocorrem – às terças-feiras, a partir das 20h00min, e também no último domingo de cada mês às 09h00min – palestras com convidados de vários segmentos religiosos, dentre eles, budismo, islamismo, kardecismo, catolicismo, protestantismo, taoísmo, hare-krishna, messianismo e também segmentos não-religiosos, tais como pesquisadores, professores, médicos, nutricionistas, praticantes da cura prânica.

Nestas reuniões, o palestrante dispõe de 50 minutos em média para sua explanação a respeito de algum tema escolhido dentro de sua área de estudo, trabalho ou tradição religiosa.

Durante a fala do palestrante, ou após o término de sua apresentação, podem ser feitas perguntas a respeito do tema em foco, o que contribui para um ambiente descontraído de troca de conhecimento e esclarecimento de dúvidas. Para realização dessas palestras, o orador pode contar, ainda, com a utilização de recursos audiovisuais para complementar sua exposição oral.

Estes encontros são organizados pelo grupo através de contatos e convites aos palestrantes, por meio de indicação de algum dos frequentadores habituais ou esporádicos, ou por pessoas, que buscam a casa, interessadas em conhecer o trabalho ali desenvolvido e se disponibilizam, como voluntários, a conduzirem as palestras. Segundo informações colhidas junto aos responsáveis pela realização desta atividade, no início do funcionamento do grupo, os representantes dos diversos segmentos religiosos eram convidados a ministrarem palestras durante as quais faziam a apresentação das principais características de sua religião. Com o passar do tempo, esse modelo se modificou um pouco e atualmente é comum os palestrantes realizarem um recorte, ou seja, escolherem um tema e abordarem-no dentro da perspectiva de sua tradição religiosa.

Ainda segundo os organizadores, alguns palestrantes convidam pessoas de suas relações para assistirem à sua apresentação e essas pessoas, ao tomarem contato com a casa e com a forma como se dão os encontros, retornam em outras ocasiões, com o intuito de conhecerem outras abordagens sobre o mesmo, ou outro, tema, passando a acompanhar a programação das palestras e comparecendo àquelas que tratem de assuntos que se relacionem à sua tradição religiosa ou a outra religião que lhe desperte interesse.

Há também entre os constituintes da assistência às palestras, um grande número de pessoas que começaram a frequentar a casa em busca de tratamento espiritual e mesmo após o término do tratamento, continuam assistindo às palestras e participando das demais atividades, tais como os jantares beneficentes e as reuniões de estudo realizadas às quintas-feiras com os trabalhadores da casa.

Nos dez primeiros meses do ano de 2012 foram realizadas na Fraternidade Cósmica Universal as seguintes palestras, segundo a programação disponibilizada no site da Fraternidade Cósmica Universal.¹⁷

Janeiro

Dia 10 – Rabindranath Tagore – o poeta de Ghandi é responsável pela reformulação da literatura e da música bengali. Rabin conquistou o prêmio Nobel de Literatura no ano de

¹⁷ <http://www.fraternidadecosmicauniversal.com/>. Acesso em: 15 de mar. 2013.

sua morte, em 1941. Seus versos, contos e romances foram aclamados por seu lirismo, coloquialismo, naturalismo e contemplação.

Cláudio Costa Pinheiro – Antropólogo, residente no Rio de Janeiro.

Dia 17 - Viver e Transcender - A possibilidade de um novo ano para repensar, recomeçar e agir em vez de somente reagir.

Henrique Peccini - Trabalhador da Casa, presidente do Centro de Yoga de Petrópolis.

Dia 24 – Francisco de Assis e o Movimento Popular - Resgate do objetivo primeiro de Francisco de Assis, quando fez sua opção pelos menos favorecidos.

Paulo Proença – é paulista, formado em filosofia plena pela Ordem dos Frades Menores – OFM (Universidade São Francisco – USF). Há 26 anos, após ter deixado a Ordem, tem trabalhado na base, na periferia de Petrópolis em prol da organização das comunidades mais necessitadas. Em Petrópolis auxiliou na formação da Escola Municipal Centro Comunitário do Contorno em 1986 (hoje Escola Municipal Leonardo Boff) na região do Bingen, da Associação de Pais e Professores da mesma entidade em 1992, além de ter auxiliado na criação da Associação de Moradores da Comunidade do Contorno. Faz parte do Movimento das Comunidades Populares – MCP, que tem origem na Juventude Agrária Católica – JAC, entidade criada pelo Vaticano em 1932 e que continua presente na maioria dos estados brasileiros. Após ter exercido várias atividades, atualmente trabalha na Mitra Diocesana de Duque de Caxias, como fomentador de organizações comunitárias e na Pastoral do Menor, em São João de Meriti, região metropolitana do Rio de Janeiro.

Dia 29 – La Fontaine e o comportamento humano

Patrícia Araújo - Integrante do grupo Scheila, do Rio de Janeiro, Patrícia também é frequentadora da Casa sempre nos últimos domingos do mês. Para abrir os trabalhos do primeiro domingo de atividades na Fraternidade, traz um de seus mais novos estudos: La Fontaine era um poeta e fabulista francês (1621/1695). Sua grande obra, “Fábulas”, falava da vaidade, estupidez e agressividade humanas através de animais, evocando questões primitivas do comportamento humano para mostrar como enfrentar questões psicológicas internas para alcançar a tão desejada reforma íntima? É nesse momento que aparecem as fábulas como uma espécie de redentoras do espírito: através da força da palavra contada em histórias que funcionam como espelho. Por meio do relato de várias fábulas de La Fontaine, temas como a inveja, o engano das aparências e a necessidade do perdão são trabalhados. Abordando também os ensinamentos do espírito Hammed, permite uma reflexão sobre as questões

psicológicas transmitidas em livros como "As Dores da Alma"¹⁸, "Os Prazeres da Alma"¹⁹, e "Imensidão dos Sentidos", entre outras obras psicografadas pelo médium Francisco do Espírito Santo.

Dia 31 – Ananda Moksha – Os caminhos para a bem aventurança e libertação.

Pierre Clemente – (Atmasvabhava) dedica-se ao transcendente, às práticas espirituais, à busca do conhecimento do ser há quase uma década e meia, tempo em que acompanha seu Mestre, tendo se iniciado em todas as metodologias da Escola Iniciática Paulo de Saint a qual integra, como o Yoga, a Canalização da Chama Violeta e dos Sete Raios, além da Alta Magia Divina. Formado em Acupuntura, Shiatsu e técnicas da medicina tradicional chinesa e ayurvédica (indiana), utiliza as terapias como parte de seu Sadhana (prática espiritual diária). Professor de Kundaliní Tantra Yoga, iniciado na tradição do tantra e yoga pela Swami Satsangananda Saraswati. Autor dos Livros: Shiatsu – Massoterapia Energética Oriental e Acupuntura Auricular – Escola Tradicional Chinesa, que serão lançados em breve pela EPUB (Editora de publicações biomédicas).

Fevereiro

Dia 07 – Sofrimentos e Aflições. – Reflexões.

Flávia Andriolo - professora universitária, mestre em Educação e terapeuta floral, membro da Associação de Terapeutas Florais do Rio de Janeiro. Espírita, trabalhadora da União Espírita Allan Kardec - bairro Cascatinha – Petrópolis.

Dia 14 – Kum Nye – Yoga da tradição tibetana.

Jane Weinberg - Especialista no assunto e com 21 anos de experiência, Jane Weinberg, do Instituto Nyingma, Rio de Janeiro, que a exemplo do de Berkeley, que coordena todos os Institutos Nyingma no Ocidente, desempenha um papel importante na preservação da arte sagrada, dos livros e práticas do Budismo Tibetano.

Dia 26 - Ufologia e a nova fronteira espiritual.

Paulo Iannuzzi – estudioso, pesquisador e consultor em Física, Astronomia, Ufologia, Civilizações Antigas, com ênfase em tópicos como o Egito Antigo, as Pirâmides, Geometria Sagrada, Kabbalah, Merkabah, Filosofia Hermética, entre outros tantos temas. Foi fundador do espaço “Pilares de Hermes”, que agora se junta ao “Olho de Horus”, mantido em conjunto com Ondina Balzano. O Olho de Horus é uma escola iniciática que aborda antigas

¹⁸ NETO, Francisco do Espírito Santo. Espírito – Hammed. *As Dores da Alma*. Editora: Boa Nova. 8ª edição, 2000.

¹⁹ NETO, Francisco do Espírito Santo. Espírito – Hammed. *Os Prazeres da Alma*. Editora: Boa Nova. 9ª edição, 2008.

civilizações e, de maneira especial, a Atlante e a Egípcia, dentro da filosofia de “Viver em Verdade”, ensinada pelo faraó Akhenaton.

Dia 28 – “No Santuário da Alma” (baseado no livro, de mesmo nome, de Paramahansa Yogananda)²⁰.

Sergio Taldo – se define como um “buscador espiritual nato”, procurando entender Deus e Sua Criação. Faz parte da Sociedade de Estudos e Trabalhos Espirituais – SETE, desde dez/1991. Tornou-se Presidente deste grupo em 2000 e assim atua até hoje. A SETE foi fundada em 1966, tendo como base a Doutrina Espírita, de Allan Kardec. Seu lema principal é: “Conhecereis a Verdade e Ela vos libertará!”. A Sociedade localiza-se à Rua Paulo Barbosa, 110/601 – Ed. Joana D’Arc – Centro de Petrópolis.

Março

Dia 06 – Mensagens de Jesus

Henrique Peccini - Trabalhador da Casa, presidente do Centro de Yoga de Petrópolis, faz uma abordagem sobre as mensagens de Jesus como forma de dar vida a um ensinamento de mais de dois mil anos.

Dia 13 – Leis Divinas e Universais

Luciana Bassous – Jornalista, trabalhadora da Casa, Luciana realizou um estudo sobre as Leis Divinas e da Natureza, visando um melhor entendimento sobre as forças que regem o universo e a busca do aperfeiçoamento moral que levará ao entendimento da lei maior: a lei do Amor.

Dia 20 – Movimento Energético e magnético da Terra

Milson de Castro – é homeopata, especialista em plantas medicinais e há mais de 30 anos atua com a prescrição fitoterápica. Já viveu por um tempo entre os índios, buscando catalogar esta experiência milenar das comunidades indígenas do centro-oeste brasileiro. Faz uma abordagem sobre o poder do reino vegetal na cura e prevenção de vários males, também sobre a realidade do movimento energético e magnético da terra, sua influência nos corpos físicos e como a fitoterapia poderá auxiliar na manutenção do equilíbrio para diversos males.

Dia 25 – Os Arcturianos

Silvana Pereira - os Arcturianos são seres da 5a dimensão do planeta Arcturus e que trabalham junto com os Mestres Ascencionados da Grande Fraternidade Branca Universal. Segundo várias canalizações com estes seres, com este momento evolucionário por que passa a Terra, eles estão aqui para prover tecnologia espiritual para eventual alcance a quinta

²⁰ YOGANANDA, Paramahansa. *No Santuário da Alma*. Editora Lótus do Saber, 2002.

dimensão. Silvana Pereira é de São Paulo e narra seus contatos com os arcturianos: "Nasci em uma cidade pequena no interior do Paraná, e vivi em uma vila de operários até os 10 anos, o máximo de tecnologia que tínhamos era o rádio, e a hora mais importante era a dos avisos, se precisassem informar alguém de alguma coisa isto seria feito pelo rádio em um determinado horário. Tive minha mãe como minha professora até os 10 anos de idade. Aos meus 10 anos nos mudamos para a cidade porque meus pais queriam dar estudo a mim e ao meu irmão. Fiz faculdade de Ciências Contábeis, mas sempre trabalhei com computadores, desde meu primeiro emprego. Hoje tenho 45 anos e sou Gerente de Tecnologia da Informação. Com 22 anos mudei-me para São Paulo, onde vivo até hoje. Logo após a mudança, uma noite eu olhava o céu e me perguntava o que eu estava fazendo neste planeta, tudo era muito sem sentido para mim. E parece que nesta hora uma estrela brilhou mais no céu, e eu senti que eu tinha algo importante para fazer aqui na Terra. Minha busca espiritual começou cedo, por volta dos 24 a 25 anos. Há uns 10 anos atrás, eu estava em uma reunião espiritual e o canal canalizava um ser de Sirius, e falávamos sobre a nossa missão na Terra. Então o ser de Sirius Paen Tean, perguntou a cada um na reunião o que pensavam que era a sua missão de alma. Lembrei-me então da ocasião em que senti que havia algo importante a fazer na Terra. Conteí a Pean Tean o que havia sentido naquela ocasião e perguntei se eu estava fazendo o que tinha que fazer. Pean Tean me respondeu, você esta sendo preparada para grandes coisas. Agora sinto que estou fazendo uma das grandes coisas a qual Pean Tean se referiu. De uma forma que não sei explicar me sinto responsável por ajudar a elevar o quociente de luz do Brasil, e acredito que o trabalho com os Arcturianos é a realização de parte da minha missão de alma."²¹

Dia 27 – Se eu quiser falar com Deus

Patrícia Bertolotti - Atuante na área de Evangelização do Centro Espírita Oswaldo Cruz. A palestrante dá continuidade ao seu estudo, apresentado anteriormente, sobre a necessidade de oração e leitura do Evangelho em família.

Abril

Dia 03 – Páscoa e Renovação

Luiz Carlos Pinheiro - Contador por formação, católico e cursilista de longa data, utiliza o tema sobre a família e resgata as muitas histórias vividas ao longo de sua trajetória na

²¹ Disponível em: <<http://www.osarcturianos.com>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Igreja Católica, na semana importante em que se vive a Paixão de Cristo e se comemora sua ressurreição, como sinônimo de renovação.

Dia 10 – Alimentação saudável para o equilíbrio do corpo e da mente

Juliana Schaeffer - nutricionista, trabalhadora da casa, aborda a importância de uma alimentação equilibrada e da dieta aconselhada para os dias em que as pessoas buscam a Fraternidade para receberem o tratamento espiritual.

Dia 17 – O modo correto de considerar a vida

Manoel Soares - Preletor da Seicho-no-iê, no Rio de Janeiro, o baiano Manoel Soares visitando a casa pela primeira vez, fala de amor, fraternidade e paz, bases filosóficas da seicho-no-iê.

Dia 24 – A cura prânica.

Marco Antonio Franco do Nascimento - A Cura Prânica (Pranic Healing) foi fundada por Mestre Choa Kok Sui, filipino de origem chinesa. É uma técnica em que os chakras e o corpo etérico em geral são tratados com as mãos e com cristais sem toque no corpo físico, os chakras são tratados em suas funções físicas, psicológicas e espirituais, melhorando problemas como stress, depressão, vícios e de ordem física, ressaltando que a Cura Prânica não pretende substituir a Medicina tradicional, mas complementá-la. O Instrutor Marco Antônio é do Rio e está na Cura Prânica há 10 anos, estudando, praticando e é licenciado para ministrar Cursos Básicos e Avançados pelo Institute For Inner Studies das Philipinas desde 2005.

Dia 29 – A grande importância de entendermos o significado de família.

Luiz Carlos Pinheiro – cursilista, pertencente a grupos de origem católica, como o "Encontro de Casais com Cristo", fala sobre o significado da palavra família no planeta e fora dele.

Maio

Dia 08 – Alma Indígena

Tribo Fulni-ô – “A tribo Fulni-ô está localizada no município de Águas Belas, em Pernambuco. É uma aldeia a 500 metros da sede da cidade, e abriga cerca de 4000 índios conhecidos antigamente como Carijó ou Carnijó. Os índios têm convívio diário com os não-índios, são todos bilíngues, se vestem como os brancos, mas não perderam sua identidade. São os únicos indígenas do Nordeste brasileiro que mantêm viva a sua língua nativa a Yaathe (ou Yathê). Em sua primeira visita à Fraternidade Cósmica Universal, pode-se conhecer como esta tribo se relaciona com a divindade: de agosto a dezembro, todos os anos, eles perdem o contato com os não-índios e se escondem no meio da mata, mantendo uma série de rituais que

envolvem a mãe natureza, os animais e o conhecimento de uma realidade suprema.” Para ajudar no custeio de sua tarefa, os visitantes disponibilizam, para compra, cocares, colares e outros adereços. “Os índios falam à Fraternidade sobre como veem e sentem o divino ao longo de suas vidas terrenas.”

Dia 15 – A magia dos pretos velhos

Maria Lucia Jorge – trabalhadora da casa, pertencente à umbanda há mais de vinte anos, homenageia os pretos velhos, em comemoração ao dia 13 de maio.

Dia 22- Ferimentos e Curativos: mitos e verdades.

Márcio Guimarães – frequentador da casa. Apresenta seu livro “Feridas e Curativos – Uma Forma Simples e Prática de Tratar”²², mostrando, através de resultados bem documentados fotograficamente, um novo enfoque no tratamento de ferimentos e seus curativos. Abordando, de forma simples e acessível, esse novo enfoque, que pode ser de muita utilidade, em alguns acidentes caseiros. Além de também mostrar a responsabilidade nos cuidados com o corpo físico.

Dia 27 – A influência do inconsciente e da quarta dimensão em nossas vidas.

Valdir dos Santos Teixeira - Conhecedor do tema por sua experiência profissional, oferece descobertas e busca trazer à consciência todo o trabalho realizado pelo inconsciente. O palestrante é Parapsicólogo, Psicoterapeuta holístico, Hipnoterapeuta, Psicoterapeuta reencarnacionista, além de Master em Programação Neurolinguística. Frequentador da Fraternidade aos domingos, junto do grupo Scheilla, do Centro Espírita Jacques Chulam, no Rio.

Dia 29 – Maria mãe de Jesus

Paulo César Silva – representante do Grupo Espírita Jesus e Maria realiza o fechamento do mês de maio com os ensinamentos sobre a missão da Mãe Maior abordados no livro “Boa Nova” de Chico Xavier.²³

Junho

Dia 05 – Fé e Saúde

Renato Souza e Silva - cirurgião cardiovascular, frequentador da casa, em palestra anterior, contou sobre suas experiências com a espiritualidade no momento em que realizava procedimentos cirúrgicos em hospitais, mostrando que a espiritualidade se faz presente em

²² GUIMARÃES, Márcio. *Feridas e Curativos – Uma Forma Simples e Prática de Tratar*. Editora Rubbio., 2011.

²³ XAVIER, Francisco Cândido. *Pelo Espírito Humberto de Campos*. Editora da Federação Espírita Brasileira, 20ª edição.

clínicas e casas de recuperação da saúde terrena. Desta vez, fala sobre fé e sua relação com a saúde, física e emocional.

Dia 12 – A vaidade humana

José Loureiro - Médico diretor do SMH, amigo fraterno da equipe espiritual do Dr. Fritz há mais de 15 anos, dá seu testemunho sobre a atuação da medicina espiritual. Utiliza o tema "Vaidade Humana", para dar exemplos de um dos sete pecados capitais que deve ser evitado.

Dia 19 – Transição planetária

Sidney Marinho - Representante da Legião da Boa Vontade, propõe o tema como forma de atualizar e reforçar a fase de transição pela qual o planeta está passando. Discutir, à luz da intuição e das necessidades prementes de reforma íntima, que comportamento adotar diante dos eventos energéticos de mudança vibracional por que passa a Terra.

Dia 24 – Sentimentos que curam

Regina Diniz - Freqüentadora e atuante na Casa Espírita Jacques Chulam, na Tijuca, Rio de Janeiro, mostra, por meio de experimentação própria e dos chamados "passos" que devem ser dados no processo de auto-cura, que vem estudando no Jacques Chulam há algum tempo, a superação de desafios.

Dia 26 – Meio ambiente e espiritualidade em tempos de Rio+20

Ana Cristina Ribeiro - Idealizadora da ONG Anima Vida (2003) e sua atual presidente, a palestrante é uma batalhadora pelos direitos dos animais, sem deixar de observar o homem e a espiritualidade. Também é ativa em Conselhos que discutem a Reserva Biológica do Tinguá. O foco de seu trabalho está na mudança de consciência no relacionamento homem/animal/natureza, envolvendo fatos do cotidiano, mas também com foco na filosofia, na ética e na espiritualidade. Sua base religiosa é espírita e umbandista, adquirida ao longo de mais de 15 anos de freqüência e trabalhos em Centro Espírita no Rio de Janeiro. Pelas práticas exercidas no cotidiano, Ana Cristina faz um apanhado e um resumo do evento Rio+20 e da necessidade urgente de mudança de paradigmas.

Dia 29 – Jantar temático “Tainha na Brasa”, em homenagem ao dia de São Pedro, protetor dos pescadores.

Julho

Dia 03 – Seicho no ie – Homem: milagre no Japão

José Carlos Pinheiro Figueiredo - Cirurgião dentista, membro da Academia Brasileira de Poesia - Casa Raul de Leoni, José Carlos é ministro Sei cho no ie, em Petrópolis, filosofia japonesa que transcende as divisões religiosas, pois acredita que todas elas são luzes

de salvação que emanam de um único Deus. Fala sobre o pensamento Seicho no ie e sobre seu fundador, Masaharu Taniguchi.

Dia 10 – A visão chinesa do corpo físico e das emoções.

Ricardo Costa - Enfermeiro e mestrando pela UERJ na mesma área é também acupunturista e trabalha com shiatsu. Apresenta dicas de exercícios e técnicas chinesas para o dia a dia, muitas vezes aplicadas em seus pacientes do Posto de Saúde da Família - PSF. Também é enfermeiro chefe da Clínica de Olhos do Dr. Tannure. Enfoca a visão holística da medicina chinesa, falando da relação entre os problemas nos órgãos com as emoções e pensamentos.

Dia 17 – Multiplicar talentos

Luiz Fernando - Palestrante da Casa de Oswaldo Cruz, pela primeira vez na Fraternidade mostra que a frequência vibratória pode ser tudo na hora da sintonia com outras energias e dimensões, ressaltando que a sintonia dos bons pensamentos depende de cada um no dia a dia.

Dia 24 – Bate-papo espiritual

Membros da Casa – momento de diálogo, entre os membros da casa e a assistência, sobre a presença da espiritualidade no cotidiano.

Dia 26 – Seminário – Espiritualidade e Realidade Quântica

Giovane Quadrelli - Engenheiro de formação, com mestrado e doutorado na área, e estudos específicos em neofuzzy, é um especialista para falar com propriedade científica e de pesquisa sobre a Física Quântica, conhecimentos de teoria quântica e de paralelos, com comprovações e evidências, que poderão chegar ao termo comumente chamado de espiritualidade. Através de fatos simples do cotidiano, observar como a consciência cósmica avança rumo ao conhecimento.

Dia 29 – Doação de Amor

Roberta Manuela Dornelas de Castro - Advogada, frequentadora da Casa Espírita Jacques Chulam, na Tijuca, Rio de Janeiro, participa de alguns estudos na Fraternidade e traz suas vivências do processo de auto-cura, um trabalho prático empreendido pela Casa Jacques Chulam em sucessivos seminários.

Dia 31 – A prática do Ashtanga Yoga – ensinamento de yoga e meditação pelo mestre Anandamurtii.

Kirit Dave – O indiano Kirit Dave é discípulo do grande Mestre indiano de Yoga e meditação, Shrii Shrii Anandamurtii ji (Baba). Ele foi iniciado nos ensinamentos do Mestre em 1975 e tem desde então praticado e propagado tais ensinamentos. Há mais de 20 anos, tem

passado os ensinamentos a centenas de pessoas na área da Baía de São Francisco, na Califórnia, sobre a ciência e tradições do Yoga e do Tantra, baseado nos ensinamentos de seu Mestre. Ministra, na Califórnia, um curso de 2 anos de duração que consiste em práticas e estudos aprofundados de filosofia oriental. Kirit também ministra cursos de treinamento para professores de meditação. Além de sua busca espiritual, Kirit trabalhou como engenheiro da computação por mais de 30 anos no Vale do Silício, na Califórnia. Kirit é também músico e ensina teoria e composições baseadas na música clássica indiana. Ele é presidente de três organizações sem fins lucrativos nos EUA e administra diversos projetos sociais (escolas, creches, hospitais e trabalhos de socorro a áreas atingidas por desastres) em vários países. Nos últimos 25 anos, tem coordenado grandes trabalhos de auxílio às áreas atingidas por desastres em vários países em todo o mundo, incluindo o mais recente no Haiti. Além disso ele coordena a tradução e publicação de livros espiritualistas e durante os últimos 4 anos, publicou mais de uma dezena de livros escritos por seu Mestre. Kirit auxilia empresas sem fins lucrativos no planejamento, orçamento e sustentabilidade a longo prazo. Como Vice Presidente do Centro de Yoga de Petrópolis, Kirit tem administrado projetos sociais locais e planeja estender seu trabalho ainda mais no Brasil, ensinando música e meditação.

Agosto

Dia 02 – Reunião interna com os membros da Fraternidade, presidida por seu diretor Sérgio.

Dia 07 – Estilos de saúde

Victor Lima - Representante do Taoísmo, Victor vem a Casa abrir as terças-feiras especiais deste mês de nono aniversário para abordar os vários estilos de saúde, de acordo com os ensinamentos do Tao te Ching, ou "O Livro do Caminho e da sua Virtude", de Lao Tzé, escrito cerca de 600 a.C.

Dia 14 – “O cego Bartimeu do Evangelho e a condição humana diante de Deus”

Volney Berkenbrock – Frei franciscano, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis. "A passagem da cura do cego Bartimeu, contada no Evangelho de Marcos, pode ser lida como uma cena de milagre: Jesus tem piedade de um cego que pedia esmolas à beira do caminho e lhe devolve a visão. Esta mesma passagem pode, porém, ser lida e entendida como uma reflexão sobre a condição humana diante de Deus".

Dia 18 – Jantar comemorativo pelos nove anos da Fraternidade Cósmica Universal.

O jantar teve como tema a cultura chinesa, uma homenagem ao mentor espiritual da casa Mestre Chin.

Dias 21 e 26 – O exercício da Fé, o grande propósito.

Ana Paula Ligeiro – Psicóloga, trabalhadora e uma das fundadoras da Fraternidade, traz, com o tema da fé grandes recados através de mensagens de otimismo.

Dia 28 – Práticas para o Século XXI – do Mestre Budista Thich Nhat Hanh

Monja Tenzin Nandrol – Amiga da Casa, a monja Tenzin sempre procura vir no mês de aniversário da Fraternidade, justamente para consolidar esse espírito amigável entre as religiões. A partir de contos e passagens budistas, mostra os desdobramentos no dia a dia, como o desapego, o perdão, o amor. Thich Nhat Hanh é o mestre da simplicidade na prática espiritual. Mostra como a respiração consciente é uma experiência do sagrado. Assim, pensamentos, palavras e ações têm um alcance inimaginável e para ele, a meditação, é a consciência plena de cada momento. Monja Tenzin fecha o mês de agosto com o ensinamento “Práticas para o século XXI”.

Setembro

Dia 04 – Que brilhe a vossa luz.

Vagner Souza – Espírita coach de Projetos Culturais e Lei Rouanet, Manager do Ponto de Cultura Terreiro Cultural e Produtor local do SESI Cultural. Também é self-help coach na metodologia de Louise Hay, um processo que procura promover mudanças na vida por meio do pensamento positivo e de afirmações diárias poderosas.

Dia 11 – “Gunas e as cordas que nos prendem ao ciclo de samsara”

Bakti Dhira Damodara Swami - nasceu na Nigéria e foi iniciado em 1983, na linha vaishnava. Muito versado nas Escrituras Védicas, tem servido à missão de espalhar os santos nomes do senhor ao redor do mundo e principalmente no leste africano.

Dia 18 – Nutrição funcional para o equilíbrio físico e emocional.

Juliana Mayo - nutricionista formada pela UFRJ e pós graduada em Nutrição Clínica funcional pela Vp Consultoria Nutricional. Atualmente trabalha no Spa Granja Brasil, realiza consultoria para empresas e atendimento nutricional em consultório em Petrópolis e Itaipava. É sócia da NutriNiños alimentação infantil, da Nut consultoria em Nutrição e do Espaço de Nutrição funcional. Frequentadora da Fraternidade há dois anos fala sobre nutrição funcional e a forma de aproveitamento máximo do valor nutritivo dos alimentos. Menciona também, a ocorrência das doenças crônicas da vida moderna e sua relação com uma combinação de dieta inadequada, suscetibilidade genética e exposição a agentes e poluentes ambientais. A Nutrição Funcional aplica a ciência dos nutrientes para manter ou restabelecer o equilíbrio e o bem estar do organismo de cada pessoa a partir do diagnóstico de como anda a relação entre as suas células e os nutrientes.

Dia 25 – A busca pela essência através do yoga e do tantra, caminhos para a transformação.

Pierre Clemente - (Atmasvabhava) dedica-se ao transcendente, às práticas espirituais, à busca do conhecimento do ser há quase uma década e meia, tempo em que acompanha seu Mestre, tendo se iniciado em todas as metodologias da Escola Iniciática Paulo de Saint Germain a qual integra, como o Yoga, a Canalização da Chama Violeta e dos Sete Raios, além da Alta Magia Divina. Formado em Acupuntura, Shiatsu e técnicas da medicina tradicional chinesa e ayurvédica (indiana), utiliza as terapias como parte de seu Sadhana (prática espiritual diária). Professor de Kundaliní Tantra Yoga, iniciado na tradição do tantra e yoga pela Swami Satsangananda Saraswati. Autor dos Livros: Shiatsu – Massoterapia Energética Oriental e Acupuntura Auricular – Escola Tradicional Chinesa, que serão lançados pela Epub (Editora de publicações biomédicas).

Dia 30 – Ferimentos e curativos – Mitos e verdades.

Márcio Guimarães - Baseado em uma experiência de mais de 30 anos como cirurgião plástico, e estudando os bons resultados obtidos no tratamento de vários tipos de ferimentos, Marcio Guimarães decidiu publicar um livro sobre o assunto. Na obra “Feridas e Curativos – Uma Forma Simples e Prática de Tratar”.

Outubro

O mês de outubro, como em anos anteriores, foi dedicado a Francisco de Assis.

Dia 02 – Francisco de Assis: um modo de viver e se relacionar com a vida, com o mundo e com Deus.

Frei Clauzemir - Pertencente à Ordem Franciscana em Petrópolis, vem à Casa pela primeira vez para abrir o mês de outubro dedicado a Francisco com uma breve apresentação do processo vivido pelo homem Francisco, inseparável do Santo Francisco. Da experiência cotidiana de Deus nasce mais do que um sentimento, nasce uma experiência de proximidade e comunhão com Deus. Isso é tão forte na vida de Francisco que transforma tudo à sua volta. O mundo não muda sua experiência do mundo - agora repleto de Deus - é que se renova. Nada mais faz falta, pois nada mais é necessário, nada mais há fora desse Deus...

Dia 09 – Eco-espiritualidade: em busca de lucidez na relação consigo e com o mundo.

Paulo Klingelhofer de Sá – médico (UFRJ), homeopata, professor da Faculdade de Medicina de Petrópolis, mestre em saúde pública pela Fiocruz e doutorando em Saúde (UFRJ), além de praticante do Budismo, amigo de longa data da Fraternidade Cósmica Universal. O mês de outubro foi iniciado falando de Francisco e sua relação com Deus e com

o mundo. Tema abordado, em seus vários aspectos, durante todo o mês, por palestrantes que, de alguma forma, repassam por suas vidas e profissões o que Francisco deixou como legado. Paulo Klingelhofer de Sá aborda este caminho por meio da chamada eco-espiritualidade, nome criado por Leonardo Boff, para que se possa refletir sobre o tema. Ele mostra a integração do homem em um emaranhado de sintonias onde "equilibrar o homem para equilibrar o ambiente e equilibrar o ambiente para equilibrar o homem" se tornam uma coisa só. Utilizando o termo da eco-espiritualidade - Paulo pergunta: Como caminhamos pelo mundo? Que decisões a sociedade tomou que nos colocou em apuros? A resposta do planeta às nossas intervenções, a nossa humildade em reconhecê-las e mudar os rumos é um desafio individual e coletivo. Adoecemos e o planeta adocece. Quais as nossas reais opções nessa fase de transição civilizatória e de entrada em uma nova dimensão?

Dia 16 – Se eles estão bem, nós estamos bem.

Ana Cristina Ribeiro – amiga da Casa, diretora da Anima Vida, ong afiliada à WSPA. No mês dedicado a Francisco e seus ideais, aborda, de forma prática, como iniciar a mudança de relação necessária com o mundo, com os vegetais, animais e com o próprio ser humano. Sobre a proposta do bem-estar humano e animal, aborda um assunto que bate literalmente à nossa porta: a presença cada vez mais próxima dos animais silvestres oriundos da Mata Atlântica. Há riscos nessa relação tão próxima, causada talvez pela invasão dos domínios da Mata? Como reagir? E as cobras, pássaros, enfim, como relacionar com o mundo silvestre?

Dia 20 – Realização do jantar beneficente tendo como tema a cultura italiana.

Dia 21 – Foi realizada na sede da Fraternidade a festa anual, em comemoração ao dia da criança, com almoço para as famílias assistidas pela casa, entrega de cestas básicas e distribuição de presentes.

Dia 23 – A arte de encantar as Moradas – Corpo, Casa e Planeta.

Maristela Barenco – Após as palestras sobre Francisco, sobre a Eco-espiritualidade e sobre o convívio com os animais, apresenta-se agora, um projeto de mudanças de atitude. "A arte de cuidar e encantar as Moradas – Corpo, Casa, Planeta" é um trabalho terapêutico e educativo de sensibilização e reconexão do ser humano com as suas múltiplas Moradas – onde de fato a vida acontece de forma especial. A linha utilizada é a da educação e sensibilização ambiental, que tem como objetivo cuidar das relações dos seres humanos com suas diversas moradas - o corpo e a mente, a casa, a família e as relações, a cidade e o planeta, o meio ambiente, a espiritualidade. Enfim, a Morada não é entendida como lugar físico apenas, mas como a configuração energética que estabelecemos conosco e ao nosso redor a

partir de nossas relações. Foi criado pela educadora, psicóloga e terapeuta socioambiental Maristela Barenco. Ela é mestre em Educação e Doutora em Meio Ambiente. O projeto chegou a esta versão depois de muitos anos de estudo, de assessorias, de viagens, de leituras e aprendizados.

Para o encerramento do mês de outubro, foi programada uma benção especial para comprovação da proposta universalista da Fraternidade.

Dia 30 – Uma benção espiritual do Oriente.

Jayadvaita Dasa – seguidor da filosofia Hare Krishna.

A partir da descrição dos eventos, promovidos pela Fraternidade Cósmica Universal, entre janeiro e outubro de 2012, pode-se perceber a diversidade de temas e da origem dos palestrantes presentes aos encontros. Os múltiplos temas, apresentados neste período, incluíram não apenas reflexões de cunho religioso – trazidas por representantes indígenas, católicos, kardecistas, budistas, taoístas e umbandistas – mas também, estudos sobre outras áreas, tais como literatura, música, nutrição, saúde, medicina e física. Além de abordagens sobre a influência do inconsciente no comportamento humano e sobre as relações do homem com o meio ambiente foram, ainda, apresentadas práticas como a meditação e acupuntura.

No próximo subtítulo será abordada a dinâmica dos encontros realizados na Fraternidade, que tem como objetivo proporcionar a integração e o diálogo entre os diversos segmentos religiosos que se mostrem dispostos a participar da experiência com a alteridade.

2.3 Dinâmica dos encontros: um convite ao diálogo e ao exercício da fraternidade entre os segmentos religiosos diversos.

Em visita à sede da Fraternidade Cósmica Universal, no dia 10 de abril de 2012, com duração de aproximadamente três horas, observou-se que havia cerca de 30 automóveis no estacionamento à esquerda do portão de entrada e na rua. Ao passar pelo portão, que se encontrava totalmente aberto, pode-se observar, sobre o mesmo, uma mensagem dizendo “traga seu melhor sorriso”, o visitante sobe uma pequena rampa onde é recebido com um cumprimento de boa noite acompanhado de um amplo sorriso e um abraço acolhedor. Uma das três recepcionistas, posicionadas logo após o portão, pergunta se a pessoa que chega deseja um número para o atendimento que ocorrerá após a palestra. A seguir, orienta-a sobre como dirigir-se para o salão e onde ocorrerá o atendimento espiritual.



Figura 4: portão de entrada da sede da Fraternidade Cósmica Universal (site).

Há pessoas que chegam à sede da Fraternidade Cósmica Universal por volta das 19h e já se encaminham para o salão, conservando-se em silêncio, ou conversando em voz baixa com trabalhadores da casa, com conhecidos que ali reencontram ou com alguém que também tenha vindo para a reunião e para o tratamento espiritual, realizado após a mesma.



Figura 5: portão de entrada da sede da Fraternidade Cósmica Universal à noite (site).

Enquanto aguardam o início da palestra, algumas pessoas conversam e fazem lanches na cantina, situada à esquerda da rampa de acesso ao salão principal, local onde será proferida a palestra.

O atendimento no balcão é realizado por trabalhadores da casa. O assunto da conversa generalizada é uma reportagem, veiculada pela televisão, sobre maus tratos cometidos contra animais. Fora do balcão, observam-se três mesas ocupadas por outros trabalhadores que vendem fichas para a cantina, recebem doações, mensalidades, pagas através de um carnê e convites para um jantar beneficente a ser realizado em data próxima. Nesse espaço, localizam-se, ainda dois banheiros, destinados ao público masculino e feminino – neste, conta-se ainda com um fraldário – e um quartinho para depósito de material de limpeza. À esquerda do balcão da cantina há um gramado, de onde se pode também acessar o salão utilizando outra rampa. Ao final desse jardim, existem quatro portas de salas, dispostas lateralmente. Na primeira delas, da esquerda para a direita, funciona um pequeno ambulatório aonde vem sendo realizado, por um colaborador da casa, um trabalho de tratamento através de picadas de abelha. A segunda porta é utilizada para o funcionamento de um bazar, neste o atendimento também é feito por colaboradores da casa. A terceira sala destina-se ao trabalho de passes para os visitantes do sexo masculino. A última sala, à direita serve como uma despensa, onde são guardados alimentos.



Figura 6: imagem de uma das rampas de acesso ao salão principal (arquivo pessoal).

Situado à direita da rampa, logo após o portão, há um jardim com um lago. Entre este e o salão, localiza-se uma sala com cortinas brancas rendadas, onde o diretor da casa conversa com algumas pessoas antes da palestra. Nesta sala funciona a coordenação do grupo. Na sala há uma mesa, cadeiras e estantes, onde ficam os livros que são objetos de estudos do grupo. Antes do início das reuniões é comum os palestrantes serem recebidos pelo diretor da casa para uma breve conversa.

Ao lado da porta desta sala podem-se observar quadros, dispostos em duas colunas, que retratam os vários estágios do desabrochar de uma flor. Em cada um deles pode-se ler uma frase que se refere a ensinamentos básicos de várias tradições religiosas.

Antes de se iniciar a palestra, o salão encontra-se iluminado parcialmente e ouve-se música suave. Os primeiros trinta lugares, quinze de cada lado, neste dia, estão reservados, isolados por um cordão vermelho. Em outras reuniões presenciadas durante a realização do trabalho de campo observou-se que em poucas ocasiões os lugares à frente voltaram ser separados, no entanto, as pessoas que chegam para assistir a palestra, normalmente deixam as cadeiras das primeiras fileiras disponíveis para os membros da casa. Os demais assentos, em torno de 150, vão sendo aos poucos ocupados pelas pessoas que chegam ao salão para assistirem a palestra e receberem tratamento espiritual. Todas as cadeiras são de plástico, brancas, o piso e as paredes também são brancos.



Figura 7: imagem do salão principal da Fraternidade Cósmica Universal (site).

Às 19h40min, o dirigente da casa deixa a sala, próxima à entrada, e se dirige, juntamente com outros trabalhadores, pelo corredor central, até o meio do salão, onde entra numa sala localizada à esquerda. Esse espaço é onde ocorre o trabalho espiritual destinado ao público feminino. Retornam em 10 minutos. O diretor ocupa o lugar central da mesa, à frente da assistência, uma espécie de altar, onde se encontram livros sagrados de vários segmentos religiosos, tais como a Bíblia Sagrada, Tao Te Ching, Bhagavad Ghita, Evangelho segundo o Espiritismo, Alcorão, Fontes Franciscanas e Clarianas, O Livro de Mórmon, Evangelho do

Céu, Legenda áurea: vida de santos, A verdade da vida, I Ching e a Torá dispostos, como em uma estante, com as lombadas voltadas para frente, uma jarra e copos com água. A mesa é composta pelo dirigente, três trabalhadores da casa o palestrante e um convidado, ou acompanhante seu. Os demais trabalhadores ocupam os lugares reservados nas primeiras fileiras. Na parede atrás do altar há uma cruz de São Damião²⁴. Ao som da Ave-Maria, mais pessoas entram no salão e todos vão tomando lugar nos assentos livres.



Figura 8: imagem da cruz de São Damião (site).

Nos momentos que antecedem o início do encontro, quando se ouve a Ave-Maria e as luzes diminuem de intensidade, as pessoas que se encontram no bazar, na cantina ou nas mesas dispostas no jardim, dirigem-se de forma tranquila, porém rapidamente para o salão. Não há conversas em voz alta ou barulho que possa perturbar o ambiente. Segundo os ideais do grupo, o objetivo inicial das palestras é harmonizar o campo energético dos visitantes por um período onde se ouve palavras de amor, fé, compaixão, cura, caridade, criando assim uma atmosfera adequada ao tratamento espiritual. Aos poucos, até mesmo os trabalhadores envolvidos com as atividades da cantina, chegam ao salão para participarem da palestra. A assistência, nessa noite, é composta por cerca de 80 pessoas, das quais uma pequena parte é formada por adolescentes e a maioria compõe-se de adultos e idosos.

Às 19h55min, o volume da música diminui e uma trabalhadora profere uma oração inicial convocando todos a se prepararem para ouvir a palestra e fazendo um agradecimento

²⁴ Foi por meio do Crucifixo de São Damião que Jesus falou a Francisco: "Francisco, reconstrói minha Igreja". Um artista desconhecido, natural de Úmbria, pintou o crucifixo no século XII. Foi pintado num pano colado sobre madeira (nogueira). Tem 1,90m de altura, 1,20m de largura e 12cm de espessura. O mais provável é que tenha sido pintado para ser posto no altar da Igreja de São Damião. Em 1257, as Clarissas deixaram a Igreja de São Damião e foram para a de São Jorge, levando o crucifixo com elas. A cruz, cuidadosamente conservada por 700 anos, foi mostrada ao público pela primeira vez, na Semana Santa de 1957, sobre o novo altar da Capela de São Jorge na Basílica de Santa Clara de Assis. Disponível em: <www.franciscodeassis.no.sapo.pt/bizantino.htm> Acesso em: 06 mar2013.

pela oportunidade de mais um encontro. A oração é realizada de forma pausada e em voz suave, o que parece contribuir para que se crie um ambiente favorável à recepção da mensagem. Pontualmente às 20h, outra colaboradora apresenta o currículo da palestrante, que, nesta noite, é uma pessoa também frequentadora da casa e faz uma breve introdução ao tema que será abordado.

A palestrante, uma nutricionista, fala por 50 minutos sobre alimentação, importância de uma dieta equilibrada, valor dos alimentos e doenças decorrentes da falta ou excesso de determinados nutrientes. Ressalta a necessidade da realização de refeições leves, abstinência de carne, álcool, fumo e também relações sexuais para as pessoas que se encontram em tratamento espiritual, especialmente nos dias em que estarão recebendo atendimento.

Ao final da palestra, uma terceira colaboradora da casa, dá avisos de caráter geral, com ênfase nos pedidos de doações de gêneros alimentícios para a confecção dos produtos vendidos na cantina e para compor cestas básicas que serão entregues às famílias assistidas pelo grupo. Pede ainda que os membros da casa acertem suas mensalidades, recebimento este que se efetua por meio de um carnê, denominado carnê-amigo. Não há um valor fixo para as mensalidades, recebidas através deste carnê, cada contribuinte determina a quantia com a qual poderá colaborar.

Um quarto trabalhador da casa é chamado para falar sobre o jantar beneficente que seria realizado no sábado seguinte. Durante sua fala, ele ressalta a necessidade da participação no evento, que tem por objetivo, além da confraternização, angariar fundos para a manutenção da sede da Fraternidade Cósmica Universal. Alerta para a necessidade e importância de retribuição dos benefícios recebidos, tais como saúde física e espiritual. Ao terminar, convida um quinto trabalhador – que durante a palestra passara pela assistência distribuindo um pequeno cartão, com uma mensagem para “mentalização” em momentos nos quais a pessoa sinta-se doente – para realizar uma oração de agradecimento e finalizar a primeira parte do encontro da noite.



Figura 9: imagem do salão principal da Fraternidade Cósmica Universal durante a realização de uma palestra diurna (A. P. Ligeiro).



Figura 10: imagem do salão principal da Fraternidade Cósmica Universal durante a realização de uma palestra noturna (site).

A seguir, o diretor e alguns colaboradores, que ocupavam os lugares reservados, formam uma fila e dirigem-se para a sala de passes localizada no salão, onde estiveram antes da palestra. Outros trabalhadores encaminham-se para a sala de passes ao lado do bazar, no jardim.

Parte da assistência deixa a sede, os que permanecem, dividem-se em duas filas que se formam em frente às salas de passe onde se encontram trabalhadores da casa, que se identificam, facilmente, por estarem vestidos de branco. Alguns usam camisetas de malha branca com o nome da Fraternidade Cósmica Universal em azul. Os atendentes da cantina usam, sobre a roupa, aventais azuis e toucas brancas, descartáveis.

As pessoas vão sendo chamadas pelos números, que receberam da recepcionista ao chegarem, e encaminhadas para assentos localizados próximos à porta da sala de tratamento, neste momento recebem uma sacola onde devem guardar seus pertences e os sapatos. A sacola permanece com a pessoa até o momento em que deixará a sala, o que é feito por outra porta. Após o atendimento as pessoas se despedem e dirigem-se para a saída.

Durante a realização do trabalho de campo, quando foram presenciados vários desses encontros, denominados palestras, pode-se perceber que em alguns deles houve uma maior participação da assembleia. Notadamente quando o orador se dirigia ao público, através de questionamentos que levavam à reflexão e suscitavam perguntas relacionadas ao tema abordado. Permitindo, dessa forma, que a platéia se manifestasse e não apenas assistisse à explanação. Como por exemplo, na palestra sobre nutrição, quando a apresentadora enumerou doenças que poderiam ter sua origem na prática de uma alimentação desequilibrada, na instabilidade emocional, ou em pequenos hábitos, que conjugados, poderiam levar a uma desorganização interna e à perda da saúde. É comum nesses momentos que as pessoas façam relatos de suas experiências cotidianas.

Em outras ocasiões, pode-se observar também, que durante as palestras que abordavam temas religiosos, a apresentação de símbolos ou a menção a rituais comuns aos diversos segmentos religiosos, quando feitos de maneira objetiva e sem estabelecimento de qualquer forma de hierarquia entre eles, propiciava uma maior aproximação entre o palestrante e o público.

Outro fator observado e que pode ser considerado como determinante no interesse dos presentes, durante as palestras, é a linguagem utilizada pelo orador. Pois independente da tradição religiosa de origem das pessoas que compõem a assembleia nas noites de terça-feira, em sua maioria, elas possuem curso superior. Dessa maneira, o palestrante que se apresenta bem preparado, demonstrando conhecimento sobre o tema e pronunciando corretamente as palavras, desperta maior atenção do público.

Em contrapartida, há ocasiões em que um orador, mesmo não possuindo uma maior formação escolar, é ouvido atentamente durante aproximadamente uma hora, desde que sua apresentação seja feita em um tom de voz amigável e suas colocações denotem respeito e coerência com os princípios do respeito às demais religiões, por ser este um dos principais objetivos da Fraternidade ao promover os encontros, que pretende ocorram, estes, em um ambiente de serenidade e equilíbrio.

Foi possível observar, também, que em raras ocasiões nas quais o orador convidado apresentou seu tema, defendendo de forma veemente uma posição, ponto de vista ou abordagem que destoava do propósito de abertura ao diálogo inter-religioso, proposto pela casa, ainda assim recebeu um tratamento respeitoso por parte da mesa e das pessoas presentes ao estudo.

Em continuidade ao trabalho de arrecadação de recursos, foi realizado, no sábado, dia 14 de abril de 2012, um jantar que teve como tema a cultura árabe. O cardápio oferecia

pão sírio, homus-tahine, creme de abóbora com gengibre e gergelim, quibe, arroz com lentilhas, frango e carne bovina com grão de bico, abobrinha gratinada, recheada com ricota (opção para os vegetarianos). Toda a comida foi preparada por uma equipe formada por trabalhadores da casa, utilizando a cozinha da cantina da sede. Foram oferecidas também bebidas (refrigerantes, sucos industrializados e cerveja) e sobremesa com opções de tortas e doces variados.



Figura 11: imagem do convite para o jantar árabe (A. P. Ligeiro).

O jantar foi servido, também por trabalhadores da casa, no salão onde são realizadas as palestras. Antes de se iniciar o jantar, uma trabalhadora da casa proferiu uma oração de agradecimento pela oportunidade do encontro e pelos presentes. O espaço estava ornamentado com cortinas e luminárias. Sobre as mesas, para duas, quatro ou oito pessoas, foram colocadas ikebanas, arranjos feitos com a flor strelitzia. Havia também no salão três tendas brancas e outras duas nas rampas de acesso próximas ao jardim, nessas foram montadas mesas onde as pessoas eram atendidas e servidas por colaboradores da casa.

Algumas mulheres usavam vestimentas árabes, mas a maioria das pessoas trajava roupas comuns. Havia música, em volume baixo, e durante o jantar foram exibidas imagens e mensagens relacionadas à cultura árabe. O ambiente assemelhava-se a uma reunião doméstica entre amigos.

Por volta de 23h, o mesmo trabalhador que havia feito o convite para o jantar na palestra de terça-feira, apresentou a equipe responsável pela preparação do jantar, teceu alguns comentários sobre este trabalho, agradeceu a presença de todos, novamente mencionou o destino que seria dado aos recursos arrecadados – manter o funcionamento da sede – e ao

final, pediu a uma das colaboradoras que o acompanhava para fazer uma prece de encerramento.

A partir desse momento as pessoas foram se despedindo, deixando a casa e se dirigindo para o estacionamento, onde aqueles que tinham vindo de ônibus, foram levados para casa por quem estava de carro.



Figura 12: imagem tenda árabe (A. P. Ligeiro).



Figura 13: imagem do salão antes do jantar (A. P. Ligeiro).



Figura 14: imagem do salão durante o jantar (A. P. Ligeiro).

A palestra do dia 24 de abril de 2012, na qual o palestrante abordou o tema Cura Prânica, contou com uma assembleia composta por cerca de 100 pessoas entre jovens e adultos, não havia crianças.

A apresentação teve duração de 50 minutos e após o encerramento, os palestrantes foram convidados a entrarem na sala de passes para conhecer o trabalho, de tratamento espiritual. Durante mais de uma hora presenciaram os atendimentos ali realizados enquanto conversavam com os médiuns e com algumas pessoas que recebiam o tratamento. Nesta conversa, ressaltaram os pontos comuns entre o trabalho de passes e os tratamentos realizados através da cura prânica.

No domingo, dia 27 de maio de 2012, a palestra abordou o tema da influência do inconsciente e da quarta dimensão no cotidiano. A partir de 8h30 min já havia trabalhadores da casa, recebendo os visitantes, trabalhando na cantina e preparando o almoço que começaria a ser servido por volta das 12h. Os convites para o almoço, ao custo individual de 15 reais, eram adquiridos no caixa da própria cantina. Aos poucos as cerca de 100 pessoas, que iriam participar das atividades, foram chegando e ocupando os lugares no salão. Enquanto aguardavam o início da reunião puderam assistir a imagens da inauguração da Igreja de Francisco e Clara, construída no Vale do Amor, projetadas num telão.

Antes do início da palestra, que teve duração aproximada de uma hora, foi proferida uma prece inicial, por uma das trabalhadoras da casa. Logo após, o palestrante foi apresentado e anunciada a doação, por parte deste, de uma tela de sua autoria, para ser objeto de uma rifa,

devendo o valor arrecadado com a venda dos bilhetes, ser utilizado para as obras da Fraternidade.

Durante toda a palestra, ouviu-se música suave ao fundo, o palestrante abordou temas como a reencarnação, a necessidade de se buscar viver bem, da boa utilização do tempo, da importância da assistência aos necessitados. Citou as visões ateísta, panteísta e não reencarnacionista sobre a vida. Narrou fatos sobre suas experiências com o espiritismo ao longo de mais de 50 anos. Falou ainda sobre suas atividades como psicoterapeuta.

Ao final da reunião e após os avisos de caráter geral sobre doações, contribuições, atividades da casa, calendário, temas das palestras a serem realizadas e o convite para o almoço, o próprio palestrante encerrou a reunião com uma prece de agradecimento pela oportunidade do momento de oração e reflexão.

Aqueles, dentre os presentes, que haviam recebido números para o atendimento na chegada à Fraternidade, dirigiram-se para a porta das salas de passes para o tratamento espiritual, parte das pessoas se retirou e outros se dirigiram para o jardim, para o bazar ou para a entrada da casa, enquanto aguardava o almoço ser servido ou esperavam por pessoas que estavam na sala de passes. Nestes momentos os assuntos abordados nas conversações, entre os membros e visitantes, dizem respeito ao cotidiano do funcionamento da casa, como por exemplo, o planejamento das próximas tarefas e quais pessoas poderiam se encarregar de sua realização. Entre os visitantes há também pessoas relatando sua relação com a casa, contando sobre como conheceu a Fraternidade e como se sentem fazendo parte daquele grupo, seja através de uma participação frequente ou esporádica em suas atividades.

Em 29 de junho de 2012, foi realizado o jantar beneficente “Tainha na brasa”, que tinha como tema, uma homenagem ao dia de São Pedro, protetor dos pescadores. Feriado na cidade de Petrópolis, RJ, por se lembrar nesta data a chegada dos imigrantes alemães.



Figura 15: imagem do convite para o festival da tainha (A. P. Ligeiro).

As mesas e cadeiras de plástico branco estavam organizadas, ocupando todo o salão, em grupos para 2, 4, 6, 8, 14 pessoas. Algumas mesas estavam cobertas por toalhas amarelas e outras por toalhas laranja, todas estavam ainda, com uma sobre toalha verde com desenhos laranja. Havia redes de várias cores, folhas de palmeiras, varas de pesca, bolsas de tecido cru, arranjos de flores e no altar, no lugar da mesa e dos objetos habituais, foram colocados um barco à vela, de papelão e tecido (TNT), um grande cesto de bambu, redes de pesca, e areia, simulando uma praia. Na parede, atrás desta ornamentação, foram projetados slides com imagens de Jesus e os pescadores, em barcos e à margem da água, fazendo uma referência às passagens bíblicas sobre os encontros entre Jesus e os pescadores.



Figura 16: imagem do altar ornamentado para o festival de tainhas (A. P. Ligeiro).

O jantar foi preparado pela equipe que normalmente trabalha na cantina. Os pratos servidos foram um caldo de frutos do mar com torradas de entrada. Farofa, vinagrete, arroz branco, batatas gratinadas, salada verde e as tainhas. Havia a opção de frango para os que não comessem peixe. A sobremesa era constituída por vários tipos de tortas e doces. As opções de bebida eram vinho branco e tinto, suave e seco, cerveja, água, refrigerante e sucos industrializados.



Figura 17: imagem do salão antes do jantar (arquivo pessoal).



Figura 18: imagem do salão durante o jantar (arquivo pessoal).

Para o preparo do prato principal, tainhas na brasa, de tradição gaúcha, parte da grama do jardim foi retirada e no local foram feitas quatro pequenas fogueiras que deram origem a um braseiro. As tainhas foram assadas sobre esse braseiro, espetadas em suportes de madeira. Para servir às mesas as tainhas foram colocadas em telhas forradas com folhas de bananeira e ornamentadas com flores brancas. O responsável pelo preparo do prato principal foi um colaborador da casa, Victor Lima, morador do Rio de Janeiro, mas de origem gaúcha, acupunturista e taoísta, que mencionou, em conversa, o fato de estar se mudando para a

cidade de Petrópolis naquela semana, o que iria permitir uma maior frequência e participação nos encontros promovidos pela Fraternidade.

Algumas organizadoras encontravam-se vestidas com trajes gaúchos, calça preta (bombacha), botas pretas, camisas brancas e lenços vermelhos no pescoço.

Antes que o jantar fosse servido, os presentes foram convidados a se dirigirem ao jardim, lá o responsável pelas fogueiras, onde foram assadas as tainhas, deu explicações sobre o cardápio e o modo de preparo do prato principal. Terminando as informações sobre os pratos, realizou uma prece de agradecimento pelo alimento e pela oportunidade de confraternização entre os membros, amigos e visitantes da casa. As mesas foram servidas pelos próprios colaboradores da casa, a demora no início do serviço, marcado inicialmente para as 20 horas, o atraso se deu pelo fato do prato principal estar sendo preparado na hora de servir. A maioria estava alegre, conversando e demonstrando curiosidade e surpresa sobre o modo de preparo do peixe na brasa.

Os convites para o jantar foram vendidos, antecipadamente e também no dia, por vinte e cinco reais cada, este valor não incluía as bebidas e sobremesas, que foram cobradas à parte. A renda obtida através da realização do jantar, como em eventos festivos anteriores, destina-se à manutenção da casa e das atividades de apoio às famílias assistidas pelo grupo. O público presente ao jantar era predominantemente adulto, havendo no máximo umas doze crianças no salão.

Para o mês de agosto as atividades do grupo foram desenvolvidas a partir de uma programação especial por ser, este mês, dedicado à comemoração do 9º aniversário de funcionamento da Fraternidade Cósmica Universal.

Normalmente as reuniões, realizadas nas noites de quinta-feira, são destinadas ao estudo de livros e direcionadas aos trabalhadores da casa. Neste ano de 2012, estão sendo estudados os livros “O que é Religião?” de Swami Vivekananda²⁵ e “100 Perguntas e Respostas sobre a Mediunidade e o Espiritualismo” de Márcio de Carvalho²⁶. Dessa forma o período de eventos comemorativos teve início em 26 de julho de 2012 com um Seminário sobre Física Quântica ministrado pelo professor Giovane Quadrelli que se apresentava pela primeira vez na Fraternidade. O salão estava organizado com cadeiras para 80 pessoas e praticamente todos os lugares foram ocupados. A assistência era formada por frequentadores da casa e alguns alunos e colegas do palestrante, em sua maioria pessoas com formação

²⁵O livro aborda as origens e fundamentos das principais tradições religiosas e os grandes mestres da humanidade. VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião?* Editora Lótus do Saber, 2ª edição, 2004.

²⁶O livro trata da experiência mediúcnica do autor e suas pesquisas sobre fenômenos paranormais. CARVALHO, Márcio de. *100 perguntas e respostas sobre mediunidade e espiritualidade*. Editora Nova Era, 2004.

superior, nessa noite não havia crianças presentes. Logo no início de sua palestra o professor mencionou o fato de ter visitado o site da Fraternidade e se interessado muito pelo trabalho do grupo. Após 15 minutos de palestra houve interrupção da energia elétrica, mas os estudos prosseguiram a luz de velas e com a utilização de luzes de emergência. A falta de energia prejudicou um pouco a apresentação, pois alguns trechos haviam sido preparados para exibição com o auxílio de data-show. Apesar do contratempo, a plateia participou ativamente com questionamentos sobre a relação entre Ciência e Religião e particularmente sobre espiritualidade quântica.

Dando continuidade aos eventos que marcaram seus nove anos de funcionamento a casa recebeu em 31 de julho de 2012, um amigo, de vários anos, o indiano Kirit Dave. Para realização de sua palestra, proferida em inglês, o público contou com uma tradução simultânea, realizada por um colaborador da Fraternidade. Após o término de sua preleção sobre a prática da meditação, Kirit mencionou o fato de existirem vários grupos, em todo o mundo, buscando a aproximação e o diálogo entre as diversas tradições religiosas, em pequenos ou grandes movimentos. Falou, ainda, sobre a possibilidade de um dia, em um futuro distante, as diferenças entre as religiões serem superadas, quando então não existiriam mais fronteiras e as religiões atingiriam um estágio de unificação.

A data de 02 de agosto de 2012 foi destinada à realização de uma reunião interna com os membros da Fraternidade e presidida por seu diretor.

A reunião começou com uma oração de agradecimento pelos nove anos de funcionamento do grupo, proferida por uma trabalhadora da casa, e pela oportunidade de estudo, conhecimento e descobertas sobre os variados segmentos religiosos com os quais puderam ter contato durante esse tempo.

O diretor da Fraternidade Cósmica Universal, Sérgio, assentado em uma cadeira voltada para a assistência, e no mesmo nível do piso, falou sobre o início das atividades do grupo, nove anos antes, em uma sala ali mesmo em sua residência, com a participação de doze pessoas que se reuniam para o estudo e discussão de vários livros e temas relacionados com a espiritualidade. Alguns desses pioneiros encontravam-se presentes e foram sendo identificados pelo diretor. Este foi um momento de bastante emoção para essas pessoas que fizeram alguns comentários sobre os primeiros passos na criação do grupo. Sérgio lembrou, ajudado pelos presentes, as palestras de representantes religiosos do Brasil e de vários países que os visitaram nos anos anteriores. Mencionou também as dificuldades financeiras que quase levaram ao fechamento da casa, um ano antes. Agradeceu o trabalho de todos no sentido de manter a casa em funcionamento e ressaltou o empenho de alguns membros, que

realizaram inclusive empréstimos pessoais junto a entidades financeiras, para honrar os compromissos assumidos pela Fraternidade. Falou, ainda, sobre seus problemas de saúde e sobre as dificuldades judiciais enfrentadas para execução do, já iniciado, projeto de construção do Ashram Vale do Amor. Conclamou a todos que continuassem firmes na luta para garantir a continuidade dos projetos realizados pela casa.

Ao final de sua fala um trabalhador, apontado, e aclamado, como um dos membros mais atuantes da casa, realizou uma oração de encerramento e agradecimento pelo momento. Após a prece o grupo se reuniu para fotos, registrando assim o encontro dos membros da Fraternidade, que atualmente conta com 60 trabalhadores, diretamente envolvidos nas diversas atividades ali desenvolvidas. Terminada a sessão de fotos e dos cumprimentos entre as pessoas, elas se dirigiram para o meio do salão, onde havia uma mesa posta com variados pratos doce e salgados. Neste dia não houve trabalho na cantina, todos os presentes, permaneceram no salão durante a reunião. Os pratos servidos foram trazidos, e muitos deles preparados, pelas próprias pessoas ali reunidas. A confraternização, iniciada com a reunião, prosseguiu em ambiente bastante alegre e emocionante.



Figura 19: imagem com os membros da Fraternidade Cósmica Universal na comemoração pela passagem do nono aniversário do grupo (A. P. Ligeiro).

Em 18 de agosto de 2012 realizou-se o jantar comemorativo pelos nove anos da Fraternidade Cósmica Universal. Para esta ocasião, o tema escolhido foi a cultura chinesa, em homenagem ao mentor espiritual da casa, Mestre Chin.



Figura 20: imagem do convite para o jantar chinês (A. P. Ligeiro).

A equipe da cozinha era formada por dez pessoas, sendo que seis delas se encontravam envolvidas diretamente com o preparo dos pratos a serem servidos. Este grupo, da mesma forma que em outros eventos, era supervisionado pelo trabalhador da casa Henrique.

No cardápio constava uma entrada com queijo de soja. Como prato principal havia duas opções, frango agri-doce e filé com brócolis, além da opção vegetariana preparada apenas com legumes. As bebidas oferecidas eram vinho, cerveja, suco industrializado, água e refrigerante.

Toda a decoração do salão, das mesas para convidados, das mesas destinadas às linhas de servir e do altar estavam muito bem elaboradas de acordo com o tema escolhido.



Figura 21: imagem do salão antes do jantar chinês (A.P. Ligeiro).



Figura 22: imagem do altar ornamentado para o jantar chinês (arquivo pessoal)



Figura 23: imagem do salão durante o jantar chinês (A. P. Ligeiro).

Na entrada havia uma mesa, próxima a cantina com um casal de trabalhadores da casa, vendendo os convites e recebendo doações para a Fraternidade. No salão orientando as

peessoas quanto aos lugares que poderiam ocupar nas mesas estavam três trabalhadoras da casa com trajes chineses. Durante todo o evento, o diretor da casa passa pelas mesas conversando com os presentes, conhecidos ou convidados de maneira a permitir que todos se sintam bastante à vontade.

Às 21 horas, os organizadores foram chamados à frente do salão, próximo ao altar, ocasião em que agradeceram a presença de todos e a ajuda recebida para a realização do evento; explicaram ainda, como havia sido preparado o jantar, mais uma vez esclareceram que os recursos obtidos a partir das doações e da realização de eventos como aquele têm por objetivo a manutenção da casa e suas obras sociais. Após a fala de três dos integrantes da equipe responsável pelo jantar, outro trabalhador da casa foi chamado para realizar uma oração de agradecimento pela oportunidade de se reunirem para mais um evento comemorativo e pelos alimentos que seriam servidos.

O jantar foi servido às 21h30min, de forma eficiente e organizada. As pessoas pareciam bastante satisfeitas com o serviço e principalmente com o sabor dos alimentos. O salão estava com quase todas as mesas ocupadas, mas havia um público menor que o do jantar árabe, realizado meses antes. As conversas nas mesas, em geral, referiam-se a recordação de fatos e situações vividas nos anos anteriores. Próximo às 23h30min as pessoas começaram a deixar a casa, os últimos a saírem, como normalmente nestas ocasiões, são as pessoas que se encarregam da limpeza e reorganização do espaço.

Dando prosseguimento à programação dos jantares beneficentes, em 20 de outubro foi realizado um jantar cujo tema era a cultura italiana. No dia seguinte teve lugar, na sede da Fraternidade, a festa para crianças. Nesta ocasião, os trabalhadores, vinte pessoas, chegaram para dar início à atividade, por volta de 9h30min, alguns demonstrando cansaço devido ao trabalho no evento do dia anterior e também ao início do horário de verão, mas todos envolvidos em um clima de animação e expectativa. As equipes se distribuíram para realização dos trabalhos de limpeza, montagem dos brinquedos, preparo do almoço e recepção das crianças, que chegaram trazidas por vans contratadas para esse transporte e em carros particulares dos próprios membros da casa e seus familiares. O público infantil do evento foi constituído, principalmente, de crianças pertencentes às famílias assistidas pelo grupo ou por outras instituições, além dessas, também estiveram presentes, crianças conhecidas dos membros da Fraternidade. Durante o encontro foram oferecidos serviços de corte de cabelo, realizado por um profissional membro da Fraternidade, muitas brincadeiras e jogos. Antes do almoço, servido às 13h, as crianças e adultos presentes foram convidados a participarem de um momento de oração e reflexão em agradecimento pelo encontro. Todo o evento

transcorreu em um ambiente festivo e descontraído. Ao final do evento foram distribuídas cestas básicas e presentes para os assistidos que, a seguir, foram conduzidos às suas residências.



Figura 24: imagem do altar ornamentado para a festa das crianças (A. P. Ligeiro).



Figura 25: imagem da festa das crianças no jardim da casa (A. P. Ligeiro).

2.4 Vale do Amor: espaço destinado ao encontro e integração das diversas tradições religiosas.

No dia 15 de abril de 2012, domingo, foi realizada uma visita à propriedade onde está sendo construído o Vale do Amor, um Ashram que pretende reunir num único espaço, templos de várias tradições religiosas.

Para alcançar a propriedade denominada Vale do Amor – localizada na Estrada Mata Cavalo s/nº, Bairro Fazenda Inglesa, Cidade de Petrópolis, RJ – deve-se, ao deixar a BR 040, na indicação para a Fazenda Inglesa, seguir a estrada de paralelepípedo até embaixo,

atravessar a ponte, manter-se na estrada principal à esquerda. Após o segundo quebra molas entrar à direita na Ladeira Frederico Emmel e seguir pela estrada de terra principal por 2 km. Durante o trajeto, o dirigente do grupo mostrou as casas de seus pais, uma em frente à outra, mencionou sua ascendência alemã e relatou suas primeiras experiências “religiosas” ocorridas aos seis anos de idade, nos jardins da casa da mãe, quando diz ter sido abduzido por extraterrestres.

A primeira parada, já dentro do Ashram, foi em sua primeira edificação. Para se chegar a ela, deve-se utilizar uma entrada à direita na estrada e descer por uma escada até um Templo Budista. Neste local ocorre um momento de meditação no último sábado de cada mês. Dia que antecede o trabalho de atendimento na Fraternidade Cósmica Universal, que acontece na manhã do último domingo do mês. Nestes sábados, é comum as pessoas passarem a manhã e a tarde na propriedade, ocasião na qual é preparado um almoço com cardápio predominantemente composto por alimentos naturais.



Figura 26; imagem do templo budista construído no Vale do Amor (arquivo pessoal).



Figura 27: imagem do templo budista construído no Vale do Amor (site).

Fora do templo, descendo por uma escada chega-se a um altar com a imagem de Buda. Ali há um córrego com pedras e uma pequena ponte liga uma margem à outra.



Figura 28: imagem do espaço umbandista no Vale do Amor (arquivo pessoal).

Do outro lado há uma pequena clareira – destinada à realização de cerimônias umbandistas – um círculo de troncos cortados, formando bancos, cobertos, parcialmente, por musgo.



Figura 29: imagem do espaço umbandista no Vale do Amor (arquivo pessoal).

Nesse ponto, o dirigente da Fraternidade Cósmica Universal, fala sobre um grupo indígena, formado por um cacique e sete índios, vindos do Mato Grosso, que já teriam visitado o local e nele feito rituais. Relata ainda que eles continuam mantendo contato e pretendem realizar novas visitas à sede da Fraternidade e ao Vale do Amor.

Sérgio relata ainda, que durante a visita deste grupo à sede, houve a manifestação (incorporação), através de sua mediunidade, de um pajé da tribo, recentemente falecido e que durante sua comunicação, este teria deixado mensagens importantes para o cacique e sua tribo. Tal fato parece ter sido muito bem aceito pelos visitantes que demonstraram respeito e agradecimento pelas palavras recebidas.

Voltando à estrada e continuando a subida, a segunda parada foi feita num espaço consagrado a Nossa Senhora de Lourdes, onde foram colocadas imagens da Santa e de

Bernadete²⁷ Ali há muitas flores, principalmente copos de leite, plantadas ao redor das imagens. Ali também há água corrente, captada, filtrada e direcionada para torneiras na base do nicho. Em frente e à esquerda estão dispostos três bancos que proporcionam descanso, à sombra, para quem visita o Vale do Amor, para orações ou contemplação.



Figura 30: imagem do nicho de Lourdes e Bernadete no Vale do Amor (site).



Figura 31: banco em frente ao nicho de Lourdes e Bernadete (arquivo pessoal)

Segundo o idealizador do projeto, nesta parte do Vale deverá ser construído um hospital para tratamento espiritual, em formato de pirâmide, de acordo com uma maquete que se encontra exposta no salão principal da sede da Fraternidade Cósmica Universal.

²⁷ Também conhecida como Santa Maria Bernadete e Santa Bernadete Soubirous. Nasceu em 7 de janeiro de 1844 em Lourdes, França. A mais velha de seis filhos de uma família muito pobre chefiada por Francois e Louise Casterot. Serviu como empregada dos 12 aos 14 anos. Depois foi pastora de ovelhas. Em 11 de fevereiro de 1858, mais ou menos na época de sua primeira comunhão recebeu a primeira visão da Virgem. Mais tarde, mudou-se para uma casa do Convento das Irmãs de Nevers em Lourdes onde vivia, trabalhava e foi alfabetizada. As irmãs cuidavam dos doentes e indigentes e quando Bernadete fez 22 anos foi admitida na Ordem. Sempre muito doente, morreu enquanto orava a Virgem Maria, em 16 de abril de 1879 em Nevers, França. O corpo de Maria Bernadete permanece incorruptível. Foi canonizada pelo Papa Pio XI em 1933. Desde que apareceu a Santa Bernadete em 1858 mais de 200 milhões de pessoas visitaram o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes. Disponível em <http://www.cademeusanto.com.br/santa_bernadete.htm>. Acesso em: 12 mar. 2013.



Figura 32: imagem da maquete do hospital exposta no salão principal da sede da Fraternidade Cósmica Universal (arquivo pessoal).

Após uma breve parada em uma residência à esquerda da estrada, um pouco acima do nicho de Nossa Senhora de Lourdes, a subida continua. Para melhor descrição do espaço, convém esclarecer que o terreno está escalonado em diversos platôs, destinados cada um, à construção de edificações que servirão de templos às diversas tradições religiosas.

O caminho que leva à próxima parada é de terra e brita e nas laterais foram plantadas, recentemente, mudas de hortênsias, espécie de flor bastante comum na cidade, e ipês, o plantio foi realizado por crianças de uma escola, convidadas pela Fraternidade Cósmica Universal.

À direita da estrada, há um grande gramado, formado por três espécies diferentes de grama que dão contorno e formam o símbolo chamado Tei-Gi que representa os princípios Yin-Yang, da filosofia chinesa.



Figura 33: imagem do gramado com o símbolo Tei-Gi no Vale do Amor (arquivo pessoal).

Neste ponto, segundo o projeto do Ashram, deverá ser construído um portal (Tori) de acesso ao gramado. Próximo ao gramado já está iniciada a construção de um palco, uma

cozinha e banheiros, que permitirão receber um grande número de pessoas para apresentações de música e projeção de filmes. A inauguração deverá ocorrer, segundo seu idealizador, numa noite de luar, com a exibição de um filme relacionado à vida de São Francisco de Assis.

Ainda nessa parte da propriedade há um lago, sobre o qual deverá ser construído um templo em estilo japonês. Toda a madeira necessária para esta edificação já foi adquirida e encontra-se guardada para ser utilizada na construção.

Voltando ao caminho principal e subindo um pouco mais, chega-se a um amplo espaço para o qual há um projeto de construção de alojamentos. Neste ponto de elevação do terreno, a visão do palco e do símbolo Tei-Gi, no gramado abaixo, torna-se privilegiada.



Figura 34: imagem do gramado com o símbolo Tei-Gi no Vale do Amor visto do alto (arquivo pessoal).

A terra e areia da estrada apresentam-se marcadas por pegadas de animal, mais fortes e mais fracas, no sentido da subida. Sérgio diz que provavelmente foram feitas por um lobo-guará e que elas começaram a aparecer após a construção da Igreja, no alto da montanha. Menciona ainda que em conversa com Leonardo Boff, ao falar sobre as pegadas, este narrou-lhe a “lenda” sobre São Francisco e o lobo de Gubbio²⁸.

A caminhada termina na Igreja de Francisco e Clara, no alto da montanha. Esta não tem paredes nem teto. Os bancos de pedra em número de setenta e dois, correspondem aos sábios judeus, chamados por Deus, cada banco acomoda duas ou três pessoas. As peças que compõem o altar, uma mesa principal, um púlpito e uma pia batismal, também foram esculpidas em pedra.

²⁸ Esta história foi contada no final do século 14, numa obra de autor desconhecido, intitulada As Pequenas Flores de São Francisco. Disponível em: < <http://www.sgi.org.br/contos/sao-francisco-e-o-lobo-de-gubbio/>>. Acesso em: 13 de mar. 2013.

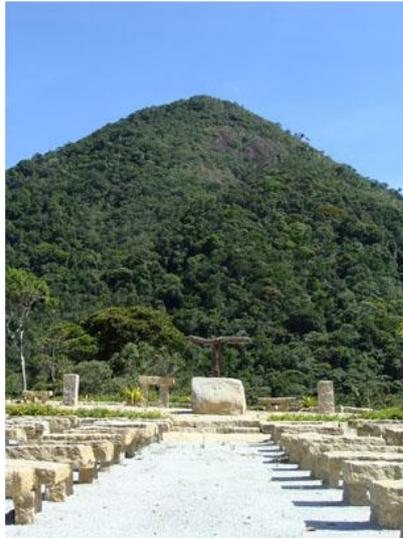


Figura 35: imagem da igreja de Francisco e Clara no alto da montanha no Vale do Amor (arquivo pessoal).



Figura 36: imagem do altar da igreja de Francisco e Clara no Vale do Amor (arquivo pessoal).

Atrás do altar vê-se outra montanha, ainda mais alta, de formato piramidal, nela observa-se uma parte da pedra não coberta por vegetação, onde se pode observar uma das faces da rocha.

Sérgio afirma tratar-se de um lugar sagrado. Relata experiências de médiuns videntes que em visita à Igreja, afirmam terem visto intensa atividade realizada por espíritos ou seres extraterrestres na montanha em frente.

Durante a caminhada, Sérgio falou, principalmente, sobre o projeto e a execução do Vale do Amor. Mostrou as áreas onde ainda serão construídos novos templos, mencionou as edificações que terão por objetivo fornecer condições que permitam a permanência das pessoas por horas e até mesmo dias no Vale do Amor. Tais como banheiros, cozinha e alojamentos.

A visita terminou com a descida a pé até onde estava o carro, na entrada da propriedade, próximo à primeira parada no Templo Budista.

Em entrevista com Sérgio, posteriormente realizada, na sede da Fraternidade Cósmica Universal ao falar sobre o projeto do ashram Vale do Amor, o idealizador do projeto aproveita a oportunidade para diferenciá-lo da Fé Bahai²⁹, que, segundo sua opinião, criou uma estrutura onde as religiões apenas estão. Em seu entendimento, as escolhas, os caminhos, os rituais de cada religião, precisam ser respeitados, esclarecendo que a idéia no Vale do Amor para a construção dos templos tem essa finalidade. Cita, como exemplos, os umbandistas que tem lá um espaço reservado para a prática de seus rituais; a igreja franciscana que pretende resgatar a essência das missas franciscanas, inclusive com a presença de animais; os budistas, os taoístas, os evangélicos, contando estes últimos com um espaço para a realização de batismos de acordo com sua concepção. A partir de sua fala, pode-se entender que na execução deste projeto, há o propósito de criar, ou estabelecer, uma identidade própria para o grupo.

Portanto, uma pessoa, estando no ashram, poderá acordar e ir meditar no templo budista, depois poderá ir à missa e, também, dançar à tarde com os Hare Krishna, pois, segundo o entendimento de seu idealizador, todos seriam irmãos, filhos de um mesmo pai. O ideal pretendido com a construção do Vale do Amor seria, então, permitir que as pessoas possam passar um fim de semana conhecendo, e descobrindo, outras práticas religiosas diferentes da sua. Em datas especiais, sejam para o cristianismo ou para o hinduísmo, poderá haver celebrações que reúnam a todos num grande templo. Mas terminadas as celebrações, as pessoas voltariam para suas crenças. Dessa forma, não haveria perda, mas sim, uma reafirmação da identidade religiosa de cada um. Não se pretenderia a união de algumas religiões em uma só. Cada pessoa continuaria com os rituais que lhe agradam, sem precisar romper com sua fé mesmo que assista ou participe de outros rituais em datas especiais para outra tradição religiosa.

²⁹ Religião nascida do babismo, fundada por um discípulo de Bab Mirza Hussain'Ali, chamado *Bahá'Alá* ("Glória a Deus") (1817-1892). Nascido na Pérsia, onde propagou a sua doutrina, exilado na Turquia, foi encarcerado durante vinte e quatro anos em São João de Acre. Redigiu numerosas obras e cartas ou "tabuinhas" enviadas aos governantes de todo mundo. Afastando-se cada vez mais do Islão, criou, por meio de um sincretismo das antigas crenças, uma religião universal de paz e de fraternidade. O seu filho mais velho 'Abbas efêndi'Abd al-Bahá (1844-1921), foi o seu sucessor. Escreveu o *Plano divino* para expandir o bahá'ísmo, nomeando o seu neto protetor da causa bahá'í. O bahá'ísmo expandiu-se pelo mundo inteiro: forma numerosas comunidades reconhecidas pelas Nações Unidas; o centro administrativo está em Haifa. Marguerite-Marie Thiollier. *Dicionário da Religiões*. Petrópolis: Editora Vozes, p.37.

Para o idealizador deste projeto, a humanidade encontra-se num estágio em que precisa vibrar e se identificar com um ritual para que possa estabelecer uma conexão espiritual, daí a necessidade de se preservar a identidade religiosa de cada um. O universalismo na Fraternidade teria como objetivos conhecer, respeitar e amar o caminho de cada um.

Para ilustrar sua fala, Sérgio menciona a rivalidade existente entre as torcidas de times de futebol, onde pessoas que são amigas e convivem harmoniosamente no dia a dia, tornam-se inimigas ao vestirem a camisa de seus times e se dirigirem para um estádio. E cita, ainda, um ensinamento indiano que se refere ao karmayoga³⁰, que neste caso corresponderia à atitude de aplaudir uma bela jogada, ou um gol, do time adversário, afinal, as pessoas estariam lá, teoricamente, para assistir a um espetáculo esportivo. Neste sentido, o entrevistado traça um paralelo entre as torcidas e as igrejas, dizendo que a humanidade precisa aprender a caminhar para que não haja uma grade, como as que separam as torcidas nos estádios, também entre as religiões. Dessa forma, as pessoas poderiam ter sua preferência sem, necessariamente hostilizar a escolha do outro. Pois se a terra é única e todos são seus filhos, o mundo não poderia ter fronteiras, nem as igrejas grades, ou cercas espirituais que seriam ainda mais poderosas que as cercas físicas.

Para seu idealizador, a construção do Vale do Amor tem o objetivo de ampliar a dinâmica do diálogo inter-religioso que já ocorre na sede da Fraternidade e julga que as dificuldades vivenciadas sejam passageiras. Além disso, declara ter consciência de que é um projeto que levará anos para ser concluído e afirma acreditar no amparo da espiritualidade e na continuidade desse trabalho mesmo após sua partida, citando como exemplo, um ashram construído por Vivekananda após a morte de seu mestre e que, atualmente, reúne cerca de 200 mil pessoas.

Neste capítulo foram apresentados a criação, o histórico e as atividades desenvolvidas pela Fraternidade Cósmica Universal, bem como a dinâmica dos encontros promovidos pelo grupo em seu exercício de hospitalidade e abertura. Foram também descritos

³⁰ Karma = ação, Yoga = caminho. Karma Yoga é um conjunto de todas as ações e seus frutos dedicados a Deus. É o desempenho de ações enraizadas na união com o Divino, que removem o apego e estabelece o equilíbrio mental tanto no êxito como no fracasso. Karma Yoga é o caminho a Deus pela ação, um serviço altruísta à humanidade que purifica o coração e promove mudanças nas nossas atitudes internas e emoções através da própria experiência, que transforma nossas ações e refina nossas motivações. Assim, eleva-nos a uma vivência expansiva, onde o mais importante é o foco em servir a humanidade sem qualquer desejo ou egoísmo, sem o interesse de conseguir qualquer resultado, seja a fama, fortuna, sucesso, posição, reconhecimento, riqueza, etc. Este conceito é um dos pilares do caminho espiritual, e é considerado a principal trajetória que nos leva à Auto-Realização através da ação. Disponível em: <http://www.ammabrazil.org>. acesso em 13 mai. 2013>.

os espaços físicos destinados a receber os representantes das diversas tradições religiosas que se dispuserem a participar da construção do diálogo inter-religioso, além da relação de palestras realizadas nos meses de janeiro a outubro de 2012.

O próximo capítulo pretende uma análise sobre as atividades do grupo, apresentadas neste segundo capítulo, a partir de declarações de seus integrantes e visitantes, bem como identificar, por meio das observações e entrevistas realizadas, conceitos apresentados no primeiro capítulo, tais como a valorização da tradição de origem no diálogo, a religiosidade errante e o respeito pela identidade e religiosidade como elementos importantes na experiência com a alteridade.

CAPÍTULO 3: A FRATERNIDADE CÓSMICA UNIVERSAL E OS VÁRIOS DIALOGANTES QUE A CONSTROEM.

O último capítulo deste trabalho dará ênfase às trajetórias dos indivíduos que participam dessa dinâmica de diálogo inter-religioso promovido pelo grupo estudado e de sua busca pela formação de uma identidade.

3.1 Pilares da Fraternidade Cósmica Universal: coordenadores e colaboradores.

A Fraternidade Cósmica Universal possui atualmente cerca de sessenta membros efetivos, divididos em equipes, cada uma delas atuando sob a responsabilidade de um coordenador denominado – pela coordenadora geral do grupo – como pilares da Fraternidade, por serem considerados responsáveis pelo planejamento, execução e continuidade do trabalho ali realizado. Segundo o relato de pioneiros da casa, e o testemunho de palestrantes e frequentadores, em anos anteriores a 2013, o número de colaboradores teria se aproximado de cento e quarenta pessoas, divididas em doze setores.

Há cerca de dois anos, porém, esse número sofreu redução a partir da saída espontânea, ou a convite do diretor, de pessoas que não estariam mais comungando o ideal de um espaço destinado a acolhida das diversas tradições religiosas e a universalização das religiões.

Através de seu diretor, coordenadora geral e colaboradores, a Fraternidade Cósmica Universal busca, a partir das atividades desenvolvidas, promover a prática do diálogo inter-religioso e a abertura ao contato com várias tradições religiosas, em um ambiente de respeito às diferentes formas de crença e a abordagem que seus visitantes, ou membros, façam sobre os temas levados a estudo.

Durante as visitas e conversas realizadas com seus integrantes, desde 2009 e, principalmente, ao longo do ano de 2012, pode-se perceber que as pessoas que participam ativamente do grupo, mostram-se de fato interessadas em dialogar e abertas ao conhecimento trazido por representantes dos segmentos religiosos diversos que ali se encontram para falar sobre religião, não de maneira dogmática, mas sim de forma a apresentar a religiosidade como algo que transcende a barreira das religiões.

Segundo as palavras de uma das pioneiras da casa em uma conversa informal durante um dos jantares beneficentes, sua primeira formação religiosa ocorreu na tradição católica, mais tarde frequentou algumas reuniões em pequenos grupos de umbanda, mas sentia necessidade de conhecer algo mais. Foi levada ao grupo por um amigo, quando as reuniões de estudo ainda eram para poucas pessoas, a partir de então passou a frequentar a casa e participar de sua organização. Para ela, o caráter universalista e a posição de abertura ao diálogo com outros segmentos religiosos, assumido pelo grupo, foi um fator decisivo para a sua permanência. Esse mesmo aspecto teria sido responsável – segundo esta colaboradora – por causar certo distanciamento e resistência por parte de alguns dos centros espíritas da cidade e da própria Federação Espírita Brasileira em relação ao grupo. Esta trabalhadora entende que o fato de na Fraternidade serem realizados trabalhos de tratamento espiritual, através de passes e cirurgias espirituais durante o atendimento realizado as terças e no primeiro domingo de cada mês, faz com que as pessoas que procuram a casa com a intenção de se tratarem, cheguem com a ideia de que o espaço é um centro espírita. Quando essas pessoas não permanecem por tempo suficiente para perceberem as outras atividades que são também desenvolvidas, acabam por levar essa impressão e difundi-la, dessa maneira é possível encontrar pessoas que dão notícias e informações da Fraternidade como sendo um centro espírita e não um templo universalista.

Em outra conversa, também com colaboradores da casa durante a preparação do almoço para as famílias assistidas, pode-se ouvir uma senhora, que participa ativamente de todos os encontros e atividades promovidos pela Fraternidade. Neste relato ela conta ter tido o primeiro contato com a casa a convite do filho que é um dos coordenadores da Fraternidade e que após passar pela perda de alguns familiares, encontrou ali, conforto. Segundo ela, a oportunidade de conhecer outras formas de religião e de sua relação com a morte, em um ambiente de reflexões, trouxe-lhe serenidade e ampliou seus pensamentos.

Outra trabalhadora da casa, também bastante assídua às atividades, dedica-se principalmente as tarefas realizadas na cantina da sede – no preparo e comercialização dos produtos cujos recursos são utilizados para manutenção da casa – afirma ter encontrado na

Fraternidade a possibilidade de aliar ao trabalho voluntário, junto às famílias assistidas, a ocasião para participar de estudos sobre as religiões. De acordo com sua fala, este é um assunto que lhe desperta muito interesse. Declara ainda sentir-se muito feliz por participar das atividades de confraternização promovidas pela casa, tais como os jantares beneficentes. Nestas datas todos os trabalhadores se mobilizam e participam das diversas etapas de organização do evento. Segundo suas palavras, durante um dos eventos beneficentes, “gosto de vir olhar o salão decorado, antes que os convidados cheguem porque fico muito impressionada com essa transformação, ao mesmo tempo em que estou em nossa casa, é como se estivesse em outro lugar. Nas palestras também costumo me sentir assim quando ouço falar de religiões que não conheço.” Nesta fala, poder-se-ia, novamente, identificar a possibilidade da busca por várias tradições, sem que para isso seja necessário deixar a casa e empreender uma peregrinação por outros templos.

Ao final da pesquisa de campo, no mês de janeiro de 2013, a organização do grupo era constituída pelo diretor, uma coordenadora geral e cinco equipes, coordenadas cada uma por um dos colaboradores mais antigos. Os diversos setores são responsáveis, por exemplo, pela administração dos recursos, pela assistência social, pelo atendimento espiritual, pelo trabalho na cantina e pelas palestras. A realização dos encontros de terça-feira, e aos domingos, envolve e depende da atuação conjunta de vários trabalhadores da casa desde o contato com o palestrante convidado, passando por várias etapas, que incluem transporte e hospedagem, quando necessário, até o momento da reunião.

No tocante à condição financeira dos integrantes com o grupo, em sua grande maioria, as pessoas que fazem parte da Fraternidade, membros que atuam como colaboradores ou coordenadores das atividades, possuem formação superior e atuam em diversas áreas profissionais. Outros trabalham no setor comercial ou na prestação de serviços. Alguns são trabalhadores autônomos. Ninguém depende do grupo para se sustentar financeiramente e não há entre os colaboradores ou trabalhadores da casa pessoas que recebam pelo trabalho ali realizado, exceção feita aos serviços de jardinagem e limpeza executados por profissionais contratados esporadicamente. Ao contrário, em várias situações, os membros do grupo utilizam de seus próprios recursos para manter as atividades da casa. Há entre estes membros, professores, psicólogos, médicos, engenheiros, funcionários públicos, barbeiros, que, além de contribuírem mensalmente para o provimento das despesas, se empenham na arrecadação de recursos e doações junto ao público com o qual mantém contato no cotidiano de suas atividades profissionais.

Segundo informações obtidas durante o trabalho de campo através da realização de visitas e entrevistas com seus colaboradores, a casa conta com uma tesouraria, composta por quatro de seus membros, os quais são responsáveis por registrar o movimento financeiro. Desta forma, encontram-se arquivadas em pastas, disponíveis para consulta, a receita – proveniente basicamente de doações e do recebimento do carnê-amigo – e as despesas para manutenção da sede, realização dos eventos e ajuda às famílias carentes assistidas pelo grupo.

Em uma das entrevistas, realizada em janeiro de 2013, com a atual coordenadora geral da casa, obteve-se a informação que, em anos anteriores havia doze departamentos, inclusive um deles destinado ao atendimento médico ambulatorial – sem atividade no momento – coordenado por duas médicas, uma delas ainda participando do trabalho na casa, porém, realizando outras funções. Para exercer a função de coordenador desses departamentos, os colaboradores eram escolhidos durante uma reunião anual entre os membros do grupo e seu diretor. Esta trabalhadora esclarece que apesar de estarem organizados separadamente por equipes, os colaboradores atuam em conjunto na realização das diversas tarefas. Segundo suas palavras, a Fraternidade passa atualmente por um processo de reestruturação, no qual está prevista, inclusive, a elaboração de um projeto que permita a captação de recursos junto a empresas, através de doações, mantendo assim o propósito de total transparência em relação ao setor financeiro do grupo.

Em outra ocasião, falando sobre sua religiosidade e sua relação com a Fraternidade Cósmica Universal, a coordenadora geral se definiu como uma pessoa muito curiosa, “acho que já nasci universalista”. Segundo seu relato, quando nasceu, sua mãe frequentava uma igreja evangélica, onde foi batizada e frequentou a escola dominical. Devido a algumas divergências em relação à doutrina, a família afastou-se deste segmento religioso. Durante sua adolescência e juventude, no entanto, estudou em um colégio de freiras, onde foi, segundo ela, novamente batizada, recebeu a primeira eucaristia e a crisma. Após o casamento, também realizado em uma cerimônia católica, manteve-se afastada de qualquer atividade ou prática religiosa, por um período de seis anos. Convidada por uma amiga frequentou durante um ano e meio reuniões numa casa espírita, onde levava a filha para receber tratamento espiritual através de passes. Interessou-se pela doutrina, realizando, durante quatro anos, estudos e cursos ministrados numa segunda casa espírita, que passou a frequentar, onde permaneceu por aproximadamente seis anos e meio. Segundo suas palavras, “ainda sentia que não me completava, na verdade, não faltava, sobrava, porque em cada segmento religioso encontrava símbolos religiosos que agradavam e outros não”, desta forma, declara que sentia necessidade de buscar mais liberdade para fazer sua escolha, isto é, queria cantar músicas evangélicas, mas

também queria ir à missa, rezar um terço, fazer sua oração de São Francisco, ir ao centro espírita, mas não aceitava “levar o pacote fechado”, ou seja, queria poder transitar livremente com sua fé por crenças diversas.

Seu primeiro contato com a Fraternidade Cósmica Universal ocorreu em outubro de 2007, a convite de uma amiga. Após a palestra foi convidada por um dos membros a conhecer o trabalho de tratamento espiritual realizado na sala de passes e narra que ao entrar, foi recebida pelo diretor da casa, recebendo, através dele, a seguinte mensagem da entidade Dr. Fritz: “minha irmã, eu estava lhe aguardando há muito tempo.” De acordo com seu relato, encantou-se com a acolhida, o trabalho do grupo e com o ambiente de abertura que lhe proporcionava a oportunidade de conhecer vários segmentos religiosos.

Após aproximadamente três meses frequentando a casa, em uma conversa com o diretor Sérgio, foi convidada a fazer parte de sua equipe. Ao aceitar o convite pediu um prazo para que pudesse se desvincular da antiga casa onde trabalhava e preparar alguém para continuar as tarefas com as quais se comprometera anteriormente. A partir de sua adesão formal ao grupo, participou de atividades em todos os setores até chegar a desempenhar a atual função de coordenadora geral. Esta trabalhadora acredita que sua ligação com a Fraternidade Cósmica Universal é ainda mais antiga que sua primeira visita. Para exemplificar sua fala narra situações, das quais ela não se recordava, de encontros rápidos com Sérgio – em situações cotidianas e quando frequentava a primeira casa espírita que conheceu na cidade – momentos lembrados posteriormente e entendidos por eles como sendo de reconhecimento de almas, ou reencontro espiritual. Declara ainda, que seu empenho na realização da tarefa de coordenação geral das atividades da casa, após ter passado por todos os demais departamentos, deve-se à sua firme convicção na seriedade, honestidade e clareza de propósito do dirigente. Além de acreditar que ele seja possuidor de “uma mediunidade esplêndida, a quem a espiritualidade confiou um grande trabalho de cura, pois há muito sofrimento a ser tratado”. Afirmar também que ele não recebe, pessoalmente, doações, de qualquer natureza – dinheiro, roupas, alimentos, e até mesmo fardos com garrafas de água mineral que se destinam ao tratamento espiritual – sem que esteja presente outro membro que possa fazer o registro dessa entrada.

Esta trabalhadora da Fraternidade acredita que o projeto, ao qual se dedicam, é muito ousado. Um sonho possível, mas sem recursos financeiros suficientes para realizá-lo. Repetindo suas palavras, “mas a magia está aí, é a magia do sonho” e afirma que “quando se põe energia naquilo que se acredita, se confia, as coisas vão acontecendo”. Ela acredita também que o trabalho que desenvolvem faça parte de um projeto maior da espiritualidade e

que, portanto, estaria amparado por esta. Para completar sua impressão sobre a possibilidade de realização dos projetos da Fraternidade, menciona uma mensagem, lida em uma das reuniões de estudo, realizadas às quintas-feiras – sobre a fé – na qual esta seria definida como a posse antecipada daquilo que se deseja³¹. Dessa forma, reafirma sua certeza de estarem no caminho correto.

Ao ser solicitada sua opinião em relação ao fato de o número de trabalhadores da casa ter se reduzido nos últimos dois anos, a coordenadora geral, diz acreditar que, no início, muitas pessoas tenham sido atraídas e se empolgado com a novidade da casa. Declara também que outras participavam, também, em busca do *status* que entendiam alcançar trabalhando na sala de passes de uma casa que recebia tantos convidados. Além de outros, ainda, que – segundo ela – estavam ali “a passeio”. À medida, porém, em que a casa foi se estruturando e surgiu a necessidade de maior dedicação, muitos foram se desligando. Entre esses desistentes, estariam pessoas que não aceitaram as orientações do dirigente de que não bastava se apresentarem na casa apenas nos dias de palestra e atendimento ao público. Seria importante a presença nas reuniões de estudo, além do envolvimento com as demais atividades desenvolvidas, pois o êxito e a credibilidade do trabalho estariam associados e dependeriam desse comportamento disciplinado e comprometido dos integrantes da casa. Para se tornar um trabalhador da Fraternidade, seria necessário que a pessoa aceitasse a disciplina de estudo e demonstrasse disposição para o trabalho em grupo, contribuindo assim, para a harmonia do ambiente. Ressaltando que, de acordo com a entrevistada, o que se espera dessas pessoas não é uma fé e obediências cegas, afinal a casa pretende ser um espaço aberto aos questionamentos. Mas que tais questionamentos deveriam ocorrer de maneira saudável, através de críticas construtivas que visassem o crescimento da casa e não se pautassem em atitudes de desconfiança e dúvidas apenas.

O diretor da Fraternidade Cósmica Universal, durante uma entrevista, ao ser abordado sobre esse assunto, declarou entender como natural esse processo de expansão seguido de queda no número de membros da casa, por acreditar ser este um momento de acomodação, a partir do qual permaneceriam ali apenas os indivíduos que se identificassem com o projeto e acreditassem em sua possibilidade de execução.

Em entrevista com outro membro da Fraternidade³², este pondera que todo grupamento reúne pessoas dotadas de personalidade e atitudes diferentes e entende que quanto maior for o grupo, maiores serão as diferenças. Portanto, para haver o

³¹ Hebreus 11,1. *Bíblia Sagrada*. São Paulo, Editora Paulus, 1990.

³² Entrevistas realizadas nos dias 24 e 25 de janeiro de 2013.

desenvolvimento de qualquer projeto, a primeira exigência em relação aos membros seria de transparência e seriedade em relação às atitudes individuais que terminam por se refletirem em todo o grupo. Para ele, a saída de muitos membros foi ocasionada pela adoção de uma postura mais rígida, pelo diretor da casa, no sentido de preservar o ideal do grupo, evitando erros e falhas que pudessem comprometer a credibilidade do trabalho. Acrescenta ainda que o diretor procura conversar com todos os membros, em grupo ou individualmente, quando uma atitude gera desconforto entre eles, mas que nem sempre as pessoas aceitam as orientações, o que as leva a deixar a casa, movidas por sentimentos de mágoa e hostilidade. Podendo, inclusive, levá-las a tecer comentários negativos sobre a Fraternidade fora da casa.

Este trabalhador da casa, um lojista com comércio estabelecido no centro da cidade, narra ter sua formação religiosa se iniciado no catolicismo, tendo, inclusive, estudado em um seminário por vários anos. Ao chegar à idade adulta, porém, declara ter perdido a afinidade com essa religião e, por ter, segundo suas próprias palavras, “um pé atrás com os evangélicos” – postura hoje revista e resolvida a partir do exercício de abertura ao diálogo – se interessado pela doutrina kardecista, quando então passou a frequentar e trabalhar em alguns centros espíritas da cidade de Petrópolis. Após alguns anos, decidiu-se por formar um grupo de estudos que funcionava na garagem de sua residência. Durante essas reuniões, assistiam a filmes, documentários ou liam textos que forneciam temas para reflexões. Sérgio, o diretor da Fraternidade teria inclusive comparecido a uma dessas reuniões. Nessa época conheceu um monge indiano e a convite deste visitou a Índia, passando a dedicar-se à yoga e à meditação e, chegando inclusive, a se tornar presidente do Centro de Yoga de Petrópolis.

Seu primeiro contato com a Fraternidade Cósmica Universal, no ano de 2007, ocorreu por meio de um convite recebido de um ex-funcionário seu. Durante um tempo em que hospedou este amigo, conversando longamente sobre espiritualidade, ele mencionou o grupo e contou-lhe várias vezes sobre as palestras que assistia e sobre um episódio de tratamento e cura envolvendo uma de suas irmãs, comprovados, inclusive por meio de exames médicos. Esta era uma fase na qual havia se decidido a procurar com seus próprios pés um caminho, ou vários – por mais difícil que parecesse a tarefa – que, em seu entendimento, pudessem ajudar na sua busca espiritual. Sua identificação com o grupo teria então ocorrido, exatamente por perceber ser aquele um espaço onde pudesse prosseguir em sua procura sem ter, obrigatoriamente que fazer uma opção por um segmento religioso. Podendo, inclusive, ter a oportunidade de ouvir um palestrante, declaradamente ateu, abordando, a partir de sua experiência de vida, sem nenhum viés religioso, temas cotidianos ricos em exemplos de exercício de fraternidade e amor ao próximo.

Falando sobre como entende o processo de abertura ao conhecimento de outras formas de crença como parte da busca espiritual, ele diz

Quando você decide procurar seu caminho, com suas próprias pernas, você cai num vazio, uma coisa tão interessante, tão assustadora. E eu percebi que quando você tem uma crença, mesmo que ela tenha uma série de coisas que você não concorda – cheia de dogmas e mistérios que não explicam nada, mas que você tem que acreditar e aceitar – você tem aquela fé, e aquilo te satisfaz de alguma maneira, a sensação é de que você faz parte de uma estrutura qualquer. Quando você larga isso e diz: não quero nada disso! Eu quero buscar comigo mesmo! Eu quero me encontrar e encontrar esse Deus sem subterfúgios! No início eu levei um susto tão grande! A sensação era de que não ia sair do lugar. Aí eu consegui compreender como é difícil para as pessoas buscarem a verdade. Para buscar a verdade, você tem que abrir mão daquilo que acha que é a verdade.³³

Continuando sua fala sobre o mesmo assunto, ou seja, a busca pelo que dá sentido à vida, este trabalhador relata ainda, que aliado ao medo de romper com aquilo que anteriormente era significativo, as pessoas que passam por processos semelhantes, costumam enfrentar ainda a desconfiança e críticas veementes por parte da família, dos amigos e conhecidos. Principalmente se o processo envolver renúncia, desapego ou perda de bens materiais. Nesses casos, costumam ser interpretados como fanáticos e aconselhados, sendo até mesmo admoestados, a desistirem do que é considerado loucura. Segundo ele, ninguém consegue entender que o resultado seria o crescimento pessoal, pois esse progresso, o que se ganha, faz sentido apenas para o indivíduo que participa do processo.

Quando abordado a respeito das funções desempenhadas na Fraternidade Cósmica Universal, declarou ter realizado, e ainda participar, de tarefas em todos os setores, porém, atualmente encontra-se coordenando os trabalhos relacionados à cantina da sede, sendo, inclusive, o responsável pela elaboração e execução dos pratos servidos por ocasião dos jantares beneficentes promovidos pela casa. Este integrante da Fraternidade revela se sentir muito bem fazendo parte do grupo e principalmente satisfeito pelo trabalho na cantina, onde pode desenvolver suas habilidades culinárias em um ambiente de camaradagem com a equipe.

No tocante à coordenação do setor de assistência às famílias cadastradas na Fraternidade, a responsável por este segmento, esclarece que, atualmente, são 36 as famílias cadastradas para a cesta básica. Isto quer dizer que estas recebem mensalmente as cestas

³³ Entrevistas realizadas nos dias 24 e 25 de janeiro de 2013.

montadas pela Fraternidade por meio da doação de cada frequentador ou até mesmo de pessoas jurídicas. Afirma ainda que as famílias que conseguem se reestruturar costumam abdicar de sua condição de ajudados, deixando voluntariamente o cadastro e retomando sua autonomia.

Segundo as palavras de uma das integrantes desta equipe,

quando ocorre de recebermos mais doações em um mês ou outro, as cestas básicas extras são direcionadas a famílias que estão na fila de cadastro ou por indicação de trabalhadores da FCU, devido a uma urgência. Estas famílias extras recebem as cestas cientes de que a ajuda é eventual até que possam de uma forma ou de outra, fazer parte do cadastro fixo. Procuramos trabalhar com a perspectiva maior da assistência que ultrapassa a simples doação de alimentos ou qualquer outro bem material. Para isso, nos dividimos em grupos e vamos mensalmente reconhecer o ambiente domiciliar da cada família, partilhando de suas angústias e superações. Em paralelo a este acolhimento, entre nosso grupo de trabalhadores há médicos, psicólogos, dentistas, educadores, profissionais da saúde que se encarregam, com os seus devidos olhares, de indicar e aconselhar em suas mais diversas áreas. Nossos encontros mensais servem para isso, para procurarmos criar laços e apontarmos caminhos para a autonomia do ser humano. Tudo isso adicionado de uma palavra amiga e de uma leitura espiritual.³⁴

Outro trabalhador da casa, um barbeiro que trabalha há cerca de trinta anos, no centro da cidade de Petrópolis, é também considerado um dos pilares da Fraternidade Cósmica Universal, ele narra que seu primeiro contato com o grupo, em 2005, ocorreu quando procurava tratamento espiritual para o filho mais novo, na época com sete anos, devido a um diagnóstico de hiperatividade aliado ao fato de relatar ouvir vozes. A psicóloga que acompanhava o tratamento do garoto, trabalhadora da Fraternidade aconselhou a família a levá-lo a uma das reuniões da casa, quando seria recebido pelo diretor. Esta tarefa coube à mãe, visto que o pai trabalhava como médium em um centro espírita nos mesmos dias e horários da realização dos trabalhos na Fraternidade.

Segundo sua narrativa, em um dia em que deveria comparecer à sua reunião, amanheceu muito rouco e, uma vez que trabalhava recebendo entidades que aconselhavam pessoas em busca de orientação espiritual, decidiu, no fim do dia, ao perceber que não melhorara a voz e impossibilitado de realizar suas tarefas no centro espírita, a acompanhar a família e assistir à palestra na Fraternidade. Após a realização desta, o filho perguntou-lhe

³⁴ Entrevista realizada em 27 de maio de 2012.

porque não passava para aquela casa onde estava gostando muito de ir, ao que o pai respondeu já ter compromisso e responsabilidades em outra casa. Durante o atendimento para tratamento espiritual, foi convidado a entrar na sala de passes, ao passar pela cortina que fecha a entrada, o dirigente da casa, encontrando-se no meio da sala, voltou caminhando em sua direção e transmitiu-lhe o recado da entidade Doutor Fritz: “demorou para vir aqui, foi preciso mexer na sua garganta para que você viesse aqui. Preste atenção, feche os olhos e veja com a mente.” De acordo com as palavras do entrevistado, neste momento, ele teria passado a ver flores brancas e cristais que formavam arco-íris com a luz, além de perceber cheiro de rosas. Essa experiência serviu para que na mesma noite, na volta para sua residência, narrando o ocorrido à família, tenha se decidido a frequentar e trabalhar naquela casa, tão logo conseguisse deixar suas atividades na casa espírita onde trabalhava há quinze anos.

Para ele, conhecer a Fraternidade fazia parte de algum plano espiritual em sua vida, pois em sua primeira visita, identificou-se com a casa, sentindo-se muito bem e como se já conhecesse ou esperasse encontrar aquele lugar ou, ainda, como se estivesse à sua procura.

Reproduzindo suas palavras, em entrevista realizada no seu local de trabalho, após o encerramento do expediente,

quando a gente faz um pedido, um movimento da nossa alma em busca de algo, abriu a porta para eles (a espiritualidade), é o que eles precisam, quando a gente está aberto é fácil. Quando a gente fica distante é difícil. Você às vezes passa a vida toda num projeto inacabado. Tem umas coisas que você pensa: isso ainda não está do jeito que eu quero. Aí, no meio do caminho, você abandona a ideia primeira e parte para outra ideia. Descobre que essa ideia que surge a partir da primeira, abre um caminho novo dentro do seu caminhar. Eu encontrei isso na Fraternidade Cósmica Universal.³⁵

Segundo seu relato, o que mais o impressionou, inicialmente na casa, foi o trabalho com a medicina espiritual, pois sempre teve o desejo de ser médico e curar pessoas, mas devido a dificuldades financeiras e pessoais, não conseguiu cursar uma faculdade, fato que não o impediu de ser um estudioso da medicina homeopática. Declara ainda ser possuidor de vários livros relacionados à fitoterapia e à medicina chinesa, os quais vêm estudando com dedicação e de forma autodidata nos últimos trinta anos. Dessa maneira, sua identificação com a casa ocorreu também pela possibilidade de poder auxiliar as pessoas nos processos de atendimento médico espiritual ali realizado.

³⁵ Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2013.

Durante sua adaptação ao trabalho na Fraternidade, por um período aproximado de três meses, foi se desligando de seu compromisso com o centro espírita onde trabalhava anteriormente e conhecendo melhor o funcionamento da nova casa. Nessa época, segundo suas palavras, passou a lembrar-se de sonhos que já tivera com aquele lugar, de maneira que parecia a ele, já conhecer o espaço e as atividades ali desenvolvidas. A partir de sua adesão em definitivo, foi aos poucos sendo designado para tarefas diversas em todos os setores da casa, às quais se adaptou com facilidade e passou a assumir responsabilidades maiores estando, atualmente na função de coordenador da tesouraria.

Quanto à prática do diálogo inter-religioso, este trabalhador declara achar um trabalho muito interessante e diz:

Na verdade eu sempre fui universalista. Eu nunca fui ligado a um tipo de crença ou fé única. Sempre achei um desperdício. É como não falar outra língua. Por exemplo, quando eu atendo alguma pessoa estrangeira aqui (referindo-se ao ambiente de trabalho profissional) e eu não sei falar sua língua. Perdi a oportunidade de conhecer outra cultura, outro universo. Estive a frente de um manancial de informações e riquezas e não aprendi. Quando conheci o trabalho da Fraternidade, foi como se uma semente que já estava em mim, de respeito e curiosidade pelo outro, pudesse germinar. Pois sempre gostei muito de ler sobre as religiões, sobre as quais tenho vários livros.³⁶

Continuando a expressar sua opinião a respeito do diálogo, volta a ressaltar a importância das reuniões promovidas na Fraternidade Cósmica Universal por entender serem, estas ocasiões, ricas de aprendizado sobre as diferentes formas de crença e demonstração de fé. Aproveita também para esclarecer que entende o universalismo como algo completamente diferente do ecumenismo, sem desmerecer a importância deste, mas percebendo que este último, serviria para reunir – em um mesmo espaço, por um curto intervalo de tempo – pessoas com concepções diferentes, mas dentro de barreiras que não permitem que ocorra, de fato, uma troca de experiências e opiniões entre elas. Este trabalhador diz ainda sentir-se privilegiado por ter a possibilidade concreta de conhecer representantes de religiões das quais, em sua realidade, só seria possível obter notícias. Além de adquirir tantos conhecimentos provenientes das palestras proferidas pelos visitantes da Fraternidade Cósmica Universal.

Quanto à manutenção dessa dinâmica de diálogo e da continuidade dos projetos da casa, o entrevistado afirma que “quando se acredita, se confia, começamos a perceber que o

³⁶ Entrevistas realizadas em 24 e 25 de janeiro de 2013.

que se pretende já estava ali”, ou seja, que tudo é passível de ser realizado desde que haja por parte de quem se propõe a fazer algo novo, confiança, dedicação e trabalho. Ele acredita que a Fraternidade Cósmica Universal, uma vez criada não deixará mais de existir, mesmo que por algum motivo, em algum tempo, não esteja em atividade, ainda assim, continuará existindo, por não ser apenas um espaço físico e já estar semeada nos corações de todos que passaram por lá, vindos, inclusive, de todas as partes do mundo. Segundo suas palavras, ele entende que aquele espaço faz parte de um projeto maior, universal mesmo. Afirma, ainda, ter plena confiança na sinceridade de propósitos do idealizador da casa, por conhecê-lo há mais de vinte anos e também, já ter tido mostras de sua seriedade no tocante ao trabalho desenvolvido através de suas faculdades mediúnicas.

Analisando-se a narrativa das trajetórias destas pessoas, pode-se fazer a identificação de grupos de peregrinos religiosos, em sua busca por uma religiosidade universal, e compreender que, para elas, esse ideal estaria acima de instituições e doutrinas. A partir de seus relatos é possível perceber também que o fato de se sentirem atraídos pelo caráter universalista da Fraternidade Cósmica Universal – após uma jornada por diversas tradições religiosas – não os impedem de pensarem de maneiras diferentes este universalismo.

Há entre os membros da Fraternidade, aqueles que movidos pela curiosidade passaram a frequentar a casa e percebem-na como um espaço destinado à convivência, estudo e conhecimento dos diversos segmentos religiosos, sem que essa interação leve à perda de identidades. Outros integrantes chegaram ao grupo, atraídos pela possibilidade de trabalho com a cura espiritual, ou a assistência social, destinadas aos frequentadores independente de sua origem, religiosa. O que entendem como sendo um exercício de fraternidade universal. Outros ainda concebem a comunhão entre as religiões como um dos estágios iniciais de um longo processo que culminará com a unificação dos segmentos religiosos.

A partir das observações e informações relatadas neste subitem, pode-se perceber que os membros efetivos da Fraternidade, nomeados aqui como pilares, são pessoas que trilhando diferentes caminhos e possuidores de históricos de busca por significados, por orientação, por tratamento espiritual ou mesmo curiosidade, chegaram até ali, acreditaram nos objetivos e na proposta de abertura da casa e foram se envolvendo na dinâmica dos trabalhos. São essas as pessoas que atualmente exercem funções de coordenação dentro do grupo e se mostram determinadas a manterem as suas atividades, ao menos enquanto estas fornecerem um sentido que permita a identificação desses indivíduos com aquele espaço.

3.2 Palestrantes e visitantes: atores do diálogo inter-religioso.

O tópico que ora se inicia foi elaborado a partir de entrevistas e conversas informais com palestrantes e visitantes da Fraternidade Cósmica Universal, além de informações obtidas junto à atual coordenadora do setor responsável pela realização dos encontros, denominados por palestras, quando tem lugar, principalmente, as apresentações e debates sobre temas relacionados às diversas tradições religiosas. A execução deste trabalho, mesmo estando diretamente sob a responsabilidade de uma pessoa, conta com a colaboração de praticamente todos os frequentadores da casa, pois não raras vezes o palestrante é apresentado ou mencionado por pessoas que assistem a esses encontros, não sendo necessariamente um dos membros efetivos ou visitantes assíduos. Após o primeiro contato – que pode partir da Fraternidade ou do palestrante – normalmente, o assunto é discutido em uma das reuniões internas do grupo antes do convite formal e agendamento da data para a palestra.

Durante entrevista com a atual responsável pela organização desses encontros – uma jornalista e professora de nível superior – ela narra sua formação religiosa, sua relação com o grupo e com a prática do diálogo inter-religioso,

Meu primeiro contato com a FCU se deu por meio de um amigo, também jornalista, o qual me falava deste espaço, ainda muito pequenino, mas um local sincero de busca espiritual. Resolvi ir com uma amiga e gostamos do ambiente acolhedor e das leituras realizadas. Inicialmente, não havia atendimento médico espiritual, não conhecíamos como isso se dava. Aos poucos é que este trabalho foi sendo delineado, com a ajuda espiritual. Descobri minha mediunidade e uma forma sincera de ajudar pessoas em sofrimento (emocional físico e espiritual). Venho de uma base de educação católica fortíssima. Meus pais sempre estiveram junto a grupos católicos como o Serra Clube, de ajuda às vocações sacerdotais, e os célebres encontros de casais com Cristo. Mas minha aproximação com algo além do que a base católica me proporcionou - e que me foi muito importante pela questão de valores - foi uma necessidade extrema de conhecimento do mundo das religiões, de como se dava essa busca em outros contextos. Comecei frequentando um pequeno grupo de Umbanda, onde iniciei meus estudos de livros com bases espíritas. Fiquei dois anos neste local antes de encontrar a Fraternidade Cósmica. Esta me encantou pela seriedade e pela liberdade no estudo. Em paralelo aos estudos da Fraternidade, também me inscrevi nos cursos de Educação Espírita da União Municipal Espírita de Petrópolis. São estudos sistemáticos da doutrina de Alan Kardec e permaneci realizando estes estudos durante dois anos, aos sábados e frequentando ainda a Fraternidade durante a semana... não sei como consegui tempo.. mas , enfim... Atualmente, leio por conta própria, pois fiquei sem tempo de um estudo sistematizado, mas tenho vontade e quando puder farei uma pós-graduação ou frequentarei os cursos de Teologia do Instituto Franciscano de Petrópolis. Minha relação com o grupo é total, desde todos os serviços que me são

solicitados, seja de ajuda espiritual ou material, além da coordenação, há três anos, das palestras que lá são realizadas. Somos poucos, e gostaria de um grupo, para que a decisão de convite a um determinado palestrante fosse feita em conjunto. Às vezes, levo alguns nomes para as reuniões de quinta-feira, solicitando ajuda na escolha acertada de palestras. No entanto, nem sempre é possível levar a confirmação destes nomes, então tenho que decidir sozinha durante a semana e peço ajuda aos amigos espirituais para que seja feita a melhor escolha, dentro da necessidade do público e dos trabalhadores da Casa. Penso que o diálogo inter religioso é uma necessidade atual deste mundo, mas parto do princípio de que a maior religião é a do amor universal. Se sentes amor pelo teu próximo, pela natureza, pelas coisas Deus, estás praticando o teu “religare” com Deus. Imagino que a evolução humana, em algum momento de nossa história, nos mostre claramente que todos os caminhos religiosos nos levam a essa força maior. A religião, portanto, é um meio e não um fim em si mesma. E trocar ideias e dialogar faz parte desse meio.³⁷

Por ocasião de uma conversa mais longa com esta trabalhadora da casa, ao ser perguntada sobre a possibilidade de alguma palestra desviar-se do objetivo de estudo, conhecimento e debate proposto pela casa, a entrevistada esclareceu que, nas poucas ocorrências de tal natureza, o palestrante foi ouvido até o final, como convém a um convidado, dentro do propósito de respeito à liberdade de expressão das diferentes formas de crença. Dessa maneira, a harmonia e equilíbrio do ambiente foram preservadas. Mas ressalta que, ainda assim, os questionamentos e dúvidas da plateia, sobre o tema ou ponto de vista abordados, foram colocados em debate após a palestra ou em reuniões posteriores.

Em continuidade aos seus esclarecimentos sobre os palestrantes, enumera e tece comentários sobre alguns visitantes – constantes da lista reproduzida a seguir – representantes de várias religiões, ou estudiosos de outras áreas, que segundo suas palavras, “estiveram na Fraternidade em algum momento e que foram muito importantes para a composição de nossa história”.

- Swami Nirmalatmananda - Conhecido carinhosamente na Índia como Krishnamurthy Maharaj, Swami Nirmalatmananda, 62 anos, recebeu sua iniciação ou mantra diksha de Swami Vireswaranandaji Maharaj, discípulo da Santa Mãe, Sri Sarada Devi (1853-1920), e 10º Presidente da Ordem Ramakrishna.
- Mayapur Chandra - é um querido amigo da Fraternidade, onde vem palestrando sobre diversos temas espirituais. Nutricionista e Devoto Hare Krishna há mais de 15 anos, vem apresentando seu mestre Srila Prabhupada Swami, que fundou a ISKCON – Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna, e o Bagavaghita - Livro sagrado dos Hindus - ao Ocidente.
- Chandramukha Swami - é coordenador da ISKCON São Paulo e do Ashram

³⁷ Entrevista realizada em 27 de maio de 2012.

Vrajabhumi em Teresópolis-RJ, uma comunidade voltada para a disseminação da cultura e filosofia védica. Sede da Escola Vedanta Vaishnava Yoga onde são ministrados cursos regulares de formação de Instrutores de Hatha-yoga com vivências e práticas de Bhakti-Yoga.

– Dharmanidhi Sarasvati - Iniciou o estudo e a prática da tradição de yoga em 1969 com 7 anos de idade. Na Fraternidade Cósmica Universal promoveu a arte sagrada das Cerimônias Tantricas do Fogo, um dos rituais mais importantes de qualquer comunidade tântrica.

– Bakti Dhira Damodara Swami - nasceu na Nigéria e foi iniciado em 1983, na linha vaishnava. Muito versado nas Escrituras Védicas, tem servido à missão de espalhar os santos nomes do senhor ao redor do mundo e principalmente no leste africano.

– Monge Hakuan - Antônio Carlos da Rocha é sacerdote de uma das linhagens Nichiren. Budista, com mais de 40 anos de estudos, pesquisas e práticas neste segmento.

– Paravioma Dasa - é um dos iniciadores do movimento Hare Krishna no Brasil. Também atua como tradutor de livros védicos e biografias, como a de Prabhupada. Além de palestrante experiente, é Ayurvédico e professor de yoga.

– Mestre Reikiano Jason Thompson – em sua visita abordou o tema a “Alma da Família” cujo conteúdo remete a Constelações familiares. Jason Thompson é psicólogo norte-americano formado em San Diego, Califórnia, pratica Reiki há vinte e quatro anos e é mestre desde 1989.

– Professor Douglas Carrara, - escritor, antropólogo e professor, atuante na Fiocruz, com uma linha de pesquisa que vai da botânica à medicina popular e xamânica.

– Dr. Francisco Di Biase - neurocirurgião, neurocientista, pesquisador da consciência e escritor. É o Único Grand PhD. da América do Sul, título concedido pela Academie Europeenne D’Informatization e World Information Distributed University da Bélgica. Primeiro brasileiro laureado com a Medalha de Ciência e Paz Albert Schweitzer, Professor Honorário da Albert Schweitzer International University da Suíça e terapeuta do Colégio Internacional dos Terapeutas. Membro da New York Academy of Sciences.³⁸

A coordenadora dos encontros inter-religiosos promovidos pela Fraternidade, lembra ainda, visitas ocorridas em várias ocasiões de representantes de tribos indígenas brasileiras e norte-americanas trazidos por amigos, estudiosos e antropólogos, que muito contribuíram para o sucesso de tais reuniões. Cita também, a presença constante da monja budista Tenzin Nandrol, que sempre que pode, comparece à Fraternidade, e as palestras individuais memoráveis – segundo suas palavras – de Frei Betto e Leonardo Boff.

A partir de conversas mantidas com alguns dos palestrantes convidados, por ocasião de suas visitas à Fraternidade ou em momentos posteriores, foi possível obter informações a

³⁸ Lista de alguns convidados, considerados pelo grupo como parceiros na construção do diálogo inter-religioso, que se apresentaram na Fraternidade Cósmica Universal nos últimos anos. Lista elaborada e enviada por mensagem eletrônica pela coordenadora de palestras Luciana Bassous e recebida em 28/01/2013.

respeito de como conheceram a casa e qual sua impressão sobre os encontros ali realizados. Algumas dessas impressões passarão a ser apresentadas a seguir.

Frei Volney Berkenbrock, estudioso das religiões, também considerado pelo diretor e pelos membros da Fraternidade Cósmica Universal como um dos importantes parceiros na construção do diálogo inter-religioso, narra que seu primeiro contato com o grupo, ocorreu a partir de um telefonema recebido de alguém que estivera presente a uma missa celebrada por ele, na qual havia feito menção às várias tradições religiosas. Neste contato recebeu e aceitou um convite para conhecer a casa e proferir uma palestra para um público predominantemente constituído por pessoas com curso superior. Nesta apresentação o tema escolhido foi conceito de religião. O palestrante comenta ter se surpreendido, ao chegar ao local, levado por um conhecido, com o elevado número de veículos estacionados próximo à sede da Fraternidade e também com a numerosa plateia reunida no salão, pois pensava tratar-se de um grupo menor de estudos sobre religião. A partir desse encontro, esteve presente em outros momentos, como, por exemplo, quando convidado a participar da cerimônia de inauguração da igreja de Francisco e Clara e também por ocasião da realização de uma cerimônia denominada, pelos membros da Fraternidade, como Missa Universalista, ambas no ashram Vale do Amor.



Figura 37: imagem da inauguração da igreja de Francisco e Clara no Vale do Amor (site)



Figura 38: imagem da celebração universalista no Vale do Amor (site).

Em agosto de 2012 proferiu uma das palestras realizadas durante as comemorações do nono aniversário da casa. Para ele, o grupo revelou-se muito interessante devido, exatamente, à possibilidade de encontro com a diversidade. Nesta ocasião também havia um grande número de pessoas na plateia, que se mantiveram atentas e interessadas, inclusive, em prolongar o tempo destinado à fala do palestrante, o que foi gentilmente recusado por este por ter conhecimento de que havia pessoas aguardando pelo tratamento espiritual que se inicia após o término da palestra.



Figura 39: imagem do momento da palestra proferida por Frei Volney Berkenbrock (A. P. Ligeiro).



Figura 40: imagem do momento da palestra proferida por Frei Volney Berkenbrock (A. P. Ligeiro).

Paulo Klingelhofer de Sá, médico homeopata, relata que conheceu a Fraternidade Cósmica Universal, a procura de tratamento para uma hérnia de disco, a partir da sugestão de uma cunhada que conhecia o trabalho de tratamento realizado na casa. Após esse contato, participou de várias atividades desenvolvidas pelo grupo. Atualmente, no entanto, encontra-se afastado, comparecendo apenas quando solicitado para ministrar palestras, cerca de duas vezes por ano. Como, por exemplo, em outubro de 2012, quando abordou o tema eco-espiritualidade, interagindo com a plateia através de questionamentos sobre o desequilíbrio ambiental provocado pelas ações humanas, individuais ou coletivas, e seu reflexo no cotidiano.

Quanto ao processo de diálogo inter religioso, este colaborador da casa, emitiu sua opinião dizendo acreditar ser sua prática

crucial para um processo mais uno entre nós e o universo. Mas, diálogo inter religioso não é colcha de retalho de sistemas religiosos, mas a compreensão da profundidade espiritual que cada uma das compreensões religiosas possibilita. Caso contrário, vira jornalismo religioso, com desfile de crenças, moralismos e formalismos.³⁹

Segundo Paulo, as pessoas deveriam deixar de cercarem-se apenas de outras que falem somente a sua língua, “é necessário fazer a interface entre os diferentes mundos, mesmo que para realizar esse processo, elas precisem de tradutores, de outro que lhe apresente uma nova concepção, uma nova visão”, aventurando-se por outros mundos. Paulo, afirma ainda, usar, sempre que possível, os ensinamentos obtidos através de seus estudos sobre as religiões – trabalhando conceitos religiosos e espirituais sem o uso de uma terminologia que identifique sua origem – também durante as aulas ministradas aos seus alunos de medicina, preparando-os para uma visão mais ampla, no sentido de entender, por exemplo, que a doença não teria apenas aspectos negativos, como considerado pela cultura ocidental, ela poderia entendida como um sinal de alerta para que a pessoa mude seu modo de vida. Ele entende que todo conhecimento adquirido deve ser trazido para o cotidiano, pois caso contrário tornar-se-ia vazio.

Marisa Segreto e Marco Antônio Franco do Nascimento estiveram na Fraternidade, pela primeira vez em vinte e quatro de abril de 2012, para ministrarem uma palestra sobre a Cura Prânica, nesta oportunidade, antes do início da apresentação conversaram, por aproximadamente trinta minutos, sobre seu trabalho e sobre como chegaram à Fraternidade, por intermédio de um familiar de Marisa que frequentava a casa. Durante sua fala, esclareceram que seu trabalho envolve, basicamente, a limpeza dos chacras e o equilíbrio energético, sendo aplicado, normalmente, como um processo complementar, em pessoas que se encontram sob tratamento médico. O espaço onde trabalham, localizado na Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, oferece cursos e atendimento particular a um grande número de pessoas interessadas em receber e também conhecer esse processo de tratamento, além de realizar assistência social junto a crianças carentes. Segundo suas informações, lá também seria um local de reunião de pessoas de vários segmentos religiosos além de

³⁹ Entrevista realizada em 09 de outubro de 2012.

pesquisadores e profissionais da área de saúde em busca de conhecimento e explicações, principalmente sobre temas relacionados aos conflitos emocionais que podem levar ao desequilíbrio da saúde e a questionamentos envolvendo a busca de sentido.

Marco relatou ter se impressionado com o campo energético percebido por ele ao entrar na sede da Fraternidade, além de declarar-se agradavelmente surpreendido por conhecer um espaço onde aliado ao trabalho de tratamento dos males espirituais e físicos, o visitante teria ainda a possibilidade de meditar no templo localizado no segundo andar da casa, antes de assistir às palestras. Sobre o objetivo desses encontros, revelou considerá-los como grandes oportunidades para mudanças nas relações entre as religiões, exatamente por permitirem uma aproximação entre segmentos cristalizados na defesa de suas barreiras e fronteiras.

Marisa afirma que – após vários anos dedicados ao trabalho com a Cura Prânica e tendo a oportunidade de conviver com um grande número de pessoas em sua tarefa de organização e planejamento de vários cursos – é possível perceber, atualmente, em muitos indivíduos uma nova disposição, uma maior abertura, eles parecem sentir-se mais à vontade para buscar e conhecer outros caminhos em relação a suas crenças religiosas. Segundo suas próprias palavras,

eu acho que tudo o que você faz com amor está dentro de uma religião. Quando eu cheguei aqui, senti que é um lugar muito gostoso, fui muito bem recebida, com uma energia muito boa. Quando a gente está trabalhando há tanto tempo com energia, dez anos, sente quando ela é boa. E a energia aqui não tem nem o que falar, é maravilhosa. O trabalho aqui é lindo. Pessoas de todos os lugares e religiões, que vem até aqui e acabam encontrando pontos comuns. É eu acho que hoje em dia a gente tem que estar mais aberto, não? Que na verdade, essa coisa de falar que minha técnica ou minha religião... É como o Dalai Lama falou o melhor lugar é aquele onde você se sente bem. Uma vez perguntaram para ele: - qual a melhor religião que existe? E ele falou que é aquela onde você se identifica. Eu gostei muito, me identifiquei muito com este lugar, a gente chegou aqui e foi fazer meditação num lugar realmente mágico acho que eu vim para a palestra, mas devo voltar muitas vezes. O trabalho aqui é muito interessante e diferente.⁴⁰

Giovane Quadrelli, pesquisador da área de Física Quântica, em sua primeira visita à sede da Fraternidade em agosto de 2012, para realização de um seminário sobre Espiritualidade Quântica, declarou ter conhecido o grupo a partir de informações obtidas pela internet, após observar o grande movimento de pessoas ao passar, algumas vezes, pelo

⁴⁰Entrevista realizada em 24 de abril de 2012.

endereço. Ao descobrir tratar-se de um espaço aberto para o diálogo entre ciência e religião, demonstrou interesse em participar de um desses encontros de estudo. De acordo com suas palavras, “todos os pressupostos que vem da Teoria Quântica, levam a um questionamento filosófico espiritual”. Para ele, mesmo vivendo num paradigma científico materialista, o comum aos seres humanos é um contínuo questionar a respeito de sua origem, missão e destino, mas que muitas vezes esse desejo parece calado por certo temor em deixar a zona de conforto mantida pelas verdades que o indivíduo possui. Dessa maneira, essa busca por novas explicações poderia gerar conflitos internos. Segundo suas palavras, “até onde vou me permitir questionar por que estamos aqui? Quem sou eu? E quando você resolve se questionar – e essa é uma decisão importante – o passo seguinte é esvaziar-se dos conceitos enraizados na nossa percepção de vida”. Ao falar sobre o trabalho desenvolvido na Fraternidade, o visitante afirmou que o fato de tantas pessoas se reunirem, semanalmente, naquele salão para ouvirem palestras sobre as diferentes tradições religiosas ou temas do cotidiano, revelava que elas já se encontravam em um estágio no qual se permitiam abrir espaço para novos conhecimentos.



Figura 41: imagem do momento da palestra proferida por Giovane Quadrelli (A. P. Ligeiro)



Figura 42: imagem do momento da palestra proferida por Giovane Quadrelli (A. P. Ligeiro)

Parceiro da casa no projeto do ashram Vale do Amor, o indiano Kirit Dave, costuma visitar a Fraternidade sempre que vem ao Brasil. Convidado a apresentar-se durante as

comemorações de aniversário do grupo em agosto de 2012, respondeu a algumas perguntas, durante aproximadamente 15 minutos, logo após o término de sua palestra e antes de dirigir-se à sala de passes onde permaneceu acompanhando o atendimento espiritual realizado pelo diretor e seus médiuns assistentes. Em seu entendimento, o projeto desenvolvido na Fraternidade Cósmica Universal é uma semente, como outras pelo mundo, que irão preparar as pessoas para uma maior aproximação.

Ao ser perguntado sobre sua visão a respeito do diálogo inter-religioso de maneira geral, o entrevistado afirmou “ainda estamos muito distantes do diálogo, mas já existem muitas forças atuando nesse sentido e chegará o momento em que ele precisará ocorrer, mesmo que não estejamos prontos”, e acrescenta que a aproximação entre as religiões acontecerá de qualquer forma e que esta, provavelmente, não será feita por líderes políticos ou religiosos, mas sim, pela base, pelas pessoas que demonstrarem capacidade de abertura para conhecer o outro. Em sua opinião, a prática da meditação seria uma das formas eficientes de criar uma base para esse processo.



Figura 43: imagem do momento da palestra proferida por Kirit Dave (arquivo pessoal)



Figura 44: imagem do momento da palestra proferida por Kirit Dave (arquivo pessoal)

Kirit Dave declara acreditar que em algum momento no futuro vá ocorrer, não apenas um diálogo entre as religiões, mas sim uma unificação. Ao ser questionado sobre o que seria essa unificação, respondeu que

cada um aceitar a crença um do outro é uma coisa, mas pode acontecer de aceitar, mas não respeitar sua opção. Por exemplo, o Islã, nós dizemos que aceitamos o Islã, mas em nossas mentes e nossos corações, nós achamos que somos melhores que eles. O que estamos fazendo? Estamos agindo como se estivéssemos nos unificando, mas não estamos. Essa é apenas uma capa externa, não há uma unificação interna. Unificação seria entendermos que cada um de nós, e todos, são um único espírito. Quando isso acontecer, não haverá unificação das religiões porque não haverá mais religiões, será tudo uma coisa só. Quando as pessoas conseguirem sentir umas às outras com o coração, sofrer o que você está sofrendo, então não haverá mais nenhuma barreira. Esse tipo de entendimento, esse amor, é o início de uma unificação. Porque, na verdade, as religiões são apenas coisas externas, não tem valor verdadeiro. Tudo bem se você pertence a uma ou outra religião, ou se não pertence a nenhuma. Você pode morrer e renascer budista ou cristão. Todas essas confusões sobre as religiões nos assemelham a crianças brincando. A verdade está no coração, quando você tiver sede de Deus, vontade de Deus, você vai entender essa verdade.⁴¹

Como última fala, encerrando a entrevista, o visitante da Fraternidade declara haver muitos grandes mestres espirituais, em vários lugares, como no Himalaia, por exemplo, dos quais nunca se ouviu falar, que pretendem essa unificação. Cabendo, à humanidade, como um todo, cultivar e exercitar o amor e a tolerância uns com os outros. Ressalta ainda que identifica a casa como um lugar que, através de muitos esforços, oferece grandiosas perspectivas de reunir e combinar as pessoas dentro de um ideal de fraternidade.

Prosseguindo com o objetivo, proposto para este capítulo, de apresentar uma visão do grupo Fraternidade Cósmica Universal, a partir da reprodução da fala de alguns de seus membros e visitantes, no próximo subitem pretende-se realizar uma análise – mediada pelos conceitos dos autores citados no primeiro capítulo – das impressões desses indivíduos, da interação de tantos e diferentes históricos pessoais e do propósito que os reúne, no que se refere à promoção do diálogo entre as diversas tradições religiosas.

Em geral, observa-se que a plateia formada para assistir às palestras, constitui-se, basicamente pelos membros da casa, por pessoas em tratamento espiritual e por indivíduos que visitam a Fraternidade para participarem da dinâmica dos encontros inter-religiosos. Em relação aos visitantes – considerados aqui como os frequentadores esporádicos ou não, que não fazem parte do grupo de trabalhadores ou colaboradores da casa – é possível observar que

⁴¹ Entrevista realizada em 31 de julho de 2012.

essas pessoas formam um grupo heterogêneo e flutuante. Isso quer dizer, que comparecem às reuniões quando nestas são abordados temas de seu interesse ou em relação aos quais sentem curiosidade. Não há por parte dessas pessoas um engajamento no trabalho do grupo, nem uma intenção de adesão formal.

Neste segmento, poder-se-ia identificar pessoas que estariam de passagem pela Fraternidade Cósmica Universal. Para essa identificação pode-se tomar como exemplo, a afirmação de uma senhora⁴² – presente ao jantar beneficente em comemoração aos nove anos de funcionamento da casa – que declara sentir-se “bastante satisfeita com minhas visitas a diversos grupos de estudos religiosos e também não religiosos, sem ter que estabelecer algum tipo de compromisso”. Segundo suas palavras, tal postura permite-lhe maior liberdade para conhecer diferentes tipos de pessoas e seus pensamentos.

Também poderiam ser considerados como visitantes, as pessoas que vão até a Fraternidade Cósmica Universal acompanhando os palestrantes. São pessoas de suas relações, tais como familiares, amigos, alunos ou colegas de trabalho, que podem, inclusive, visitarem a casa uma única vez.

Essa ausência de continuidade que poderia dar a impressão de vazio parece, no entanto, revelar serem estes os participantes ativos do diálogo, pois durante a realização das palestras e debates, encontram-se reunidas pessoas oriundas de ambientes diversos com o propósito de interagirem. Dessa maneira, a diversidade na formação do público presente aos encontros, refletiria o objetivo da casa de abertura e acolhimento à alteridade.

3.3 A Fraternidade Cósmica Universal e a busca por uma identidade.

A Fraternidade Cósmica Universal apresenta-se, aos seus visitantes, como um espaço onde se pretende que a experiência religiosa e a forma de expressão da fé de cada um sejam respeitadas como algo que pode ser compartilhado, narrado ou apresentado ao outro, ao invés de ser atacado ou desacreditado por ser diferente. As palestras, pelo que foi possível observar, realmente se constituem em ocasiões que permitem a reflexão sobre as diferentes maneiras de percepção do que se considera como transcendente. Nesses momentos, as abordagens realizadas, quer sejam feitas sob o ponto de vista de alguma ciência, religioso ou experiencial, trazem a oportunidade de conhecimento da perspectiva do outro sobre o que é considerado

⁴² Declaração feita em 18 de agosto de 2012.

como pertencente à esfera do sagrado, além de abrir também espaço para tratar de temas atuais que direta ou indiretamente estejam relacionados com o sentimento de religiosidade das pessoas.

Alguns dos trabalhadores da casa são indivíduos que se caracterizam por apresentarem um histórico – narrado por eles mesmos durante conversas que ocorreram por ocasião do trabalho de campo – de passagem por diversos segmentos religiosos. Tais pessoas poderiam aqui ser denominadas como peregrinos em busca de novas experiências religiosas, numa alusão aos conceitos de Danièle Hervieu-Léger apresentados no primeiro capítulo deste texto, pois para a autora a figura do peregrino, apesar de presente nas tradições religiosas, surge a partir do percurso espiritual individual e da associação temporária, ou seja, da fluidez dos conteúdos de crença e da incerteza das pertenças comunitárias. Considerando-se ainda que essa peregrinação resulte de um contexto do fenômeno de pluralismo religioso que seria acentuado pelo processo de globalização

Há também, entre os integrantes da Fraternidade Cósmica Universal, aqueles que estão à procura de um espaço onde possam participar de estudos e discussões que não tenham por objetivo a sua conversão ou o abandono da forma de expressão de sua crença particular. Novamente aqui se pode identificar outra figura importante dos processos de formação das identidades religiosas em um contexto de mobilidade, o convertido, "aquele que muda de religião, abraça voluntariamente uma religião ou (re)descobre sua religião de origem", entendido por Danièle Hervieu-Léger, como "o fio condutor para uma descrição da paisagem móvel de nossa modernidade religiosa" (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 108) . Pessoas estas, que mantém sua identidade religiosa, mesmo depois de ter tido contato com crenças e formas de expressão da fé diversas da sua.

No entendimento de Peter Berger, atualmente,

a pertença a esta ou àquela Igreja já não é auto-evidente, mas resultado de uma escolha consciente. Mesmo aqueles que decidem permanecer com a confissão religiosa de seus pais estão fazendo semelhante escolha: poderiam ter mudado de confissão ou de pertença religiosa, ou ainda ter saído simplesmente da Igreja (BERGER E LUCKMANN, 2004, p. 61).

Outros dos integrantes do grupo, porém, se declaram desencantados com sua religião de origem, e seus dogmas, e insatisfeitos com o que julgam lacunas nas respostas aos seus anseios espirituais. Na fala destes indivíduos, como por exemplo, quando se ouve de um dos

colaboradores, já idoso e frequentador assíduo da casa nos últimos três anos, “mesmo após passar por algumas tradições religiosas e participar de muitos cultos e celebrações eu continuava sentindo um vazio” pode-se fazer uma identificação da opinião de Peter Berger ao afirmar que o indivíduo permanecerá fiel às suas convicções e crenças enquanto elas forem capazes de manter seu mundo de sentido plausível, ou seja, enquanto existir conversação entre este e interlocutores significativos. Para ele, cessada a plausibilidade, o conhecimento auto-evidente, o indivíduo tende a buscar novos caminhos que possam dotar sua vida de significado. Dessa maneira, a permanência de alguns membros durante vários anos junto à Fraternidade poderia ser explicada considerando-se que as respostas, para seus questionamentos íntimos, possam ter diferentes origens, ou seja, que ainda não as tenham encontrado em apenas um segmento religioso e, por isso, continuem sua busca através do contato com as diferentes abordagens sobre temas religiosos ou cotidianos, propiciados pelos encontros, chamados aqui de palestras, ali realizados. Portanto, essa permanência na casa não significaria o fim da procura por significados, apenas uma modificação na forma como ela ocorre, deixando de ser uma peregrinação por templos e passando a uma busca de sentido através do encontro e conhecimento das diversas tradições religiosas, possíveis, naquele espaço.

Tomando como argumento para análise do grupo a colocação de Leila Amaral ao abordar os efeitos do processo de globalização sobre as religiões,

as relações entre religião e as circunstâncias globais atuais têm provocado, contudo, duas tendências antitéticas: assiste-se tanto a um fechamento religioso, ao lado de diálogo inter-religioso, como a um fechamento de comunidades religiosas nacionais, ao lado da universalização das religiões. Se, por um lado, o processo de globalização tem provocado uma reação defensiva e fundamentalista de reafirmação e absolutização de identidades locais, nacionais e religiosas, por outro lado, vem abrindo um campo de relativismos de diversas ordens, bem como para emergência de questões éticas, espirituais e religiosas sobre a natureza da humanidade (AMARAL, 2000, p.32).

Poder-se-ia identificar na Fraternidade Cósmica Universal características que aproximam o grupo de um campo aberto à universalização das religiões e o distanciam de uma posição fundamentalista com fronteiras rigidamente demarcadas entre os segmentos religiosos. Analisando as falas de seus membros e a dinâmica do trabalho desenvolvido na Fraternidade Cósmica Universal, a casa poderia ser identificada também como um espaço que

se apresenta como produto da modernidade religiosa, considerando-se, como afirmado anteriormente por Berger que esta tenha facilitado e acelerado a interação dos múltiplos modos de pensar e viver, relativizando os sistemas de valores e interpretações. Dessa forma, a convivência com a pluralidade e diversidade religiosa, proporcionada pelos encontros entre o público e os representantes religiosos, durante a realização das palestras, permite que as pessoas conheçam novas maneiras de expressão da fé sem que se sintam obrigadas a uma escolha ou conversão. Não há uma estrutura que configure uma continuidade rígida entre os eventos. Mesmo que as palestras sejam realizadas com datas e horários marcados, obedecendo a uma programação previamente divulgada, ainda assim, a participação em algum dos encontros, e até mesmo a realização de tratamento espiritual pelo visitante, não está vinculada a nenhum tipo de obrigatoriedade de presença em outras atividades. Aqui poder-se-ia anotar, também, um elemento de identificação com um dos aspectos do fenômeno Nova Era, apresentado por Leila Amaral, como pluralismo interno.

Segundo esta autora,

o trato com o sagrado parece tornar-se mais fundamental que a religião, através de um formalismo, que não obedece, prioritariamente, a um recorte substantivo. Neste caso, diria que, numa perspectiva Nova Era, importam menos a religião ou a crença e mais o modo específico de relacionar elementos e rituais. Esses elementos são extraídos do estoque global de recursos culturais, a partir de uma lista de serviços e métodos de aprimoramento pessoal e do mundo que pode se estender infinitamente. Trata-se de um estilo que torna possível combinar e incorporar materiais provenientes, inclusive, de matrizes religiosas consideradas discrepantes em relação à cosmovisão Nova Era. (...) O fenômeno Nova Era coloca os interessados, desta feita, frente a algo que se diferencia de uma unificação de discursos, no âmbito de identidades contrastivas. O esforço de cruzar e juntar domínios inusitados e, assim, suspender dualidades, traz à tona e coloca em debate um sincretismo de novo tipo: um sincretismo em movimento. (AMARAL, 2000, p.17)

Leila Amaral em seus estudos apresentados sob o título *Carnaval da Alma* menciona, ainda, a formação, no atual contexto de pluralismo, de uma nova identidade religiosa a partir de uma cultura religiosa descentralizada, errante, proporcionada pelo cruzamento de tradições religiosas e não-religiosas. Tal característica pode ser identificada durante a realização do trabalho de campo na Fraternidade Cósmica Universal. O encontro e interação de grupos heterogêneos e em constante transformação proporcionados pela casa são ocasiões de experiências que contribuem para a construção dessa religiosidade resultante de um processo de sincretismo dinâmico.

Na visão de José Bittencourt Filho – também citado no primeiro capítulo deste texto – a compreensão desse processo de sincretismo, de maneira geral, passaria pelo conhecimento das particularidades e singularidades da história de formação do campo religioso brasileiro e da autêntica religiosidade brasileira, moldados a partir da simbiose de elementos pertencentes a diferentes experiências religiosas, ainda que julgadas contraditórias ou “racionalmente inconciliáveis”. Na opinião deste autor, ao tomar para si a tarefa de moldar sua própria síntese, o indivíduo busca a construção de sua religiosidade através de diferentes experiências religiosas para além das fronteiras estabelecidas pelas religiões tradicionais. Estes comportamentos e características também podem ser observados nos encontros entre palestrantes, membros e frequentadores da Fraternidade Cósmica Universal, onde símbolos comuns a rituais de diversos segmentos religiosos, são apresentados, tem seu significado respeitado como sagrado e relacionado às experiências individuais ou coletivas, podendo, ou não, ser incorporados à prática religiosa do indivíduo. Tal atitude dependeria, exclusivamente, do estabelecimento particular de relações entre esses elementos e as necessidades do indivíduo na busca pela construção de sentido. Deve-se também considerar que a troca de vivências entre grupos distintos em qualquer esfera de relacionamento, sagrada ou não, poderia resultar na incorporação de características de forma tão lenta e gradual que seria imperceptível para os indivíduos envolvidos na experiência.

Para seu idealizador e colaboradores, a Fraternidade Cósmica Universal deve ter como principal objetivo, na realização das palestras, exatamente a criação desse espaço de confraternização dos diversos segmentos religiosos sem que se estabeleça uma relação de hierarquia entre as tradições religiosas que lá se apresentem por ocasião dos encontros para debate. Também há datas especiais nas quais se reúnem representantes de vários segmentos religiosos para participarem de celebrações, como por exemplo, durante uma oração realizada no ashram Vale do amor, em janeiro de 2011, dedicada às vítimas das enchentes que afetaram o Estado do Rio de Janeiro. Nessa oportunidade, por exemplo, estiveram presentes ao ato, católicos, budistas, kardecistas, taoistas, evangélicos e umbandistas.



Figura 45: imagem da celebração universalista realizada no Vale do Amor (site).



Figura 46: imagem da celebração universalista realizada no Vale do Amor (site).

As considerações de Danièle Hervieu-Léger, no livro *O peregrino e o convertido*, apontam para uma tendência atual que poderia ser resumida em um “crer sem pertencer” aliada a uma autonomia do sujeito da atualidade que constrói significações para sua existência, passando, assim, a ser considerado como “legislador de sua própria vida”. Tais fatores, no entanto, não deveriam ser considerados como suficientes para eleger como a-religiosos os indivíduos ou a sociedade a qual pertencem, mas para reconhecer que estes são, na verdade, o produto de um conjunto de processos de reconfiguração das crenças. Dessa maneira, o momento atual não seria de perda da religiosidade, mas sim de construção de uma identidade religiosa que deixaria de ser herdada e passaria a ser conquistada. Esses aspectos poderiam ser identificados a partir da observação do comportamento de alguns dos frequentadores da Fraternidade Cósmica Universal, pois estes, apesar de se fazerem presentes repetidas vezes em um mesmo espaço físico, não realizam uma escolha por determinado segmento religioso em detrimento de outros, ao contrário, parecem buscar no grupo, exatamente a liberdade de poder construir sua própria religiosidade a partir do contato com símbolos e cultos das diversas tradições religiosas ali representadas através dos palestrantes

convidados. Dessa forma, o indivíduo se permite a formação de um ideal religioso, de acordo com sua situação de elaboração do próprio universo – acima de uma instituição tradicional – dentro de seu propósito e disposição da busca pessoal que trará sentido à sua existência.

Em continuidade à utilização dos apontamentos de Danièle Hervieu-Léger, no sentido de entender como se caracteriza a relação do indivíduo com sua religiosidade, atualmente, pode-se lembrar, também, que para esta autora, “o desenvolvimento em proliferação das crenças, a que assistimos hoje, responde, em larga medida, à necessidade de recompor a partir do indivíduo e de seus problemas, alguma coisa desses universos perdidos de sentido” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 56). Por universos perdidos de sentido, poder-se-ia entender a perda do conhecimento auto-evidente. Pois, segundo Peter Berger, à perda da integridade ou continuidade das estruturas de plausibilidade – particularmente as que se referem aos mundos religiosos – corresponderia uma situação em que a realidade do mundo deixa de ser óbvia para o indivíduo. Dessa maneira, considerando-se o contexto atual de pluralismo religioso, observa-se que os indivíduos permanecem fiéis à sua tradição religiosa de origem, enquanto esta for capaz de dotar sua vida de sentido e significado. A partir do momento em que já não mais encontra respostas aos seus questionamentos íntimos, percebe o surgimento de lacunas e vazios que precisam ser preenchidos. Foi possível, durante a realização do trabalho de campo na Fraternidade Cósmica Universal, encontrar muitos frequentadores da casa que apresentam um histórico que se identifica com a situação descrita acima, de necessidade do indivíduo de buscar legitimações para a manutenção do seu mundo.

Entre os frequentadores da Fraternidade há também um número expressivo de pessoas que não deixaram suas religiões de origem e, inclusive, declaram-se bastante convictas e resolvidas em relação às suas escolhas religiosas. No entanto, participam das atividades desenvolvidas pelo grupo exatamente por afirmarem-se satisfeitas com a acolhida e a liberdade ali encontradas para dialogar com a diversidade religiosa. Não é raro ouvir relatos de pessoas que afirmam continuarem com suas práticas – tais como ir à missa todos os domingos, ou participarem de outros cultos e rituais de sua tradição religiosa – e, ainda assim, assistirem às palestras na Fraternidade ou participarem dos eventos ali realizados. Essa situação não parece gerar nenhum tipo de conflito íntimo, tais pessoas não se revelam ameaçadas ou vacilantes em sua crença. Segundo Danièle Hervieu-Léger, estes seriam os fiéis que ao atestar e conhecer a pluralidade das revelações na tradição do outro, inclinam-se ainda mais a reconhecer a especificidade do aporte de sua própria tradição.

Poder-se-ia, assinalar também a possibilidade de que entre essas pessoas – que se declaram firmes e conscientes de sua escolha religiosa e, portanto, pertencentes a um

determinado segmento religioso – pudessem existir indivíduos que se sentissem protegidos por um escudo, fornecido por sua pertença a uma tradição religiosa, que o resguardaria da perda de conexões com seu sagrado significativo, durante suas incursões por mundos desconhecidos.

Talvez fosse possível identificar, ainda, nesse mesmo grupo, pessoas que Peter Berger denominou como “virtuosos do pluralismo” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.54). Para este autor, esses indivíduos seriam capazes de conviver, e se orientar com segurança, em um mundo que oferece múltiplas interpretações e variadas possibilidades, equilibrando-se entre o sentimento de libertação e a exigência de abrir sempre um maior espaço ao desconhecido.

No âmbito das religiões, segundo Faustino Teixeira, os indivíduos considerados buscadores do diálogo inter-religioso seriam, portanto, aqueles que conseguiriam caminhar com segurança através de caminhos ainda inexplorados, com a certeza de que sua exposição ao mundo do outro poderá trazer-lhe riscos, pois o diálogo seria uma aventura arriscada, mas que também promove o enriquecimento mútuo (TEIXEIRA, 2010, p.159). Para este professor da disciplina Diálogo Inter-religioso, ministrada na Universidade Federal de Juiz de Fora, as pessoas que se permitem conhecer outras formas de crença, afastam-se do risco oferecido pelas convicções rígidas e pelo apego à superficialidade dos nomes e formas (TEIXEIRA, 2010, p.46).

Em sua concepção, para que o exercício do diálogo ocorra, verdadeiramente, necessário se faz ao buscador, que ele tenha atenção ao outro, que tenha consciência de que sua verdade pode ser frágil e sua visão provisória. Dessa forma, os indivíduos, ou grupos, que se mostrem dispostos ao acolhimento e à abertura poderão vivenciar a experiência da irmandade entre as religiões e compreender que a razão de ser do diálogo seria o próprio diálogo. Em suas palavras, “o diálogo não pode, em hipótese alguma, ser plataforma de conversão para uma determinada religião. Ele ‘tem seu próprio valor’, é auto-finalizado, tendo em grande estima o dado irreversível da liberdade religiosa” (TEIXEIRA, 2010, p.159). O grupo Fraternidade Cósmica Universal adota uma postura que reflete a procura pela comunhão entre as tradições religiosas e disposição ao aprendizado, sem demonstrar ter como objetivo a conversão a qualquer um dos segmentos religiosos que lá se fazem representar. A casa parece buscar, através da hospitalidade e da cortesia, o respeito à singularidade do outro. É notório o cuidado que demonstram ao lidar com o que é considerado sagrado para seus visitantes, como observado – durante a realização do trabalho de campo – quando da preparação do salão onde são recebidos os palestrantes.

Gandhi, um exemplo de buscador do diálogo afirmava que aqueles que se dedicam ao estudo reverente de outros credos, independente da fé a qual pertençam, ampliam seu coração, ao invés de estreitá-lo. Declarava ainda, acreditar ser impossível, desnecessário e, até mesmo pernicioso, estimar o mérito das diversas religiões ou atribuir-lhe rótulos que as afastassem do que para ele seria uma força motivadora comum: “o desejo de elevar o homem e sua vida e dotá-la de um propósito”(GANDHI, 2001, p.75).

Pode-se considerar, neste ponto, a guisa de conclusão da análise sobre a dinâmica do diálogo inter-religioso em geral, e da Fraternidade Cósmica Universal, em particular, que a proximidade entre as religiões, ao invés de destruir as identidades poderia fortalecê-las. Dessa forma, percebe-se que, para os integrantes do grupo, a prática do diálogo promove o enriquecimento mútuo, desde que os atores envolvidos nesse processo, compreendam, e reconheçam o fato de que cada tradição religiosa guarda mistérios intransponíveis, que são vivenciados por cada indivíduo, de maneira intransferível, durante suas experiências religiosas.

CONCLUSÃO

A título de conclusão do estudo sobre a Fraternidade Cósmica Universal, objeto desta pesquisa – quanto à busca de interação dos diversos segmentos religiosos, da intenção de construção do diálogo inter-religioso e da dinâmica das atividades desenvolvidas para esta finalidade – caberia aqui algumas considerações e reflexões sobre o grupo, a partir das observações dos encontros ali realizados.

Durante este trabalho de pesquisa, incluindo o período de visitas que antecedeu a coleta de dados propriamente, pude observar que um dos elementos que caracteriza o grupo é o cuidado e atenção que dispensam ao acolhimento das pessoas que chegam a sede para participarem dos encontros promovidos pela casa, por ocasião das palestras, reuniões de estudo ou eventos beneficentes. Ao passar pelo portão de entrada e subir a rampa que dá acesso ao salão e à cantina ou jardim, a pessoa – independente de sua relação com a casa ou motivo da presença, quer seja palestrante, membro efetivo, colaborador, frequentador em tratamento espiritual, ou, ainda, um pesquisador – é recebida com sorrisos e um abraço de boas vindas por parte do trabalhador que ali se encontra para recepcioná-la. Não foram observadas situações em que alguém, principalmente um visitante, adentrasse e não fosse prontamente atendido por um dos membros da casa. Pode-se identificar, nesta atitude, uma clara demonstração de prazer em receber quem chega.

Antes do início da palestra as pessoas reúnem-se na cantina e no jardim. Nessas oportunidades pude observar que esses momentos assemelham-se a uma reunião familiar ou de amigos, que levam para o encontro, uma grande variedade de alimentos preparados, com esmero, em suas residências e doados para a comercialização na cantina, o que é feito de maneira bastante descontraída, mas ao mesmo tempo, muito organizada. É comum ouvir as pessoas comentarem sobre suas preferências e hábitos alimentares e combinarem o que deverá ser preparado para o próximo encontro. Dessa forma, as tarefas executadas parecem não ser entendidas como uma obrigação, dedicando-se a elas aqueles, dentre os membros, que possuem habilidades culinárias ou sabem preparar um prato específico.

O mesmo se aplica a funções desempenhadas em outros setores de atividades, tais como a preparação do espaço para a realização dos eventos ou o serviço de assistência social.

Durante a fala do palestrante, quando todas as pessoas presentes se encontram reunidas no salão, o ambiente é de silêncio e atenção às palavras proferidas. Nessas ocasiões, pude observar o interesse demonstrado pela mensagem trazida para o encontro. Ainda que, em raras oportunidades, a apresentação tenha destoadado do propósito de respeito aos outros credos ou às diversas formas de interpretações do sagrado e manifestações da fé, não foram ouvidas conversas paralelas ou percebidas demonstrações ostensivas de desagrado. As pessoas que se reúnem na Fraternidade Cósmica Universal demonstram estarem abertas ao conhecimento das diversas tradições. Dessa maneira, esses encontros realizam-se numa atmosfera de cortesia e amabilidade.

Através dos convites e recepção a palestrantes de múltiplas tradições religiosas a Fraternidade Cósmica Universal demonstra sua busca consciente pelo contato com o religiosamente diverso. Tornando-se assim, um local de aprendizado sobre outras religiões, numa atitude dialogal racionalizada, pautada na abertura intelectual.



Figura 47: imagem de cerimônia indígena realizada na sede da Fraternidade Cósmica Universal (site).

A partir das observações das atividades realizadas pelo grupo, da participação nos encontros e das entrevistas com seus membros e visitantes, foi possível identificar que ali, diversos elementos se movem dentro de uma dinâmica de diálogo inter-religioso, de fato. Não se trata tanto, pois de um diálogo inter-religioso buscado como uma atividade, mas de uma dinâmica de diálogo inter-religioso. As pessoas que ali se encontram trazem para o grupo suas histórias religiosas diversas – que permanecem diversas – ou seja, as experiências individuais que formaram suas trajetórias continuam sendo parte importante na sua relação com o

sagrado. Não há, dessa forma, uma conversão ou opção por um segmento religioso, em particular. A participação nas atividades do grupo, ao não implicar numa adesão formal a uma determinada religião ou doutrina que estabeleça limites rígidos de pertença, permite que seus membros e frequentadores tenham liberdade para permanecer em suas tradições de origem, migrar para outro segmento, ou mesclar símbolos na construção de sua própria religiosidade.



Figura 48: imagem de um dos encontros religiosos realizado no Vale do Amor (site).

Ao abrir um espaço de acolhimento consciente de todas as opções religiosas e espirituais, a Fraternidade Cósmica Universal se dispõe a receber pessoas com necessidades diversas. Entre as pessoas que se aproximam, algumas chegam trazendo suas dúvidas e suas buscas por respostas, outras buscam a cura para suas dores físicas ou da alma, outras ainda, procuram o estudo sobre as diversas tradições religiosas. Independente da origem, trajetória e objetivo dessas pessoas, o grupo tem por princípio, acolher, reconhecer e respeitar essas particularidades. Dessa maneira, a casa procura possibilitar não apenas encontros, mas uma situação real de interação que permita uma enriquecedora troca de experiências e vivências, durante os eventos realizados.

Para melhor compreensão deste ponto, retorno aos apontamentos de Danièle Hervieu-Léger sobre a religiosidade peregrina. Para esta autora,

o peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento, em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e da associação temporária. A condição moderna se caracteriza, como já dissemos, pelo imperativo que se impõe ao indivíduo de produzir ele mesmo as significações de sua própria existência através da diversidade das situações que experimenta, em função de seus próprios recursos e disposições. Por isso, ele deve interpretar essa sucessão de experiências contraditórias como um caminho que tem um sentido. Isto implica particularmente

que ele consiga reconstruir sua própria trajetória pela meditação de um relato. Ora a “condição de peregrino” se define essencialmente a partir desse trabalho de construção biográfica – mais ou menos elaborada, mais ou menos sistematizada – efetuado pelo próprio indivíduo. Esta construção narrativa de si mesmo é a trama das trajetórias de identificação percorridas pelos indivíduos. Existe formação de uma identidade religiosa quando a construção biográfica subjetiva se encontra com a objetividade de uma linhagem de crença, encarnada em uma comunidade na qual o indivíduo se reconhece. Esclareçamos, imediatamente, que essa referência nem sempre implica a adesão completa a uma doutrina religiosa, tampouco a incorporação definitiva em uma comunidade, sob o controle de uma instituição que fixa as condições de pertença. Muito mais frequentemente, ela se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência. Cada um assume a responsabilidade pessoal de dar forma à referência à linhagem com a qual se identifica. Essa “religiosidade peregrina” individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.89-90).

Considerando-se, também, as afirmações de Peter Berger – assinaladas no primeiro capítulo deste trabalho – quanto à busca dos indivíduos por sentido e plausibilidade, pode-se concluir que o grande número de pessoas que frequenta a Fraternidade Cósmica Universal encontra, ali, possibilidades de atender aos seus anseios pelo contato e vivência com outras tradições religiosas através da participação em celebrações e ritos diversos. Dessa maneira, da associação entre um passado religioso, tradicional e familiar, que cada uma dessas pessoas leva para os encontros, com as múltiplas experiências que se permite vivenciar – ao participar dessa dinâmica de diálogo inter-religioso – resultaria o estabelecimento de uma identificação religiosa.



Figura 49: imagem de cerimônia hare krishna realizada no jardim da sede da Fraternidade Cósmica Universal (site).

A partir desta possibilidade, caberia aqui uma menção às conclusões de Leila Amaral, quando apresenta um ponto de vista, sobre o fenômeno Nova Era, no qual, segundo a autora, poder-se-ia perceber “um sincretismo em movimento que não exige uma

‘desterritorialização’ absoluta de identidades, permitindo, inclusive, que as próprias religiões sejam elas também errantes. Além do mais, o sujeito errante tenta combinar as ‘coisas’ dos outros, para recompô-las enquanto muda de lugar e desmontá-las novamente enquanto desocupa esse lugar”(AMARAL, 2000, p.211). Dessa forma, esta autora afirma que a realização de encontros e eventos, no contexto do movimento estudado por ela, favorece a circulação e o fluxo, em detrimento da constituição de rótulos e vínculos, na busca do indivíduo pela essência mesma da religião (AMARAL, 2000, p.210).

Há, porém, na Fraternidade Cósmica Universal, a construção de uma ritualidade inter-religiosa própria da casa, o que pode ser evidenciado através da identificação da presença dos símbolos religiosos diversos no salão destinado à realização das palestras – como, por exemplo, os livros sagrados das diversas tradições, colocados sobre a mesa/altar; a imagem de São Francisco à frente da mesa, a cruz de São Damião, na parede em frente à plateia; as fotos de Frei Luis, Vivekananda e Gandhi, organizadas nos nichos ao lado da mesa/altar, os quadros pendurados nas paredes e os objetos pertencentes ao culto de diferentes religiões, expostos sobre as mesas auxiliares – além do ritual seguido por ocasião da realização das palestras, que envolve variações da intensidade da luz no salão, bem como do volume da música ouvida no início e ao final da reunião.

A partir da compreensão de que a construção do diálogo inter-religioso é um processo dinâmico e que, portanto, ocorre através de etapas que se sucedem e evoluem, a partir de um exercício de abertura ao outro, entendo a construção do Vale do Amor como uma espécie de seta que aponta para o futuro da Fraternidade Cósmica Universal, dando continuidade, e tornando ainda mais visível, seu propósito de preservar as diversas tradições religiosas e espirituais a partir da construção de espaços que abriguem seus símbolos e sua ritualidade acolhendo e respeitando as diversas origens religiosas das pessoas e suas convicções.

A caminhada pelo Vale do Amor, e a visita aos templos já construídos, permitiu-me a observação da materialização de um ideal que não se resume em reunir apenas fisicamente as diversas tradições religiosas, mas de proporcionar um espaço onde as religiões possam ser postas juntas numa dinâmica que impulsiona, potencializa e simboliza a diversidade. Ali é possível perceber a interação entre os diferentes segmentos religiosos, dentro de um espaço religioso que respeita as trajetórias religiosas das pessoas, mas não necessariamente ligado às instituições religiosas. Dessa forma, evidencia-se um espírito de real fraternidade e comunhão.



Figura 50: imagem de minha caminhada com o idealizador do projeto pelo Vale do Amor (arquivo pessoal).

Concluo, portanto, que o grupo Fraternidade C3smica Universal apresenta-se como um espaço experiencial que a partir de uma din4mica do di4logo inter-religioso busca reunir pessoas que se mostrem dispostas 4 abertura, ao conhecimento e ao respeito pela diversidade religiosa e seus membros, os representantes de uma religiosidade peregrina que se insere no contexto da pluralidade religiosa da atualidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- AMARAL, Leila. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. 7ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 1985.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido. A orientação do homem moderno*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas - *A construção social da realidade* 29ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- (BERKENBROCK, 1997, p.135) APUD, BITTENCOURT FILHO, José - *Matriz Religiosa Brasileira*. 2003, p.64.
- BERKENBROCK, Volney José – *Provocações sobre o Diálogo Interreligioso na Perspectiva da Religiosidade – Dez teses*. Numen 18: revista de estudos e pesquisa da religião, 2007 Juiz de Fora, v.10, n.1e 2, p.25-39.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo, Editora Paulus, 1990.
- BITTENCOURT FILHO, José - *Matriz Religiosa Brasileira, religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- CRAWFORD, Robert. *O que é religião?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- GANDHI, Mohandas K. – *A roca e o calmo pensar*. 3ª ed. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2001.
- GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia minha vida e minhas experiências com a Verdade*. 6ª ed. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2009.
- GANDHI, Mohandas K. – *Gandhi e o Cristianismo*. São Paulo: Editora Paulus, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o Convertido. A religião em movimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- PORTO, Humberto; SCHLESINGER Hugo. *Líderes religiosos da humanidade*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. 2003.
- SILVA, Vagner Gonçalves da – *Neopentecostalismo e Religiões Afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo* – 2007.
- SILVEIRA, E.J.S; SILVA. J.M. apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Faustino – *O Pluralismo Inclusivo de Jacques Dupuis*. Publicado no livro: Afonso Maria Ligorio SOARES (Org.) *Dialogando com Jacques Dupuis*. São Paulo: Paulinas, 2008, pp. 153-177.

TEIXEIRA, Faustino. *Raimon Panikkar: A arriscada aventura no solo sagrado do outro*. 2010.

TEIXEIRA, Faustino. *Fundamentos e possibilidades para um diálogo inter-religioso hoje*. In AUGUSTO, Adailton Maciel (Org). *Ainda o sagrado selvagem. Homenagem a Antônio Gouvêa Mendonça*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010, pp. 155-166.

TEIXEIRA, Faustino. *A dimensão espiritual do diálogo inter-religioso*. Revista Tempo Brasileiro, nº 183, out/dez 2010, PP.45-46.

fteixeira-dialogos.blogspot.com.br

THIOLLIER, Marguerite-Marie. *Dicionário das Religiões*. Petrópolis: Editora Vozes.